

MÁRCIA QUEROBINA SANTOS DUARTE

RAIZES RURAIS NA VIVÊNCIA URBANA:

Persistências, desistências, recriações.

Ituiutaba – 1970-1985

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal de Uberlândia, como pré-requisito para a obtenção do grau de Mestre. Área de concentração: História Social.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Lúcia Puga de Sousa



Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Uberlândia-MG

JUL/2001

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MÁRCIA QUEROBINA SANTOS DUARTE

RAIZES RURAIS NA VIVÊNCIA URBANA:

Persistências, desistências, recriações.

Ituiutaba – 1970-1985

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História da Universidade
Federal de Uberlândia.

BANCA EXAMINADORA



Universidade Federal de Uberlândia – UFU

Uberlândia-MG

JUL/2001

Gustavo, Daniel, Paula e Amanda, que vocês nunca desacreditem na possibilidade de realizar o que parece impossível.

Agradecimentos

Neste primeiro exercício historiográfico, foi fundamental o papel desempenhado por várias pessoas que em várias ocasiões colaboraram com o nosso trabalho. Entre os mais próximos, devo destacar meu companheiro Ricardo que, assumindo minha parte da tarefa da administração de nossos problemas e na assistência aos filhos, possibilitou meu distanciamento para finalizar este trabalho. O seu envolvimento com idéias e sugestões tornaram-no um valioso interlocutor e estímulo significativo.

Sou eternamente grata à estimada orientadora e amiga Vera Lúcia Puga de Sousa, cujo empenho em compartilhar esta pesquisa manifestou-se desde a apresentação do projeto à finalização do texto, ainda que a responsabilidade pelo trabalho final seja inteiramente minha.

Devo registrar os meus agradecimentos aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFU, em especial aos professores Heloisa Helena Pacheco Cardoso e João Marcos Alem, cujas críticas e sugestões durante o exame de qualificação foram valiosos para o encaminhamento e efetivação do texto final. À professora Maria Clara Tomás Machado, pela inspiração que seu trabalho de doutorado significou nesta pesquisa, e também pela competência e sensibilidade com que coordenou o curso de Mestrado.

Não poderia deixar de agradecer também à Maria Helena Moura, pela prestimosa e atenta atuação junto à Secretaria do Mestrado, assim como os demais funcionários.

Os debates com outros pós-graduandos constituíram momentos privilegiados e proveitosos no enfrentamento de problemáticas que surgiram durante nossos estudos. A eles agradeço, na pessoa da colega Marlene Freitas, pelas frutíferas discussões nesse trajeto rumo à consecução de nossos objetivos.

Agradeço aos colegas do Departamento de Ciências Humanas do Instituto Superior de Ensino e Pesquisa de Ituiutaba – ISEPI / UEMG, nas pessoas de Suely Sônia Oliveira, Carmem Sylvia C. Faissol e Dalva Maria Oliveira, pelo auxílio quanto à bibliografia e proveitosas observações à temática estudada. Agradeço à Raquel Bali Cury, pelo incentivo

manifestado. Quero igualmente agradecer à Direção Acadêmica e à Direção Administrativa do ISEPI por liberar meu afastamento durante os dois meses finais do trabalho e que foram de suma importância para sua conclusão. Aos demais funcionários, minha gratidão pela presteza e disponibilidade demonstradas no exercício de suas funções.

Sou eternamente grata aos diretores da Escola Superior de Ciências Contábeis e Administrativas de Ituiutaba – ESCCAI, cuja ajuda financeira foi de fundamental importância. Pela atenção dada às minhas reivindicações, meu especial agradecimento à professora Ignez Maciel Vilela, Chefe do departamento de Ciências Complementares, ao professor Isaías Tadeu Alves de Macedo, Diretor Financeiro e ao professor Lúcio Cristaldi, coordenador de cursos. Aos valorosos colegas desta instituição e aos demais funcionários, agradeço pelo estímulo e pela convivência solidária.

É indispensável agradecer aos diretores, colegas e demais funcionários do Colégio Anglo de Ituiutaba, pelo incentivo ao meu trabalho e pelo tratamento especial dado à minha condição de mestranda.

Meu reconhecimento àqueles que me auxiliaram concretamente a preparar este trabalho. São eles Marcella Brígido de Mendonça e Túlio Cezar Guimarães, competentes auxiliares na transcrição das gravações das entrevistas.

Devo um especial agradecimento à Julieta Hanna Kalil Dib que vem me acompanhando nesse trajeto, digitando o meu trabalho, e a Alisson Z. Leal, pela criação desta capa.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que se dispuseram a registrar seu testemunho: Darcy Gonçalves da Silva, Sebastião Duarte, Maria Ambrózio, José Pinheiro, Eronides Ferreira Silvério, Aristoclides Ferreira, Antônia Maria Conceição Barbosa, “Luca” Wailde Domingues Pacífico, Manoel Barbosa, Geraldo Alves de Oliveira e Maria de Lourdes V. da Silva. Aos agrônomos Manuel Jorge Beltrão e Roberto Lima e ao Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba, Antônio José Severino, pelas informações que se constituíram em um subsídio inestimável.

Resumo

O tema deste trabalho envolve a investigação histórica da vivência de homens e mulheres que migraram da zona rural para a cidade de Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, na década de 70. A migração aqui tratada foi desencadeada pelas mudanças nas relações sociais de trabalho, decorrentes do processo de modernização do campo e seus desdobramentos: a mecanização da agricultura, a constituição, por parte dos fazendeiros, de uma mentalidade empresarial, e a substituição gradual da agricultura pela pecuária. Tais alterações nas formas de produzir marginalizaram os pequenos produtores, os parceiros e os agregados, forçando-os a retirar-se de seu meio tradicional de existência e a elaborar um novo projeto para suas vidas. Seu futuro passou a ser por eles entendido a partir da perspectiva urbana – as oportunidades de trabalhos variados, as possibilidades de garantir direitos trabalhistas, a moradia nos bairros em expansão na periferia da cidade, a assistência à saúde e a escola para os filhos. Entendendo cultura como processo de constituição de meios de vida, utilizamo-nos da fecundidade da História Oral, para investigar algumas dimensões do cotidiano destas pessoas, quer seja, suas experiências de trabalho, de moradia e alimentação, as relações sociais estabelecidas nos bairros, as possibilidades de lazer vinculadas aos valores religiosos e as visões políticas acerca da realidade em que estão inseridos. Em nosso esforço de pesquisa, objetivamos perceber na vivência urbana desses ex-trabalhadores rurais, além dos fatores de transformação, também aqueles que permaneceram ou foram recriados. Entendemos que no embate entre o rural e o urbano uma nova identidade foi construída, tanto no que se refere aos migrantes quanto no que é pertinente à cidade.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 8 |
| I - Do campo à cidade: mudança e ajustamento | 21 |
| 1.1. Alterações socioeconômicas | 24 |
| 1.2. A cidade e suas possibilidades | 49 |
| II - Viver e sobreviver na cidade: aspectos culturais na manutenção da vida | 57 |
| III - Lazer, religião e política: recriação de valores e crenças | 94 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 127 |
| ANEXOS | 132 |
| FONTES | 142 |
| BIBLIOGRAFIA | 146 |

INTRODUÇÃO

O interesse em pesquisar a vivência urbana de pessoas advindas do meio rural surgiu de um antigo estranhamento causado pelo que se pode chamar de “impacto cultural”. Saindo de um centro urbano avançado, para residir na cidade de Ituiutaba, no Pontal do Triângulo Mineiro, deparamo-nos com modos de vida que nos pareceram simplórios, tradicionalistas, pouco “modernos”. E incompreensíveis.

Ao cursar História e assumir a profissão de professora da disciplina, a idéia de buscar maior entendimento sobre os aspectos rurais na cultura da cidade nos ocupou a mente. Pensamos ser possível, ao favorecer uma compreensão um pouco mais clara sobre os processos que atuam nas pequenas histórias regionais, tornar mais acessível o entendimento da grande história da sociedade. Ao levantarmos fontes históricas, seguramente estaremos contribuindo para o aumento do acervo de dados disponíveis sobre a história desta região.

A cidade de Ituiutaba, constitui-se num pólo comercial e prestador de serviços dessa micro-região agrária, cuja atividade básica produtiva, atualmente, é a pecuária de corte, complementada pela pecuária de leite. As demais cidades que compõem essa sub-região – aqui considerada em seus aspectos físicos, socioeconômicos e políticos-culturais – ainda que admitidas suas especificidades, têm a mesma tendência em sua evolução histórica.

No início da década de 40, ocorreu no Município um processo de substituição da agricultura de subsistência pela agricultura comercial. Tal processo – que se completou na década de 60 – atraiu um fluxo migratório de trabalhadores à

procura de trabalho nas fazendas da região, saídos em especial de áreas carentes do Nordeste do País.

Durante este período, foram bastante sensíveis as transformações ocorridas na cidade, em todos os seus aspectos, à medida em que sua urbanização se processava, especialmente em decorrência da riqueza promovida pelo sucesso na produção do arroz.

Na década de 70, estando a cidade já estruturada, iniciou-se na zona rural a mecanização agrícola e subsequente substituição da agricultura pela pecuária de corte, como resposta aos ditames do capitalismo de mercado e da lógica da maior lucratividade. Este fenômeno provocou a concentração de renda nos bolsos do pecuarista, a falência do comércio agrícola e o desemprego no campo, com o conseqüente êxodo rural.

Em razão deste fator, acentuou-se na região o predomínio sócio-político de uma camada, direta ou indiretamente, enriquecida com a pecuária e, notadamente, afinada com as medidas econômicas e práticas políticas dos governos militares instalados no poder, após o golpe militar, ocorrido em 1964.

Por um lado, surgiram novas possibilidades de empreendimento urbano, em razão da notável adaptação de alguns segmentos sociais ao modelo econômico e sua política de subsídios e outros incentivos à iniciativa privada; por outro, esse mesmo modelo econômico excluiu da atividade produtiva um grande contingente de trabalhadores rurais, fossem pequenos produtores parceiros ou agregados, notoriamente descartáveis na atividade pecuária. Tal situação levou o trabalhador evadido do campo a posicionar-se diante de duas alternativas: migrar para outras regiões agrícolas e/ou industriais desenvolvidas, ou permanecer no Município e constituir-se, na cidade, numa mão-de-obra disponível para variadas modalidades de trabalho, na área do comércio e de serviços.

Nosso trabalho de pesquisa desenvolveu-se sobre o universo desses migrantes que ocuparam as áreas periféricas da cidade, desenvolvendo estratégias de manutenção da sua vida material, de seus valores e sentimentos – de sua cultura, enfim. Nosso interesse recai sobre a vivência do homem rural comum, destituído de seu modo tradicional de viver, fragmentado, mas obstinado em seu propósito de um novo projeto de existência. O propósito de percorrer os “*difíceis caminhos cotidianos da vida*”.¹

¹ José S. MARTINS. *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: HUCITEC, 2000. p. 12

A história cultural foi apontada por Vainfas como o refúgio da história das mentalidades, conceito considerado impreciso pelos historiadores que deles se afastaram, quanto às relações entre o mental e o todo social. Embora os chamados historiadores da cultura não neguem a importância dos estudos do mental, assim como reconhecem tanto a validade dos temas da mentalidade e do cotidiano quanto a legitimidade da micro-história, conectada à sociedade global, eles rejeitam hoje o conceito.

Outro aspecto a ser considerado sobre a história cultural é sua predileção pelas manifestações populares, pelas crenças, pelas festas, ou seja, pelo que é informal, preocupando-se em “*resgatar o papel das classes sociais, da estratificação, e mesmo do conflito social*”.² Diferentemente da história das mentalidades, importa muito à história cultural o lugar que indivíduos ou grupos ocupam na estratificação da sociedade.

Ainda que reconhecendo a pluralidade de caminhos alternativos para a investigação histórica, a partir de inúmeras leituras de autores, entre os quais Certeau³ Thompson⁴, Chartier⁵ e Ginzburg⁶, optamos, neste aspecto, por construir nosso caminho no próprio caminhar, permitindo às evidências apontar a direção.

Deve ser destacada que a ênfase recai sobre os próprios migrantes e não no processo de migração independente dos sujeitos. Entendendo cultura como um processo constitutivo que cria “modos de vida”⁷ específicos e diferentes, este trabalho privilegia e valoriza as dimensões da vivência social de ex-trabalhadores rurais no cotidiano urbano de Ituiutaba.

Estabelecemos marcos cronológicos considerando vivências dentro do período de 1970, em que iniciou-se o processo migratório, e 1985, quando foi encerrada a ditadura militar no Brasil. Isto explica-se em função da atuação dos governos militares no sentido de promover o capitalismo no campo, o que desencadeou o êxodo rural. Contudo, com o desenrolar do trabalho, evidenciou-se como impossibilidade absoluta

² Ronaldo VAINFAS. Da história das mentalidades à história cultural. *Revista histórica*. São Paulo: UNESP, V. 15. 1996.

³ M. CERTEAU. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995; e
_____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴ E. P. THOMPSON. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Cap. II: A maldição de Adão.

⁵ R. CHARTIER. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Rio de Janeiro: DIFEL, Bertraud, 1990.

⁶ C. GINZBURG. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1986; e
_____. *Os andarilhos do bem*. São Paulo: Cia das Letras, 1988. Pós-escrito de 1972.

⁷ Raymond WILLIAMS. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro. Zahar, 1979.

conter as lembranças que afloravam da memória de nossos narradores, acerca de suas experiências passadas que se revitalizavam e se compunham a partir de pessoas com identidades novas; e que frequentemente comparavam o passado distante com o passado mais próximo ou quase presente. Da mesma forma, lembranças dos “tempos de criança”, bem anteriores a 1970, foram tratados como subsídios valiosos neste trabalho, à medida em que participaram na composição dessas mesmas identidades.

Se os marcos cronológicos sofreram, na prática, uma certa elasticidade, o tempo e o espaço dos modos de vida estudados foram claramente delimitados: o tempo da “roça” e o tempo da cidade. Assim, as entrevistas foram encaminhadas com o objetivo de captar os modos de vida no campo tanto quanto os modos de vida na cidade.

Contudo, a questão central neste trabalho é identificar, na vivência urbana de homens saídos do campo, a dinâmica social que possibilitou as permanências, as desistências e as recriações culturais do caipira e qual a intensidade dessa influência na configuração da cidade. Ainda que houvesse no Município a circulação de pessoas entre as zonas rural e urbana e que, devido a esse fator, a cidade já comportasse, bem antes de 1970, elementos da cultura do mundo agrário, a vivência do caipira, inserida nas várias dimensões do novo espaço de vida, revigorou as características aqui apontadas.

O quadro atual reflete uma característica cultural mesclada de elementos urbanos e rurais – hábitos sócio-culturais típicos do campo são freqüentes na cidade. Caminhonetes modernas trafegando ao lado de carroças; casas situadas em bairros nobres residenciais, com certa freqüência, têm o gramado à frente de suas casas “visitado” por bois e galinhas em busca de alimentos; não causam espanto a ninguém um condutor parar seu veículo ao lado de outro, para conversar, em ruas asfaltadas e de menor movimento.

A cidade é amplamente rural nos costumes dos bairros pobres de periferia, onde os terrenos das casas nem sempre são cercados. A calçada, elemento tipicamente urbano, não raro é utilizada para plantar-se verduras, como depósito de entulhos ou estacionamento de carros, mas não como o “passeio público”, o lugar do trânsito moderno, seguro e urbano dos transeuntes. As pessoas têm por hábito andar pelas ruas com a mesma tranqüilidade de quem caminha pelas trilhas nas roças parecendo, com isso, entender que o caminho é menos perigoso que as beiras, que o mato.

Há certas práticas que se configuram como efetiva prestação de serviços: marmitas sendo enviadas pela família em ônibus urbanos e entregues cuidadosamente

no ponto-de-parada próximo ao trabalho do destinatário; e a transmissão de notícias e recados de amigos e familiares para a zona rural, por intermédio de uma rádio local, são alguns exemplos.

Por outro lado, o urbano marca presença de muitos modos: o rádio, a bicicleta, as antenas parabólicas. Nos bairros mais centrais e de visível urbanização, são também evidentes os sinais da convivência entre elementos rurais e urbanos.

A conotação “caipira” aqui implícita como sendo estilo da cidade, não é compreendida como um significado de “pura raiz rural”, como as modas-de-viola, as danças e músicas sertanejas clássicas, a linguagem oral e corporal do “matuto” do sertão, retratados por Guimarães Rosa, em “Grande sertão: veredas⁸”, ou por Antônio Cândido⁹. É um caipirismo novo que integra aos elementos tradicionais da cultura rural os elementos modernos da cultura urbana, assumidos (ou consumidos) em maior ou menor grau, tanto pela elite quanto pelas classes trabalhadoras. Em algumas situações, em nosso estudo, percebemos que indivíduos de determinada classe haviam assimilado elementos culturais característicos da outra classe, levando-nos a considerar a possibilidade de ocorrência de “circularidade cultural”, conforme apontada por Ginzburg.¹⁰

Em seu trabalho de doutorado, Maria Clara T. Machado adverte que são os cheiros, as comidas, os trabalhos artesanais, as maneiras de falar e recordar coisas, que nos possibilitam chegar até a história do mundo rural. E como proceder para reconhecer o rural no urbano e o urbano no rural?¹¹ Esta foi outra questão subjacente em nossa pesquisa.

A persistência das relações entre os dois mundos, e a maneira de ser de nossos narradores, tornou difícil inicialmente, estabelecer alguma distinção. Confirmamos com historiadores e com a literatura sobre o quanto há de imbricado e difuso entre ambos os conceitos, ainda mais quando se estuda regiões onde é intensa a relação entre campo e cidade.

Segundo Williams, campo e cidade são realidades históricas em transformação em si próprias e em sua inter-relações. Nossa experiência social concreta

⁸ J. Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

⁹ Antônio CÂNDIDO. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

¹⁰ Carlo GINZBURG. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

¹¹ M. Clara T. MACHADO. *Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)*. Tese de doutorado, USP, 1998.

dá-se nos dois espaços, da mesma forma que ocorre em outros tipos de organizações sociais e físicas, novas e intermediárias. Ainda assim, as imagens acerca do campo e da cidade persistem, conservando sua força. *“O contraste entre campo e cidade é, de modo claro, uma das principais maneiras de adquirirmos consciência, de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade. Isto, porém, dá origem à tentação de reduzir a variedade histórica de formas de interpretação aos chamados símbolos e arquétipos (...). Muitas vezes tal redução acontece, quando constatamos que certas formas, imagens e idéias importantes persistem durante períodos de grandes transformações. Mas se percebermos que a persistência depende das formas, imagens e idéias em mudança (...) podemos ver também que a persistência indica alguma necessidade permanente, que se reflete nas diferentes interpretações”*.¹²

A comunicação entre estes dois espaços, rural e urbano, é agora estabelecida pelos meios de comunicação de massa, em que a televisão tenta transformar tudo que for possível, levando a cidade até o campo, transformando valores e costumes. E ainda que os costumes do homem do campo tenham sido alterados, foi preciso buscar nos gestos, na memória e em todas as formas de pistas, nos quintais, nas moradias, nos bares e pequenas “vendas”, os sinais de semelhança com lugar rural de onde saíram. A partir da análise de usos e costumes trazidos do campo, tentamos entender como eles se modificaram ou se transformaram no espaço urbano e qual a intensidade de influência sobre o novo meio em que passaram a viver.

Dessa forma, pretendemos mostrar, neste estudo, os elementos do mundo rural que persistiram e deixaram sua marca no cenário urbano, assim como aqueles que foram abandonados ou recriados, dependendo da intensidade das forças dispostas nesse embate.

Confirmamos com Machado para quem, no embate entre culturas opostas, alguns fatores persistem e contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida, da mesma forma em que outros são fatores como que desistentes, porque favorecem a incorporação aos padrões modernos. Ao final do processo, em que confrontam-se elementos tradicionais e padrões modernos, nem tudo se perde e nem tudo se mantém – porque muitos elementos são também recriados.¹³

¹² Raymond WILLIAMS. *Campo e cidade*. São Paulo: Cia das Letras, 1989. p. 387

¹³ Maria Clara T. MACHADO. op. cit.

Sobre esses fatores, Antônio Cândido esclarece, a propósito de seu trabalho sobre o caipira paulista, que são chamados fatores de persistência, ou permanência, aqueles que contribuem para a continuidade dos modos tradicionais de vida; e de transformação os que representam a incorporação aos padrões modernos. “(...) Poder-se-ia ter a impressão de que os segundos predominam de modo absoluto. No entanto, a realidade é mais complexa (...), não permitindo ver na influência da urbanização um processo evolutivo simples e unívoco. Na verdade, os fatores tradicionais exercem ação reguladora, não raro envolvendo os outros, combinando-se a eles, integrando-os de certo modo no seu sistema. (...) Podemos dizer que a situação (...) não é de substituição mecânica dos padrões; mas de redefinição dos incentivos tradicionais, por meio do ajustamento dos velhos padrões ao novo contexto social”.¹⁴

Na pesquisa, consolidou-se um estudo do universo limitado a dois bairros onde é mais intensa a presença dos migrantes rurais – o Bairro Natal e o Bairro Junqueira – o que evidencia o privilegiamento do cotidiano na cidade, enquanto perspectiva de abordagem.¹⁵

Tratamos como sendo relevante o desvendamento detalhado das situações históricas da vivência no campo, por meio do recurso à memória de nosso narradores, significativamente, mas também lançando mão de informações e referências retiradas dos trabalhos de Cândido e Machado, e que estarão explicitados no corpo do texto.

Na execução da pesquisa, a história oral não se configurou como a única fonte histórica, mas como o principal registro com o qual trabalhamos, “*porque a história oral abre alternativas de captar o vivido no interior de uma cultura predominantemente matizada pela oralidade*”¹⁶. Além disso, possibilita o registro de narrativas as quais de outra forma não teríamos acesso, favorecendo captar a subjetividade nelas contidas, o que se constitui em elemento valioso à medida em que “*conta menos sobre eventos que significados*”¹⁷.

¹⁴ Antônio CÂNDIDO. *Os parceiros do Rio bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus modos de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982. p. 200

¹⁵ Ver Agnes HELLER. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985; e Raymond WILLIAMS. *O campo e a cidade - na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989; e Pierre NORA. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História*. PUC-SP, nº 10, 1993. p. 7-28

¹⁶ Charles D’Almeida SANTANA. *Fatura e ventura camponesas*. Trabalho, cotidiano e migrações. Bahia: 1950 – 1980. São Paulo, Annablume, 1998. p. 20

¹⁷ Alessandro A. PORTELLI. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, nº 14, 1997. p. 25-39

Para Portelli “*não temos pois a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos (...) que podem ser analisados e estudados por técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaboradas por disciplinas precisas como a lingüística, a narrativa, ou a teoria da literatura*”.¹⁸

Embora as fontes escritas tenham tido um papel importante, os depoimentos, pelas razões apontadas, foram centrais. Isso implicou considerar não apenas as palavras e as frases registradas no gravador, mas captar a plenitude do depoimento, procurando fazer com que eles não deslocassem nem substituíssem a pesquisa e a análise histórica¹⁹. Esperamos, modestamente, que nosso esforço nesse sentido tenha sido razoavelmente bem-sucedido.

Nessas perspectivas, procuramos trabalhar a história oral como repleta de significados manifestados pela expressividade do corpo, buscando, na medida das nossas possibilidades, explicitar o conteúdo das palavras, além do que era exposto pelos vocábulos.

Trabalhamos todo o texto estruturando-o nos depoimentos e utilizamos as demais fontes com o objetivo de construir os contextos históricos e substanciar as argumentações. Excetuando-se a questão central de identificar permanências, resistências e recriações, já explicitado anteriormente, o recurso a autores dependeu de questões que foram levantadas nos depoimentos. No dizer de Thompson, o historiador deve utilizar-se das evidências que testemunham um processo real, deixando-se conduzir pela “lógica histórica” e não usar a teoria como “camisa de força”.²⁰ Sobre a evidência do processo histórico que nos propusemos investigar, pudemos dispor de fontes vivas que dispuseram-se a participar na reconstrução de sua história.

Portanto, as evidências empíricas são preponderantes nesta narrativa. As incursões teóricas foram empreendidas à medida em que trajetórias e depoimentos iam sendo cruzados, no exercício de se contar uma história. Pesquisadores como Ginzburg foram recuperados à proporção em que os depoimentos apontavam para suas reflexões

¹⁸ Alessandro A. PORTELLI. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significados nas memórias e nas fontes orais*. Revista Tempo, p. 34. Ver também do autor: Forma e significado na história oral. A pesquisa como experimento em igualdade. *Projeto História*, nº 14, 1997. p. 7-24

¹⁹ M. FERREIRA e Janaína AMADO. (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p. 17

²⁰ E. P. THOMPSON. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, Cap. VI e VII. p. 34-62

teóricas. A dinâmica por ele conceituada como “circularidade cultural”²¹ – relação de influxo recíproco, permeada por uma filtragem exercida pelos valores e condições de vida de uma classe e outra – foi percebida, por exemplo, clara, no caso das leituras empreendidas por Darcy, um de nossos narradores. Da mesma forma, recorreremos ao conceito de exploração em Thompson, quando relações de poder eram mascaradas pelos ritos de paternalismo, de apadrinhamento e de deferência, ou a suas reflexões sobre as diferentes concepções de trabalho nas comunidades de agricultores e na sociedade capitalista.

Este estudo foi organizado em três capítulos, o primeiro deles, intitulado “Do campo à cidade”, mudança e ajustamento, tem como função central destacar o contexto histórico socioeconômico em que ocorreram as migrações, assim como evidenciar como os trabalhadores vivenciaram as primeiras experiências de ajustamento aos bairros urbanos para os quais transferiram-se. Tentamos retratar a cidade por meio da perspectiva do memorialista, Petrônio Rodrigues Chaves, da visão oficial, transmitida pelo jornal local, e daquela proporcionada pelos depoimentos de nossos entrevistados.

O segundo capítulo, “Viver e sobreviver na cidade: aspectos culturais de manutenção da vida”, trata de uma questão central em nosso trabalho que é a de apreender formas de vida material que, admitidas ou rejeitadas, possibilitaram as permanências, as (re) adaptações, os reajustes e recriações do homem rural em seu viver urbano. Consultando a memória dos narradores, buscamos retratar as transformações ou manutenções culturais em suas formas de trabalho, em suas moradias e em seus hábitos alimentares e perceber a forma como tais situações eram por eles visualizadas.

O terceiro capítulo, “Lazer, religião e política: recriação de valores e crenças”, preocupa-se em identificar as maneiras dos entrevistados perceberem o mundo e de nele situarem-se. Assim, as relações de solidariedade e vizinhança, as possibilidades de lazer e a visão sobre questões políticas e sociais foram contempladas, de maneira a perceber que o tempo da cidade possibilitou tanto a construção de uma visão crítica acerca de aspectos da realidade em que estão inseridos nossos narradores, quanto a adoção de estratégias de acomodação às situações que se lhes impunham.

²¹ GINZBURG, Carlo. op. cit.

As primeiras entrevistas foram feitas a partir da intermediação de terceiros e de contatos nas feiras livres. Inicialmente, o critério foi o de serem sujeitos que tivessem vivenciado suas experiências no campo, no mínimo, até a adolescência, e que, em decorrência das transformações nas antigas relações de trabalho viram-se forçados a evadir-se do campo. Outra condição é que sua migração se tenha dado a partir de 1970, admitindo-se recuar, em casos excepcionais, até o final da década de 60, e que habitassem os dois bairros – Junqueira e Natal, ou em outras áreas próximas.

Alguns entrevistados já eram conhecidos e muitos outros foram por eles indicados. Após os primeiros contatos, selecionamos onze depoentes que se impuseram em razão de terem demonstrado maior interesse e entusiasmo em relatar suas histórias de vida. Ainda assim, enfrentamos alguns percalços diante das indagações sobre política local e as relações de trabalho, que foram tratados, exceto em dois depoimentos, com muita cautela.

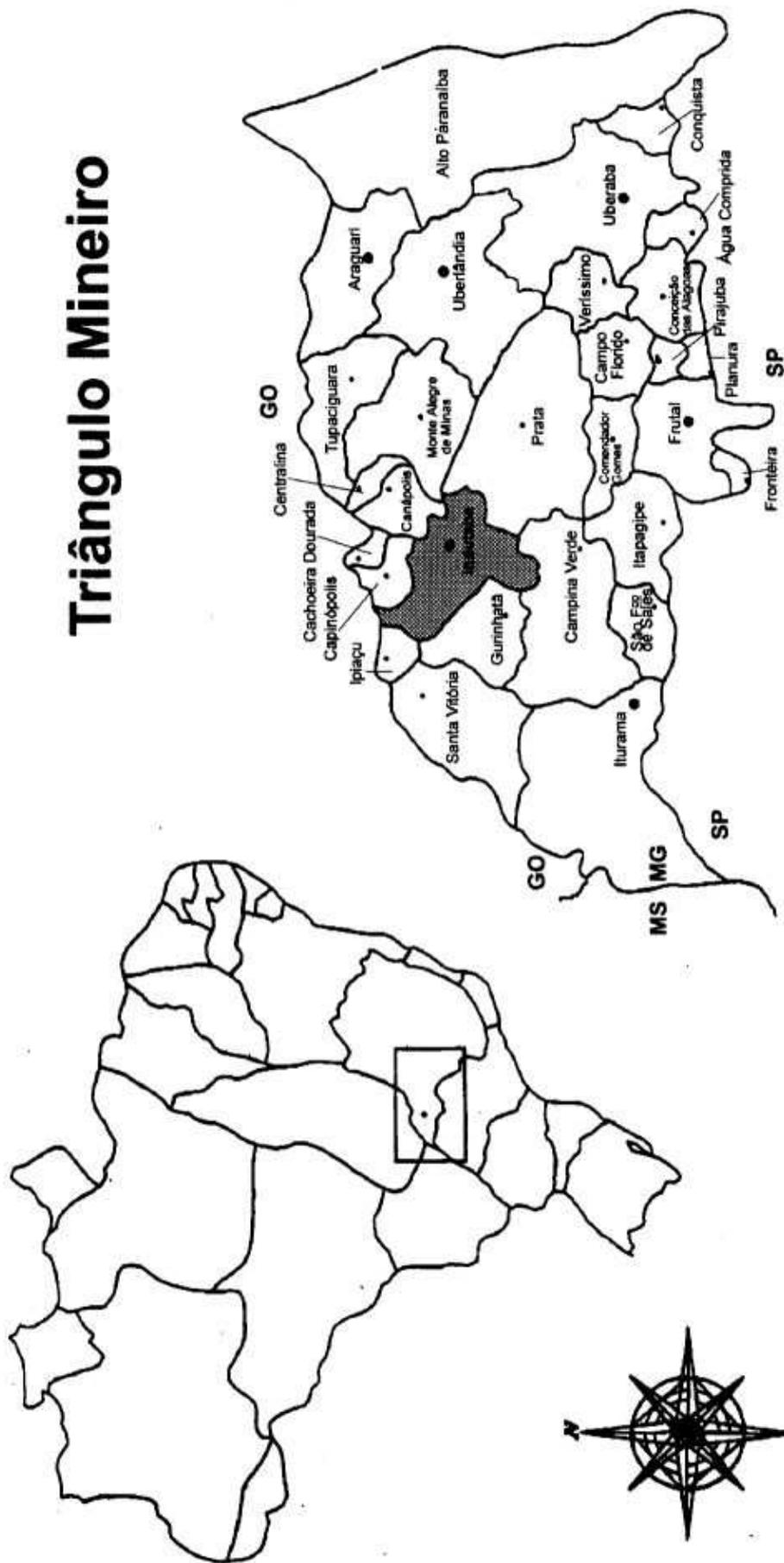
Todos os nossos entrevistados residem nos dois bairros relacionados ou em suas proximidades: Darcy Gonçalves da Silva, 51 anos de idade, exerceu atividade na roça ajudando a família na pequena propriedade. Na cidade trabalhou como frentista, cobrador e carteiro e hoje é proprietário de um pequeno armazém/bar. Sebastião Duarte, 74 anos de idade, exerceu atividades de meeiro e agregado na zona rural. Na cidade, iniciou a atividade de zelador doméstico, mas com o tempo tornou-se jardineiro, profissão que ainda exerce. Geraldo Oliveira, 70 anos de idade, trabalhava na roça como meeiro, junto ao pai. Na cidade, o primeiro trabalho foi em máquina de arroz e, posteriormente, no matadouro municipal. Hoje é churrasqueiro. Luca, nome verdadeiro Wailde Pacífico Domingues, 73 anos de idade, desenvolvia atividades domésticas e ajudava nos serviços da lavoura, na fazenda onde a família era agregada. Na cidade, trabalhou, nos primeiros anos, como lavadeira e, posteriormente, auxiliar de cozinha em banquetes residenciais. É hoje, doceira. Antônia Maria da Conceição Barbosa, 51 anos, é hoje dona-de-casa. No pequeno sítio de propriedade familiar, onde morou até a década de 70, “fazia de tudo”, até trabalhar na lavoura. Maria de Lourdes, 52 anos de idade, na fazenda, onde o pai era agregado, lavava, passava e cozinhava; na cidade, trabalhou como empregada doméstica e hoje é doceira. Eronides Ferreira, 63 anos de idade. Trabalhou como pequeno produtor e proprietário de “venda”, na zona rural. Na cidade, foi proprietário de um bordel, durante alguns anos. Posteriormente, tornou-se produtor de guariroba (palmito amargo) e feirante. Aristoclides Antônio Ferreira, 75 anos de

idade. No tempo da roça era meeiro. Na cidade, tornou-se comerciante de “secos e molhados”. José Pinheiro Filho, 71 anos de idade. Na fazenda era meeiro. Na cidade, nos primeiros anos, continuou trabalhando em fazendas, construindo fornos de carvoeira. Posteriormente, tornou-se carpinteiro e pedreiro. Hoje, está aposentado. Manoel Barbosa, 59 anos de idade. Na roça, trabalhava como meeiro. Na cidade, ainda trabalha como feirante. Entre 1970 e 1973, trabalhou na construção civil em várias cidades. Maria Ambrózio, 70 anos, trabalhava, na roça, tanto nas atividades domésticas quanto ajudando na lavoura. Na cidade, assumiu a atividade de dona-de-casa.

Além desses depoimentos, entrevistamos alguns fazendeiros, que pediram para não serem identificados. Outras entrevistas, que significaram informações valiosas foram as de Antônio José Severino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba; de Roberto Lima, agrônomo e funcionário da EMATER; e de Manuel Jorge Beltrão de Castro, coordenador-gestor de programas da EMATER, aposentado.

Todas as entrevistas foram registradas por meio do gravador, mas é importante ressaltar que muitas de nossas considerações neste trabalho alicerçaram-se em conversas nas feiras e outros pontos de contato, assim como em nossa própria observação empírica das vivências rurais e urbanas.

Triângulo Mineiro



■ Área atual do Município de Ituiutaba: 2.694 km²

Fonte: Adaptado do Atlas Gráfico Escolar de Minas Gerais - 1979
Digitalização: Gustavo Adolpho S. Duarte

MAPA DE ITUIUTABA CDDIVISÃO DE BAIRROS



I

Do Campo à Cidade: mudança e ajustamento

A pretensão, no presente capítulo, é propiciar uma contextualização que permita visualizar e localizar nosso objeto de estudo no espaço e no tempo histórico. Dessa forma, entendemos ser possível, ao final do trabalho, a percepção daquilo que se configura como transformação, como manutenção ou como recriação cultural.

A economia mundial, após a crise do petróleo, em 1973, não entrou em colapso, mas enfrentou uma depressão econômica, com redução da produção industrial nos Países desenvolvidos em 10% em apenas um ano e o comércio internacional em 12%.

Na América latina cessou o crescimento do PIB per capita e a maioria das pessoas empobreceu na década de 80. O aumento da desigualdade social provocou a intensificação do número de miseráveis e de sem-tetos²² nas ruas.

Os patronos do estado do bem-estar defendiam que o pleno emprego e os altos salários haviam ampliado o consumo responsável pela expansão das décadas anteriores, e os neoliberais afirmavam que tal política impedia o controle da inflação e o corte dos custos, quanto nas empresas quanto no Governo, impedindo o crescimento econômico.

Segundo Hobsbawm, os defensores da economia Keynesiana das décadas de 50 e 60 não foram bem-sucedidos, porque eram limitados por seu compromisso político e ideológico com o pleno emprego, com o Estado do Bem-estar e com a política de consumo do pós-guerra. A seu ver, esse modelo foi solapado pela globalização da

economia após 1970, que pôs os governos de todos os Estados – exceto os EUA – dependentes do mercado mundial.²³

Ainda segundo o autor, os neoliberais também estavam desorientados. Eram obrigados a nortear suas economias, enquanto tentavam convencer que estavam apenas estimulando as forças do mercado. Mas não se preocupavam com as injustiças sociais do capitalismo de mercado irrestrito, mesmo quando não produzia crescimento econômico, como o Brasil na década de 80.

A tendência geral da industrialização foi substituir a mão-de-obra pela capacidade das máquinas. O desenvolvimento da tecnologia e o crescimento da indústria nas décadas anteriores, entretanto, não provocou dispensa de trabalhadores, como nas décadas de 70 e 80.

Os Países pré industriais e os novos pré-industrializados passaram a ser orientados pela lógica da mecanização, que dispensou o trabalho do homem – mais caro que as máquinas – e pela competição de livre comércio mundial. No Brasil, em que a mão-de-obra sempre foi mal remunerada, a indústria automobilística passou a ter mão-de-obra excedente, devido à mecanização o que, de resto, também atingiu o campo.

Juscelino Kubitschek, que se elegera presidente do Brasil em 1955, abriu as fronteiras brasileiras ao capital externo, oferecendo uma série de estímulos econômicos. Durante o governo de João Goulart, o capital internacional sofreu recuos, como a encampação nacional de algumas empresas estrangeiras e a regulamentação de remessa de lucros para o exterior. Para impedir a efetivação das reformas de base pretendidas pelo Governo, as multinacionais se uniram ao bloco que derrubaria o Governo em 1964.

O regime militar, instaurado com a deposição de João Goulart, além de liberar a remessa de lucros, criou mais condições para que esses lucros aumentassem, eliminando as garantias de emprego, a fim de reduzir os gastos com a mão-de-obra. Para patrocinar o crescimento do grande capital, o Estado se modernizaria e as reformas fiscais garantiriam o financiamento de grandes projetos, com os incentivos fiscais, especialmente na compra de terras e no desenvolvimento de projetos agropecuários.

Países como o Brasil, que passaram a ter suas economias planejadas pelo Estado, produziram burocracia, corrupção e desperdício, mas também uma taxa de

²² Sem-tetos: pessoas que não têm casa ou qualquer outro lugar para morar. No Brasil, são frequentes as situações em que os sem-tetos passam a “morar” embaixo de viadutos ou a dormir em calçadas, debaixo de marquizes.

²³ HOBBSAWN. A era dos extremos. O breve século XX - 1914 – 1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

crescimento anual de 7% durante décadas, transitando para a condição de economia industrial moderna.

O modelo de crescimento adotado e iniciado mais exatamente após 1930, com a opção desenvolvimentista, embora vitorioso em diversos aspectos, não parece ter conseguido superar o subdesenvolvimento. Foi desenvolvimentista na economia e conservador nas relações sociais, especialmente no que diz respeito às populações rurais, que até 1960 eram predominantes. Forneceu infra-estrutura ao capital, subsídios, insumos, mas não realizou reformas estruturais necessárias que solidificassem o processo de desenvolvimento. Na verdade, em 1980, no fim do ciclo de crescimento, o País viu agravada sua dependência do exterior, devido ao grande endividamento externo. A base produtiva passou a servir mercados de rendas mais altas. O excedente estrutural de mão-de-obra conduziu a baixos salários.

No campo, a terra continuou concentrada, frustrando milhares de famílias, e não foi constituída uma base sócio-cultural que permitisse a construção da cidadania e de padrões de igualdade social.²⁴

Os militares haviam se associado aos grandes proprietários de terra e, objetivando concretizar transformações econômicas, expandiram o capital associado à propriedade de terra.

Segundo José de Souza Martins, *“as políticas de subsídios à agropecuária e, sobretudo a política de incentivos fiscais, que teve amplas conseqüências na ocupação da Amazônia Legal pelas grandes empresas do sul e do sudeste, e que teve também grandes conseqüências na execução de projetos de reflorestamento, foram a garantia de que o Estado militar se empenhava nessa associação”*.²⁵

Quando ao longo dos anos 80, arrefeceu o impulso de crescimento rápido, tais fragilidades voltaram a aparecer, em decorrência da combinação de várias causas: a perda da capacidade industrial, a crise agrária transferiu para a cidade um contingente populacional incapaz de ser absorvido pela economia urbana, o financiamento externo interrompeu-se e o Estado tornou-se deficitário.

Para superar a crise, as elites adotaram o modelo neoliberal, como resposta às condições e desafios impostos pela globalização.

²⁴ Ver Emir SADER, César BENJAMIN e outros. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.

²⁵ José de Souza MARTINS. *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 91

1.1 - Campo e cidade: alterações sócio-econômicas

No curso do período em análise, entre 1970 e 1985, os municípios da sub-região do Pontal do Triângulo Mineiro sofreram significativas alterações tanto no campo quanto na cidade. No campo, os projetos governamentais de extensão rural, a concentração de terras, o avanço sobre o cerrado, a prioridade dada à pecuária em relação à agricultura, provocaram a saída dos trabalhadores rurais para as cidades próximas e, não raro, para outras localidades brasileiras consideradas mais promissoras.

Nos depoimentos colhidos, houve alegações de nossos narradores sobre um fator que lhes parece significativo para o entendimento da saída de muitos trabalhadores do campo: o Estatuto da Terra, de 1964. Neste sentido, é significativo tecermos algumas considerações a esse respeito.

A principal finalidade do Estatuto da Terra consistia em promover a demarcação das terras e sua legalização. Contudo, é bastante aceitável a perspectiva que têm alguns analistas de que o Estatuto foi um instrumento de legitimação do regime de propriedade, pois consistiu numa proposta que permitiu ao Estado administrar os conflitos sociais no campo.

Sobre as reais intenções do novo governo militar, Martins adverte que “*o Estatuto da Terra não foi feito para concretizar o sonho de terra dos trabalhadores rurais. Foi feito para reprimir as lutas pela terra que vinham crescendo desde o fim da Segunda Guerra Mundial para evitar que uma vitória dos trabalhadores contra os grandes proprietários destruísse a aliança política que, desde a proclamação da República, é a base do Estado brasileiro e do poder político no Brasil: a aliança entre grandes capitalistas e proprietários*”.²⁶

Esclarecendo não ser, particularmente, a razão de sua saída do campo, e demonstrando na entonação da fala, no olhar e no gestual um certo receio em falar no assunto, alguns dos entrevistados passam a impressão de que a lei acabou sendo prejudicial aos trabalhadores, na medida em que os sindicatos se configuravam como uma força de pressão e ameaça aos patrões. Na verdade, é mais ou menos consenso que a legislação trabalhista no campo está intimamente associada à saída de trabalhadores

²⁶ José de Souza MARTINS. *A reforma agrária e os limites da democracia na Nova República*. São Paulo: HUCITC. p. 49

residentes no campo para a cidade ou à sua conversão em trabalhadores assalariados temporários.

*“A expulsão do trabalhador residente representou a liberação da terra para os fazendeiros e a extração da renda territorial, além do lucro, onde antes havia cultivo do próprio trabalhador. Os direitos trabalhistas libertaram a terra e a renda territorial naqueles setores e parcelas em que estavam sendo divididos com os trabalhadores”.*²⁷

Ou seja, a questão da “ameaça aos patrões” está mais relacionada à construção de uma interpretação errônea, ou pelo menos, que não se justifica integralmente, na maior parte dos casos. Demitir os trabalhadores significou uma vantagem para os patrões, o que exigia um argumento justificador e legitimador, do tipo “somos forçados a demitir”.

Segundo o depoimento de Darcy, pequeno proprietário de bar/armazém:

*Os pobrema cumeçaru com as lei dos homi lá em cima. Arguns dos trabaiaadô cumeçaru a procurá os direito na justiça. Quando os sindicato dero em cima, os patrão cresceru (zangaram-se), cumeçaru a ficá cum medo e a mandá gente imbora. E aí, plantaro braquiara.*²⁸ (sic)

Acerca dos governos de exceção instalados no País em 1964 e de suas políticas excludentes e concentradoras de renda, ainda que indagados a respeito, alguns de nossos narradores não demonstram ter percebido, à época, nenhuma relação com a sua saída do campo, o que se pode resumir na afirmação: “*óia, dona, dessas pulítica eu num sei nada, não*”.

Na procura de apreender a cultura enquanto modos de vida, investigando o cotidiano dos trabalhadores rurais deslocados para a zona urbana, percebemos o quanto é importante buscar além da recordação verbalizada. Em alguns momentos divisamos que entre o que era dito e como era dito – os gestos, a expressão corporal e o linguajar – havia um certo descompasso onde era importante encontrar o elemento de harmonia.

A preocupação em falar corretamente ocorreu em alguns casos, como a querer demonstrar uma nova identidade urbana adquirida, como se considerassem inadequado viver há tanto tempo na cidade e ainda falar à maneira da roça.

²⁷ José de Souza MARTINS. *Não há terra para plantar neste verão*. p. 84

²⁸ Darcy Gonçalves da Silva. 51 anos de idade. Depoimento colhido em 24/04/2000.

Ainda que relembando com nostalgia e em certos aspectos idealizando situações, muitos de nossos narradores concordam sobre as dificuldades da vida no campo: solidão, trabalho árduo, “canseira”, que aos seus olhos, hoje, de pessoas ajustadas ao meio urbano, parece surpreendente que tenham suportado.

Segundo Thompson, o trabalho de sol a sol, na época das colheitas, pode parecer natural numa comunidade de agricultores porque é a natureza que obriga a colher os grãos antes que faça mal tempo. Isso é visto e aceito por eles como uma obrigação de profissão porque entendem estar atendendo a uma necessidade concreta. Outra observação do autor é que se na comunidade a obrigação de profissão é comum, não existe grandes diferenças entre trabalhar e “passar o tempo”, pois as relações sociais e de trabalho estão interligados, no sentido de que é possível o dia de trabalho “esticar” ou “encolher” de acordo com a tarefa. Mas o mesmo não ocorre entre homens habituados a trabalhar pelo relógio, quando se trata de venda de trabalho, em que “o tempo se torna dinheiro – não passa, gasta-se”.²⁹

Nesse ponto, é importante considerar a ambigüidade e contraditoriedade do mundo no meio rural. Se por um lado foi transformado por equipamentos e inovações tecnológicas – inclusive pelos aparelhos de TV – por outro, permanecem as situações de baixa produtividade e de técnicas ainda tradicionais, insuficientes para fazer frente às exigências do mercado, ou mesmo para atendimento das necessidades de sobrevivência material.

Segundo Machado, *“este não é um mundo idealizado, é um mundo de muitas dificuldades, marcado pelo trabalho e as incertezas, de poucas técnicas e de baixa produtividade. É também um mundo ou um tempo transcorrido, transformado pelos financiamentos governamentais; pelas inovações tecnológicas; pelos equipamentos e máquinas agrícolas sofisticadas; pelas estradas construídas e asfaltadas; pelas super safras; pelas terras despossuídas ou ampliadas; pela impossibilidade para alguns de sobreviver na terra; pelas novas relações comerciais estabelecidas com o mercado; pelas novas relações de trabalho, assim como por novos atores sociais; pelo desemprego ou emprego sazonal; pelas novas formas de pensar e agir surgidas em decorrência de tudo isso”*.³⁰

Em geral, alguns agentes apontavam como obstáculos à modernização no campo a “ignorância e o analfabetismo” do homem rural. Seus padrões culturais

²⁹ E. THOMPSON. O tempo, a disciplina e o capitalismo industrial. In SILVA, T. Tadeu da (org): *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.

materiais, na perspectiva urbana, eram vistos como instrumentos arcaicos, de práticas rotineiras que “precisavam” ser substituídos por práticas “modernas” como a curva de nível, a vacinação preventiva do rebanho, o combate às pragas, a utilização de herbicidas, fertilizantes e de maquinaria de tração mecânica. Tais insumos agrícolas têm custo alto, não raro incongruentes com os preços agrícolas. Para José de Souza Martins, não houve nos processos de modernização uma ação econômica que fosse efetivamente compatível com a “*remuneração do capital investido, em termos capitalistas, afastando assim, a hipótese de uma política econômica global que considerasse a relação indissolúvel entre o rural e o urbano, a sua interdependência*”.³¹

No seu entender, eram diversas as publicações destinadas ao homem do campo que, utilizando-se de linguagem própria do homem da cidade, propunham instrumentos modernizantes sem, em contrapartida, proporem o capital e as suas formas de reprodução. Dessa maneira, foram recorrentes os temas como “resistência à mudança” e que acabaram por desencadear ações modernizantes com a participação de agentes (agrônomos, assistentes sociais rurais, entre outros) que não raro, ainda hoje, enfrentam dificuldades de comunicação com o homem rural.

É bastante conhecido o antigo estereótipo do homem rural magro, desmazelado, preguiçoso e rotineiro cuja melhor descrição foi o Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, personificado no cinema por Mazzaropi. A contrapartida a esse estereótipo negativo eram as virtudes encontradas no homem da cidade. A ideologia da urbanização parecia propor a urbanização do mundo rural, como forma de levar até ele os avanços típicos da vida urbana, ou seja, o “progresso” e o “êxito”.

Ainda assim, na visão de alguns agrônomos entrevistados, a atividade dos agentes modernizadores nem sempre foi inócua, porque há vários setores de economia agrária que comportam a adoção de técnicas modernas, como o sistema de arrendamento utilizado para fixar mão-de-obra nas áreas em que ela é escassa e tem alto preço. Igualmente significativa no êxito da modernização em certas áreas foi, e ainda é, a interação aproximadora dos técnicos com a população rural, o que leva os produtores às vezes, a adotar práticas novas e a comprar equipamentos.

Mesmo que em alguns depoimentos tenha ocorrido alegações do tipo “*a experiência no campo não foi boa*”, é inegável que a memória cultural rural se faz

³⁰ M. Clara T. MACHADO. *Cultura e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950 – 1985)*. Tese de doutorado defendida na USP, em 1998. p.28

presente em muitas práticas, representações e manifestações “*nos pequenos sinais da vida cotidiana, que podem ser traduzidos nos objetos materiais, nos santos de devoção guardados e cultuados, nos ditos e provérbios populares com os quais procuram expressar a sabedoria e as experiências de vida nas comemorações das festas religiosas e populares nas quais se renova a fé e tornam o reencontro possível, nos sabores, quitutes e comidas típicas, na preferência pelas antigas modas sertanejas ainda entoadas, nas crenças em benzeções, chás e remédios caseiros a que ainda recorrem*”.³²

O município de Ituiutaba, fundado em 16 de setembro de 1901, está localizado no Pontal do Triângulo Mineiro. De acordo com os censos de 1995, dispõe de uma área de 2.694 km², sendo 24,2 km² de área urbana e 2.669,8 km² de área rural, com uma população de 91.279 habitantes, sendo 84.738 na área urbana e 6.541 no meio rural, se caracterizando por apresentar solos com uma certa variabilidade. O clima é tropical úmido, com temperatura entre 18^oC e 34^oC. O período chuvoso vai de outubro a março, o índice pluviométrico é 1.445 mm, em média anual. A vegetação predominante é o cerrado, com solo ácido, superfície plana, e umidade relativa do ar em 73%, também em média anual.

Nas proximidades dos grandes rios que banham a região – Rios Paranaíba, Tijuco e Prata – há uma larga faixa de solo que apresenta excelente fertilidade, influenciada pelo material que provém do intemperismo de rochas basálticas, mas que muitas vezes apresenta problemas de pedregosidade.

Na proporção em que se distancia dos rios, o solo é constituído de outro tipo de rocha, o arenito, material que contribui para a formação de solos mais arenosos e de menor fertilidade.³³

Na década de 50, o município de Ituiutaba primava pela economia centrada na agricultura. Eram cultivados 93.353 ha de lavouras, com destaque para a cultura de “arroz de sequeiro”³⁴, com 38.720 ha; o milho, com 23.232 ha; algodão, com 16.940 ha e feijão com 8.712 ha. As demais áreas eram cultivadas com mandioca, cana-de-açúcar, banana e laranja. O rebanho bovino cadastrado, segundo os dados do IBGE, era de

³¹ José de S. MARTINS. *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975. p. 26

³² Maria Clara T. MACHADO. op. cit. p. 29

³³ Dados fornecidos por Manuel Jorge Beltrão de Castro, coordenador/gestor de programas da EMATER (aposentado), em entrevista a 08-01/2001.

³⁴ Arroz de sequeiro: denominação do tipo de arroz plantado na terra seca, diferentemente do sistema de se plantar arroz com 20cm de água na base.

200.000 cabeças. Na década de 60, as áreas cultivadas com as referidas culturas se viram reduzidas em dois terços, caindo para 32.948 ha. O mesmo aconteceu com o rebanho bovino, que se reduziu para 129.940 cabeças. Ainda nesta década, ocorreu a redução da área do Município, decorrente da emancipação dos distritos. A área da agricultura, em 1970, passou para 35.836 ha e o rebanho bovino para 83.972 cabeças, com uma produção de leite “in natura” de 5.434.000 l e 3.023 toneladas de carne ao ano. A partir da década de 80, houve um declínio bastante significativo na produção agrícola, com redução de área cultivada para 19.841 ha. Em contrapartida, houve expressivo aumento do rebanho bovino para 166.886 cabeças. A produção de leite atingiu 20.807.000 litros e a produção de carne aumentou para 6.384 toneladas. Tais dados evidenciam a prioridade dada à pecuária em detrimento da agricultura. Tal fator, entre outros, provocou dispensa de mão-de-obra e o conseqüente movimento de trabalhadores rumo à cidade.

A cidade inclui-se entre as de médio porte e possui uma excelente infraestrutura urbana: grande parte das ruas e avenidas asfaltadas; água tratada, energia elétrica e rede de esgoto em mais de 95% das residências.

No tocante a área industrial, instalou-se um dos maiores frigoríficos do País, com capacidade de abate de 1.200 cabeças/dia, que faz parte do Grupo Bertin, responsável por 47% da carne exportada; a fábrica de leite em pó da Nestlé, considerada a maior da América Latina, com capacidade instalada para processar 1.350.000 litros de leite/dia;

O laticínio “Canto de Minas”, com capacidade de processar 50.000 litros de leite/dia e que produz Iogurte, Queijos e Bebidas Lácteas; o “Arroz Dólar Ltda”, indústria de processamento de arroz com capacidade para 70.000 fardos de 30 kg/mês; uma unidade de beneficiamento da “Novartis Seeds”, com capacidade de processamento de 1.200.000 sacos de milho híbrido e que corresponde a 70% de beneficiamento da Empresa; um parque cerâmico com 13 indústrias especializadas na produção de telhas; a Algodoeira Algoit de Ituiutaba, com capacidade de processamento de 700.000 arrobas e 20.000 fardos/ano.

No que se refere à prestação de serviços, a cidade acomoda 10 Agências Bancárias; várias escolas de Ensino Fundamental e Médio; 2 estabelecimentos de Ensino Superior que oferecem, na totalidade, 16 cursos; e as unidades do SESI e do SENAI que trabalham em conjunto para oferecer cursos variados, com duração média

de um mês. Existem vários cursos de línguas e de formação técnico-profissionalizante. A Fundação Cultural, o Conservatório Estadual de Música abrem possibilidades para as manifestações culturais e artísticas do povo tijucano³⁵. Aqui, é importante salientar que a cidade veio a se transformar no polo cultural, comercial e prestador de serviços dessa micro região, em que as demais cidades acabam por se beneficiar.

Conforme se verifica no Quadro I, a população do Município em 1950 era maior na zona rural (42.761 habitantes) que na zona urbana (9.711 habitantes), pois ainda estavam incluídos os dados referentes aos distritos.

QUADRO I

| Evolução da população residente | | | | | |
|---|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Município de Ituiutaba – 1950 - 1991 | | | | | |
| POPULAÇÃO RESIDENTE | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
| URBANA | 9.711 | 30.698 | 46.784 | 65.153 | 78.213 |
| RURAL | 42.761 | 37.520 | 17.444 | 9.094 | 6.371 |
| POPULAÇÃO TOTAL | 52.472 | 68.218 | 64.228 | 74.247 | 84.574 |

FONTE: IBGE – Agência Ituiutaba

Entre as décadas de 50 e 60, é também possível constatar que houve um aumento acentuado da população urbana (de 9.711 habitantes para 30.698 habitantes) e que a razão não se encontra apenas na redução da população rural. Conforme se verifica no Quadro I, o número de pessoas que deixaram o campo (5.241 habitantes) é inferior ao que passou a viver na cidade (20.987 habitantes).

Na zona urbana ocorreram significativas transformações no período, devidas à atração que a cidade passou a exercer sobre um determinado segmento social seduzido pelas possibilidades econômicas que então se apresentavam. Ituiutaba passou a abrigar profissionais liberais e comerciantes em potencial vindos de outras cidades de Minas Gerais e outros estados do País. Grupos de sírio-libaneses também são atraídos e montam na cidade seus estabelecimentos comerciais participando ativamente no desenvolvimento da cidade. Proliferaram os armazéns de estocagem de grãos e de beneficiamento de milho, mandioca , e especialmente de arroz.

³⁵ Tijucano: denominação popular dada ao habitante da cidade de Ituiutaba, em referência ao primeiro nome dado à cidade – São José do Tijuco. Tijuco é também o nome do rio que banha a cidade.

QUADRO II

| Produção Agropecuária | | | | | |
|--|------------------|------------------|------------------|-------------------|-------------------|
| Município de Ituiutaba – 1950 - 1991 | | | | | |
| PRODUÇÃO AGRÍCOLA (ha) | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
| Algodão | 16.940 | 529 | 2.449 | 546 | 2.000 |
| Arroz | 38.720 | 17.373 | 19.526 | 7.650 | 3.430 |
| Banana | 1.575 | 187 | 24 | 20 | 45 |
| Café | - | 31 | - | - | 14 |
| Cana-de-açúcar | +/- 1.000 | 81 | 63 | 50 | 300 |
| Feijão | 8.712 | 3.149 | 1.521 | - | 110 |
| Laranja | 1.862 | 31 | 10 | 35 | 75 |
| Mandioca | 1.312 | 18 | 7 | 40 | 35 |
| Milho | 23.232 | 11.580 | 12.236 | 10.000 | 12.000 |
| Soja | - | - | - | 1.500 | 2.500 |
| PRODUÇÃO PECUÁRIA (número de cabeças) | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 | 1991 |
| Bovinos | 200.000 | 129.940 | 83.972 | 165.906 | 178.222 |
| Caprinos | 3.200 | 86 | 96 | 90 | 230 |
| Equinos | 15.000 | 6.383 | 2.867 | 3.500 | 3.100 |
| Muare | 2.500 | 717 | 159 | 900 | 380 |
| Ovinos | 1.600 | 1.828 | 551 | 600 | 850 |
| Suínos | 120.000 | 54.533 | 25.870 | 14.586 | 8.260 |
| Leite “IN NATURA” (I) | - | 3.965.600 | 5.434.000 | 24.840.000 | 26.253.000 |

FONTE: IBGE – Agência Ituiutaba – Censos agropecuários.

Cria-se o mito de “Ituiutaba, capital do arroz”. Na verdade, pela análise dos dados do IBGE, houve grande produção de arroz na década de 50, caindo pela metade nas décadas de 60 e 70. A partir desta última década, houve um declínio em toda a produção agrícola, mantendo-se apenas a produção do milho nos níveis atingidos em 1960, quando foi reduzido pela metade. Ainda segundo informações oficiais, muitos distritos pertencentes ao município de Ituiutaba e que foram emancipados (entre 1954 e 1963, respectivamente Capinópolis, Gurinhatã e Ipiacu) colaboraram, com sua produtividade de arroz, particularmente, mas também de outros produtos agrícolas, para a construção da ilusão do “vale da fartura”, generalizada na memória de grandes produtores rurais e em boa parte da população que vivenciou esse período.

O poema a seguir³⁶, extraído de uma peça teatral produzida por dois autores ituiutabanos no início da década de 80, é elucidativo sobre o significado afetivo presente na consciência da população da cidade acerca da fartura trazida pela grande produção do arroz, ocorrida até o início da década anterior.

I

*Chegou o mês do Carnaval
tristeza eu deixo prá depois,
vamos brincar no Palmeira³⁷
onde a brincadeira
é feita prá nós dois*

II

*Chegou o mês do Carnaval
zabumba, bumba vão meus bois
vou vestido de saudade
da minha cidade
do tempo do arroz.*

III

*Só recordando prá crer
A fartura que um dia
Brotou dessa massapé
No tempo em que a matraca³⁸
trabalhava até
Arroz socado em monjolo,
catado no colo, na palma da mão,
vida prá vida da gente
essa vida semente
brotando do chão...*

IV

*Hoje esse chão
conta uma história diferente
Já não dá grão,
somente braquiária e colônião...
Arroz de pilão e monjolo
foi rei desse solo que o gado depôs
hoje eu vivo a saudade
da minha cidade, Capital do Arroz.*

Neste ponto, é interessante transcrever trechos da obra memorialista de Petrônio Rodrigues Chaves, médico e produtor rural ituiutabano, “O vale da fartura”,

³⁶ Odilon MACHADO JÚNIOR e Cláudio Souza MARTINS. Arroscap. In: *Ituiutaba*. Trata-se de uma peça teatral musical que versa sobre os aspectos singulares da cidade de Ituiutaba, na perspectiva afetiva de ambos.

³⁷ Palmeira: clube recreativo freqüentado por membros da comunidade negra de Ituiutaba.

³⁸ Matraca: instrumento agrícola manual, usado para semear.

onde é perceptível o tom de entusiasmo com as possibilidades da agricultura na década de 50, época de grande dependência do homem do campo às condições climáticas, quando não haviam sido criadas as técnicas de irrigação.*

*“Com um sabor muito de ufanismo bairrista, assim descrevemos para a “Folha da Manhã” de São Paulo (...) a “Batalha da Produção no Vale do Paranaíba”:
Voltemos ao Vale da Canaã do Brasil Central. Estamos aqui nos últimos dias de outubro. As chuvas chegaram cedo. Os agricultores que plantaram o milho na poeira, expressão usada para informar que o plantio foi feito antes da primeira chuva, na terra seca, receberam com júbilo as precipitações pluviais. E hoje, podemos admirar, entre os trechos da vermelha terra revolvida para receber o arroz, uma faixa verde escura, tremulando ao vento, que o lavourista aponta entusiasmado:
– Aquele ali é o meu milho”.*³⁹

E mais adiante, outro trecho igualmente elucidativo sobre o otimismo dos fazendeiros no tocante a agricultura no Município, particularmente, com as vantagens do arroz em termos de lucratividade:

*A maioria plantará arroz pratão e amarelão, não só pelo elevado preço que o mesmo alcançou este ano, como pelo volume da sua produção, que é mais compensadora e menos sujeita às pragas, embora dependente do regime das chuvas.*⁴⁰

Em outros trechos adiante, a constatação de que é impossível ao homem dominar a natureza quando ela resolve “sacudir os ombros”:

*“As diversas capinas, as perdas de sementeiras, a interveniência das pragas, a inconstância das chuvas, as ventanias, o granizo, a ação daninha de animais, tudo isto vem muitas vezes atormentar o agricultor que mantém uma luta e uma vigilância diuturna, até o momento crucial da colheita, época em que a falta de braços ou de recursos técnicos causam prejuízos irreparáveis.”*⁴¹

³⁹ Petrônio R. CHAVES. *O vale da fartura*. Edição do autor, 1985. p. 53.

⁴⁰ Idem, pp. 53-54.

⁴¹ Ibidem. p. 55

Na referência à “falta de braços”, é importante ressaltar que a solução, não referida no texto do autor, foi buscada na exploração da mão-de-obra de migrantes nordestinos.⁴²

Sobre o aspecto do clima – o famoso calor de Ituiutaba:

“O calor, no vale, é senegalesco, atinge às vezes 40 graus. Mesmo de manhã nos foi dado observar que alcança 30 graus, por volta de 10 ou 11 horas. Muitos tratoristas preferem, por isso, descansar no período entre meio-dia e 15 horas, para trabalharem a noite.”⁴³

E chega o momento em que o homem rural deduziu que estava impotente diante da natureza e resolveu desistir. É o que demonstram os dados sobre a evolução agrícola e o estabelecimento da hegemonia da pecuária, que confirmamos pela memória do escritor:

*“Foi em 1953. Em plena euforia da promessa de uma grande safra, as lavouras de milho e arroz em pleno desenvolvimento, os arrozais ondulando aos ventos do nordeste como uma paisagem de cartão postal.
(...) Viajando de automóvel, percorri a “São Paulo – Cuiabá” até próximo a Frutal. Em Colômbia, terra massapé, margem esquerda do Rio Grande: lavouras de arroz, de um verde escuro, touceiras perfilhadas anelando.
(...) A partir deste ano começou a via crucis do agricultor do Vale de Canaã. Já não havia mais segurança para o plantio. As chuvas, que começavam em setembro ou outubro, retardaram sua vinda para novembro, e o tão falado “veranico de janeiro” de nossos avós passou a incidir em novembro, dezembro, janeiro e fevereiro. (...) Caiu a produção por área e total. E, para completar o rosário de provações, surgiu sorrateira e ameaçadora, roubando a fertilidade da tão decantada massapé, desnudando o solo da sua milenar camada de humus, rasgando vassorocas nas encostas dos alongados espigões, assoreando os córregos e as nascentes, ocasionando enchentes (...), o fantasma da erosão.”⁴⁴*

É interessante observar que o autor usa a expressão “surgiu sorrateira (...) o fantasma da erosão”, omitindo a responsabilidade da ação humana nessa modalidade de

⁴² Ver Dalva Maria OLIVEIRA. *Memória: lembrança e esquecimento*. Trabalhador nordestino no Pontal do Triângulo Mineiro. 1950 – 1960. PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 1997.

⁴³ Petrônio R. CHAVES. op. cit. p. 55

⁴⁴ Idem. op. cit.

destruição do solo, na proporção em que promove o desmatamento sem a devida proteção do solo. Outro aspecto, é que o autor não faz menção às mudanças provocadas na mentalidade econômica dos produtores rurais, que passaram a ver maiores possibilidades de lucro com a pecuária, principalmente a de corte.

Conforme é possível deduzir dos dados contidos no Quando II, sobre a produção agropecuária, mesmo tendo ocorrido intensificação de esforços rumo à pecuária, a agricultura continuou merecendo alguma atenção do homem rural do Município. Entre 1950 e 1960, o arroz, por exemplo, despencou de 38.720 ha para 17.373 ha, assim como o milho, cuja produção aparece reduzida de 23.232 para 11.580. Entretanto, não se pode esquecer que nas décadas de 50 e 60 houve a emancipação de vários distritos, que contribuíam intensamente para os altos índices alcançados na produção agrícola.

Nas lembranças contidas na obra de Petrônio R. Chaves que praticamente se limitam a narrativas sobre as décadas de 30, 40 e 50, há evidências de que muitos fazendeiros tentaram contornar as dificuldades decorrentes de instabilidades climáticas e esgotamento do solo ou, visto de outra perspectiva, trataram de adaptar-se as novas técnicas que anunciavam a entrada do capitalismo no campo:

“(...) eu sempre gosto de salientar nos meus arroubos de ufanismo, nos meus ímpetos de sadio otimismo – o nosso rurícula, o nosso fazendeiro, o nosso agricultor não se deixaram dominar pelo desalento, pelo pessimismo doentio, pela preguiça mental. Reagiu. E reagiu a tempo, muito bem, com determinação, coragem, método. Recorreu à técnica. Comprou maquinário adequado, adotou técnica de conservação do solo; instituiu, como rotina, o uso de sementes selecionadas, como o arroz IAC, de ciclo curto, e o prodigioso milho híbrido, inicialmente da Agroceres e, depois de outros aprimorados produtos de sementes.”⁴⁵

Na memória do autor, aqueles que se adaptaram, adotando novas técnicas – ele mesmo, um produtor rural moderno – demonstraram uma atitude racional e científica mais condizente com os tempos de desenvolvimentismo. Os inadaptados ao capitalismo, os tradicionalistas, eram vistos naturalmente pelo sistema como pessimistas, doentios, portadores da preguiça mental típicas do “jeca”.

⁴⁵ Petrônio R. CHAVES. op. cit. p. 61

Assim, no final da década de 60 iniciou-se um movimento migratório de pessoas do campo para a cidade. “*Em Ituiutaba, a periferia cresceu devido à quantidade de famílias que vinham do campo. As lavouras estavam diminuindo e não havia mais espaço no campo para tanta gente. Vários fatores contribuíram para esse movimento, entre eles, as sucessivas secas que assolaram algumas regiões, o baixo preço dos cereais e as leis trabalhistas que passaram a dificultar o entendimento entre patrões e empregados*”.⁴⁶

Não obtivemos, nos depoimentos, referências espontâneas apontando os Planos Nacionais de Desenvolvimento implantados pelo regime militar, como tendo sido fatores de crise sócio-econômica no campo, na década de 70. No entanto, quando estimulados, não foram poucos aqueles que admitiram que a modernização do campo teria sido um elemento contido no processo de expulsão de homens e mulheres do meio rural.

Nas palavras de Sebastião Duarte, que anteriormente trabalhava como meeiro em fazendas da região, um dos produtores com quem tinha estabelecido parceria faliu por incapacidade de saldar dívidas de empréstimos para “tocar lavoura”:

*“Nóis veio embora purquê o patrão tava quebrado. Nóis veio vendê o nosso arroiz na cidade e cum o dinheiro, nós compremo essa casa aqui”.*⁴⁷ (sic)

A meta do governo Geisel no II Plano Nacional de Desenvolvimento – II PND /1975/79/ tinha como objetivo tornar independentes os setores básicos da economia como forma de solucionar questões estruturais, no que se refere a economia do País.

No setor agropecuário, tratou-se de estimular a expansão das fronteiras agrícolas por meio da ocupação de novas áreas, o que em Minas Gerais se deu pela ocupação dos cerrados. Nas palavras de Machado, “*em Minas, a transformação dos cerrados – até então conhecidos como terra de péssimo uso para a agricultura intensiva – em terras produtivas e lucrativas, com colheitas de grãos para exportação e com super-safras, só foi possível a partir de 1975 com a implementação do Programa de Desenvolvimento dos Cerrados – Pólo Centro – que era um dos sub-projetos do II*

⁴⁶ Dalva M. OLIVEIRA. Op. cit. p. 128

⁴⁷ Sebastião Duarte. 74 anos de idade. Depoimento colhido em 06/04/2000.

PND. Para tal, foram necessários vultuosos investimentos, que financiaram projetos em condições econômicas subsidiadas pelo governo federal, por isso extremamente atraentes e só acessíveis a uma parcela restrita de agropecuaristas, em sua maioria detentores de grandes propriedades de terra.”⁴⁸

Na visão de Milton Santos, *“a realidade mostra que é o campo que se torna o locus do capital tecnológico, porque não resiste ao contágio do capital novo, cuja difusão se dá de uma maneira muito mais veloz, muito mais eficaz e freqüentemente irreversível, e é por essa razão que na direção do campo se orientam as classes médias, enquanto a cidade e, sobretudo, a grande cidade é susceptível de acolher aos pobres”*.⁴⁹

Como Município integrado a uma região de cerrado, Ituiutaba foi contemplada pelo Pólo Centro: pela Companhia Agrícola de Minas Gerais – CAMIG, que subsidiava a pesquisa na área agrícola, e pela assistência técnica e educação rural prestada pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER. A região foi também assistida por projetos como o Programa de Cooperação Nipo-Brasileiro de Desenvolvimento Agrícola da Região dos Cerrados – PRODECER e o PROFIR – Programa de Financiamento Rural; o PRÓ-VÁRZEAS e o PCI – Projeto de Crédito Integrado pelo qual o Governo buscava estimular o pecuarista a plantar alguma lavoura, ainda que não fosse de grande monta. Houve alguns projetos para a pecuária, entre eles, o Conselho de Desenvolvimento da Pecuária – CONDEPE e o PROPEC – Programa de Desenvolvimento da Pecuária de Cerrados.⁵⁰

Vários estudos apontam as transformações nas relações de produção ocorridas na agricultura, nas décadas de 70 e 80, e que foram sustentadas pelo Estado, pela via da política de crédito. Tais estudos captaram a formação do capital, que se deu sob a forma de máquinas, equipamentos e insumos modernos, em mãos de uma pequena burguesia rural. *“O crédito desempenhou papel fundamental na transformação das condições técnicas da produção. Por detrás da elevação da produção e da produtividade agrícolas, está o funcionamento de capital pelo sistema bancário. Nesse sentido, as políticas agrícolas de crédito subsidiado, desenvolvidas no Brasil a partir*

⁴⁸ Maria Clara T. MACHADO. op. cit. p. 39

⁴⁹ Milton SANTOS. apud Beatriz Ribeiro SOARES. Urbanização no cerrado mineiro: o caso do Triângulo Mineiro. In: José BORZACCHIELLO da Silva (org). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 105

⁵⁰ Dados fornecidos por Manuel Jorge Beltrão de Castro, em entrevista em 08/01/2001.

dos anos 70, tiveram efeito decisivo no amadurecimento das forças capitalistas na agricultura.”⁵¹

Com a crise do milagre econômico na década de 80, evidenciada pelo aumento da inflação e da dívida externa e pelas altas taxas de juros nos mercados internacionais, houve uma contenção governamental no que se refere aos investimentos de porte.

Com referência ao recuo governamental em sua política de incentivos, o jornal “Cidade de Ituiutaba”, em sua edição de 10-12-82, apresentou a matéria que se segue:

“Amaurí Stábile ressaltou que cada um bilhão de cruzeiros investidos no desenvolvimento da pecuária gera mais de dez mil empregos, na cidade e no campo. ‘São feitos que efetivamente’ – afirmou – ‘situam o setor rural’.

*O ministro (...) fez (...) uma defesa, que ele considerou fundamental, da agricultura nacional, afirmando que a retirada de subsídios tem de ser feita de forma gradual, para que o setor não fique mais descapitalizado do que está. Stábile disse que o setor acompanha com ‘natural apreensão’ as discussões sobre possíveis ajustes nas regras do crédito rural, mas tem certeza de que continuará recebendo apoio do Governo.”*⁵²

Mesmo que se reconheça a interferência de outros fatores no desencadeamento do êxodo rural na região de Ituiutaba, a partir do final da década de 60, é inegável que os projetos de modernização do campo se revelaram excludentes, tendo atuado significativamente no processo que provocou o desenraizamento de grande contingente da população rural. A incorporação do progresso tecnológico à agropecuária, a assistência técnica representada pela EMATER, os vultosos e vantajosos financiamentos eram restritos aos grandes proprietários de terras e pecuaristas.

Tudo indica que, na região, tais projetos acabaram por beneficiar mais à pecuária que a agricultura. A pecuária, após uma retração apontada nos dados de 1970, atingiu níveis que se estabilizaram nas décadas seguintes, ao passo que a agricultura sofreu uma queda acentuada – de 35.836 ha, em 1970, caiu para 19.841 ha em 1980 (Quadro II).

⁵¹ M. Rita G. LOUREIRO. *Terra, família e capital*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 63

⁵² “Retirada gradual de subsídios. In: Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba: 10/12/1982. p. 1

Embora não tenhamos alcançado sucesso na obtenção de dados⁵³ referentes à distribuição da força de trabalho na agricultura, julgamos ser possível, pela comparação dos dados de 1960 e 1985, validar nossa afirmação de que houve transformações sociais na área rural do Município em virtude da chegada do capitalismo, assim como pelo embate entre sistemas tradicionais de trabalho e as formas empresariais racionais que objetivavam maior lucratividade.

QUADRO III

| Distribuição da força de trabalho na agricultura | | | | |
|---|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Município de Ituiutaba – 1950 - 1985 | | | | |
| TIPO DE OCUPAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO | 1950 | 1960 | 1970 | 1985 |
| Familiar | - | 5200 | - | 2313 |
| Permanente | - | 1011 | - | 1837 |
| Temporário | - | 2521 | - | 2074 |
| Parceiro | - | 3403 | - | 102 |
| Outros | - | 602 | - | 154 |

FONTE: IBGE – Agência Ituiutaba

É possível perceber, pelo Quadro III, a queda acentuada da parceria, sistema pelo qual o homem do campo sem terras próprias pode produzir nas terras de outro, mediante a estipulação de contratos que regulam os acordos. Da mesma forma, declinou a produção familiar, que se viu reduzida a menos da metade. Dados levam a constatação que tais sistemas, ao entrar em colapso, liberaram mão-de-obra para as cidades, uma vez que não se constata aumento significativo da ocupação da força de trabalho permanente que pudesse evidenciar a adoção de formas assalariadas de trabalho. Houve a redução do tipo de ocupação temporária, o que confirma o crescente declínio da agricultura na região.

“Com a expansão das pastagens (...), em parte com o aproveitamento de áreas anteriormente ocupadas com lavoura, surgiu uma grande massa de trabalhadores rurais desempregados. É sabido que a ‘criação de gado significa espovoamento, pois não somente exige muito menos trabalhadores que a agricultura, como ainda alimenta menor número de atividades subsidiárias’.”⁵⁴

⁵³ Conforme nos explicou um funcionário da agência local do IBGE, muitos documentos foram destruídos devido a vazamentos de água. Tentativas de obter dados junto a sites da Internet revelaram-se inúteis.

⁵⁴ PRADO JÚNIOR. apud M. Conceição D'INCAO. “O bóia-fria”: acumulação e miséria. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 51

Na opinião do agrônomo Roberto Alves Lima, extensionista rural da EMATER, houve realmente uma conjugação de fatores que provocaram a evasão do homem do meio rural. A seu ver, houve desestímulo gradual e persistente dos produtores rurais da região em relação à agricultura. Assim como os impostos, o custo das novas tecnologias – sementes, adubos, calcário – eram altos e a política dos preços agrícolas não favorecia ao produtor. Em suas palavras:

A influência da agricultura voltada para a exportação era muito grande, anteriormente, tendo a nossa população aumentado o trabalho na zona rural. Até certo ponto, porque depois, com a mecanização agrícola e o uso de técnicas modernas, a população agrícola veio a reduzir e nós temos o reflexo aí do êxodo rural. Muito trabalho foi substituído por máquinas agrícolas. Porque, durante os governos militares houve um incentivo muito grande à mecanização e uso de técnicas modernas, uso de adubos, de calcário, sementes de boa qualidade, onde houve o florescimento de empresas voltadas para os insumos agrícolas.⁵⁵

Sobre a pressão dos sindicatos como sendo fator de receio dos proprietários, alegação contida em alguns depoimentos, Roberto concorda que o temor de alguns fazendeiros em relação à lei foi fator de desestímulo com a agricultura e, conseqüentemente, provocou demissões.

A questão da CLT e do Estatuto da Terra, que veio a passar para o homem do campo alguns benefícios... (pausa) Aqueles que não queriam pagar os direitos realmente tiveram receio e demitiram. Até mesmo os arrendamentos foram afetados, porque os proprietários ficaram cismados e não davam mais terra para outros produtores plantar.⁵⁶

Dessa forma, entende-se que os pequenos produtores e meeiros, não dispendo dos financiamentos e das tecnologias oferecidos àqueles que reuniam condições prévias de disputa – sob a ótica do sistema – deixavam o campo e rumavam para a cidade, em busca de formas alternativas de sobrevivência. A estes, somavam-se aqueles que se sentindo explorados nas relações de trabalho, deixavam de realizar

⁵⁵ Entrevista de Roberto Alves Lima, agrônomo, extensionista rural da EMATER, concedida em 10/01/2001.

⁵⁶ Idem.

“aquilo que nós sabia fazê”⁵⁷, segundo as palavras de Sebastião. Da mesma forma, saíram aqueles cuja força de trabalho foi liberada das terras, porque estas foram transformadas em áreas de pastagem de gado.

No depoimento de Aristoclides Antônio Ferreira, pequeno comerciante de “secos e molhados”, percebe-se a existência de motivações relacionadas aos valores, à visão de mundo e ao tradicionalismo do tipo “era assim com o pai e o avô”:

O que eu sei explicou é o seguinte: o meu pai, por exemplo, foi pessoa lavrador de serviço pesado. Quando ele ficou velho, ele perdeu o valor. Eu também fiquei velho, eu lembrei que meus avô e meus pai, depois de velho, perdeu o valor. Eu já, aí, procurei pô os fii (filhos) na cidade purquê sinão eles ia ficá sem valor também. Aí, eu vim também. Eu mandei os fii e fiquei prá tráis. Eu sacrificado lá, mais dano uma cobertura prá ês (eles) aqui. (sic). Quando eu voltei pra fazenda eu fui vaqueiro, não era mais roceiro. Quando foi em 1975, eu vim pra cidade. a muié queria vim, porque os menino tava ficando aqui jogado, as menina ficando mocinha... aí, nós veio. Inclusive, com boa amizade.⁵⁸ (sic)

Indagado sobre o sentido de sua expressão “perder o valor”, Aristoclides, um senhor hoje com 75 anos, já demonstrava o receio de envelhecer na roça. Segundo suas palavras, não queria “perder o valor”, ficando “encostado num canto”, porque o trabalho na roça só é bom para quem tem força física. Já na cidade, ele poderia “abrir uma venda” e continuar trabalhando, e os filhos estudando.⁵⁹

Em suas palavras, em sua expressão e seu tom de voz, ele revela o desgosto que sentiu ao perceber as alterações nas antigas relações de trabalho, quando ainda se sentia “dono” daquilo que plantava, antes da racionalidade capitalista chegar ao campo e de o proprietário rural perceber as possibilidades ao seu alcance:

Purquê eu, só toquei lavôra até nessa data. Purquê quando eu tocava lavôra antigamente eu plantava..., eu preparava o chão, plantava, cuía (colhia), vindia e ricibia o dinhêro. A renda do patrão ia, a minha ficava, e eu vindia. Aí, depois, passô a num vendê mais: o patrão que vindia. Agora, resultado: prá mim num mandá no que eu..., até eu prepará o chão, plantá, capiná, eu, a muié e os fii, era o dono da lavôra. Depois que nós cuía e inchia o caminhão, o patrão é que era o dono da lavôra.

⁵⁷ Sebastião Duarte. Depoimento colhido em 06/04/2000.

⁵⁸ Aristoclides Antônio Ferreira. 75 anos de idade. Depoimento colhido em 20/11/2000.

⁵⁹ Idem.

*Não que ele me passase prá trás. Mais sintí...
invergonhado com aquilo; eu sintí que aquilo num tava
certo. Não que era todos meus colega de colônia, de
ôtras fazenda, de ôtros patrão, todo mundo. Só vindia
aquele que tinha inscrição⁶⁰ prá vendê. ⁶¹ (sic)*

Mas em todo o seu depoimento, percebe-se a intenção de não mostrar desagrado em suas relações, à época, com os patrões. Procura sempre ressaltar que era empregado de confiança e defender a posição dos patrões em relação a conflitos com outros empregados. Afirmou, decididamente, que o Estatuto do Trabalhador Rural foi, em grande parte, responsável pela dispensa de mão-de-obra das fazendas porque:

*“Tinha impregado que fazia covardia com os patrão.
Levava eles na justiça por coisa à toa, coisa até que os
próprio impregado inventava de fazê, só prá levá
vantage. Daí, os patrão cumeçaro a ficá ressabiado e
dimití.”⁶²*

Nesse caso, em particular, parece ter sido desenvolvida uma falsa consciência acerca dos benefícios históricos alcançados por meio do Estatuto, acrescido da incorporação da ideologia dominante pelo dominado⁶³. Nosso entrevistado considerava a sua situação injusta, embora o patrão não fosse injusto. Pela sua trajetória de vida – hoje um pequeno comerciante, que jamais vende a prazo, e com os filhos vivendo em boas condições financeiras – combinada com trechos de seu depoimento, poder-se-ia afirmar que seu desejo era aprender como chegar aonde chegaram seus patrões. Contudo, é importante aqui ressaltar as situações em que o esquecimento pode tornar-se um recurso da memória adequado às necessidades do momento. Aristoclides sentia-se desgostoso com as relações de trabalho à época: “*sintí invergonhado com*

⁶⁰ Inscrição no Fundo Rural – FUNRURAL – órgão de previdência rural em que o proprietário deveria estar inscrito. O pagamento de 2% sobre o ganho da produção era condição indispensável, inclusive, para a obtenção de financiamentos.

⁶¹ Aristoclides Antônio Ferreira. Depoimento colhido em 20/11/2000.

⁶² Idem.

⁶³ Ver: Raymond WILLIAMS, *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979 e Marilena CHAUI, *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1981. Ambos os autores baseiam-se na obra *A ideologia alemã*, em que Marx e Engels apresentam os elementos básicos que caracterizam sua compreensão da sociedade capitalista e sua definição de ideologia. Raymond Williams afirma que o conceito de ideologia pode ser definido como sistema de uma classe ou grupo social / sistema de crenças ilusórias – “falsa consciência” e como processo geral de produção de significados e idéias. Chauí apresenta conceito semelhante.

aquilo” – disse ele no depoimento anterior. Mas ao reconstituir hoje esses acontecimentos, poderia estar omitindo os reais sentimentos acerca da situação desvantajosa em que estava envolvido, em suas relações de trabalho, quando ainda morava na roça. Tendo “evoluído” no sentido de tornar-se um comerciante, portanto um “*proprietário*”, seria conveniente “*não lembrar*” que foi lesado, como recurso para não se sentir desqualificado.

Segundo Thompson, as imagens antigas são constantemente ampliadas pelas experiências novas, que geram formas novas de compreensão. Em função de que a memória está sempre girando em torno da relação passado-presente, ocorre um processo de reconstrução e transformação das experiências lembradas que é contínuo, devido as mudanças nos relatos públicos sobre o passado. “*Que memórias escolhemos para recordar e relatar (e, portanto, lembrar), e como damos sentido a eles são coisas que mudam com o passar do tempo.*”⁶⁴

Ainda segundo o autor, as reminiscências também são sujeitas a variações, que dependem das alterações sofridas pela identidade pessoal. Isso leva a constatação de um sentido psicológico na composição de um passado que passa a ser reconstruído de forma a que com ele se possa conviver, para dar sentido à vida. Ou seja, as histórias lembradas não são exatas representações do passado ou da história estática e recuperável, mas trazem aspectos desse passado, ainda que ajustado às identidades e aspirações atuais. As reminiscências são moldadas pela identidade porque quem a pessoa acredita que é e o que ela deseja ser afeta aquilo que julga ter sido.

A necessidade de trazer seus irmãos para estudar, fez com que a família de Maria de Lourdes, doceira, viesse para a cidade. O pai, segundo ela “*um homem sábio*”, era agregado em uma fazenda, onde todos da sua família trabalhavam, mas somente ele recebia um salário pelo trabalho na lavoura. Não havia escolas, nem mesmo escolas primárias. Busca fundo na lembrança a idade que tinha quando veio para a cidade: 17 anos. Não sabe dizer nada sobre modernização no campo, êxodo rural, questões jurídicas de trabalho. Mas consegue lembrar que trabalhava duro e que, para todos os membros de sua família, a mudança foi boa.

⁶⁴ Alistair, THOMSON. Reconstituo a memória: questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. In: *Projeto História*. São Paulo, (15), abr. 1997. p. 57

Fala com orgulho de seus irmãos, que após um tempo na cidade de Ituiutaba, foram para São Paulo e lá conseguiram completar os estudos: um é administrador de empresa, e outro, analista de sistemas. E ela:

A experiência que eu vivi na roça não foi uma experiência muito boa. Pra mim não foi. Não tinha diversão. Trabalho de segunda a domingo, cuidar da casa, lavar roupa pra pião. O lugar onde a gente morava era muito isolado. Não tinha condução pra vim pra cidade. Era só caminhão leiteiro ou então, tinha que ter condução própria.⁶⁵ (sic)

Indagada se ela própria tinha conseguido estudar, já que se expressava de forma bastante correta, ela explicou que embora tenha sempre gostado de estudar – *“lia tudo o que encontrasse pela frente”* – tinha aprendido a ler e a escrever com o pai, que sempre *“levou muito a sério as coisas de estudo”*. Na cidade – explicou ela – cursou a escola à noite, mas apenas 2 anos. A forma correta de se expressar tinha aprendido na convivência com *“gente de nível alto”*, em sua atividade no emprego doméstico. Na comunidade rural onde morava não havia nenhum tipo de escola. Por isso, seu pai, que havia sido criado por uma família com *“algumas posses”*, ensinou o que pode a ela e a seus irmãos.

Segundo José de Souza Martins, na sociedade rural a escola é incorporada de forma diferente. A escolarização não é aceita em seu teor próprio, interno, e sim exteriormente. *“Não obstante a iniciação da criança rural no trabalho produtivo coincida com a fase da atividade escolar, não há, em princípio, uma incompatibilidade entre uma coisa e outra, nesse nível. E não há justamente porque a escola se integra nos valores rurais como forma de ‘trabalho’, isto é, de absorção do tempo da criança, como ocupação que implica em trabalho pelo trabalho, o que com muita frequência supõe o cumprimento de um destino. (...) A escola é aceita e valorizada porque é equivalente de trabalho duro e contumaz. Isso faz com que a família insista em manter o aluno às vezes até durante longos anos na escola, apesar de sucessivas repetências. Por outro lado, as aspirações em relação à escola são desproporcionalmente modestas: assinar o nome, ler mais ou menos, etc.”⁶⁶*

⁶⁵ Maria de Lourdes Vieira da Silva. 52 anos de idade. Depoimento colhido em 15/08/2000.

⁶⁶ José de Souza MARTINS. *Capitalismo e Tradicionalismo*. pp.98-100-101

Contudo, o autor esclarece que nas áreas rurais com inserção na economia de mercado, ainda que a escola também seja socialmente valorizada enquanto trabalho pelo trabalho, ela é também entendida como forma de adiestramento para se lidar com situações típicas e fundamentais do mundo urbano, como a “linguagem”, a legislação, as normas. A seu ver, a escola incorpora-se significativamente à sociedade agrária quando esta se integra, por meio da produção de mercadorias, à sociedade urbana.

Ainda na análise do autor, a escola está irremediavelmente vinculada aos valores urbanos da sociedade capitalista e, sendo assim, ela passa a ser vista como necessidade no meio rural quando a sua população já se encontra envolvida em relações sociais indispensáveis com a sociedade urbana.

Ainda que seja uma análise em que é forte o viés econômico, se considerarmos que a partir da década de 70 o meio rural teve ampliado o seu acesso aos meios de comunicação e, portanto aos padrões culturais do mundo urbano, é possível que, para os jovens, a cidade se tenha tornado um pólo de atração e de novas alternativas de trabalho. Se a situação de modernização do campo não os favorecia, por quê não tentar os recursos “modernos” da cidade? Nesse sentido, a escola passa a ser valorizada como uma condição “sin ne qua non”.

No depoimento de Luca, que exerce atualmente a profissão de doceira, é perceptível o desgosto com a vida que levava na fazenda em que vivia com o marido e os quatro filhos, nas proximidades de Ituiutaba. Em sua fala, ressaltam as contradições do cotidiano de quem mora no campo, em que a fartura de alguns alimentos corresponde à escassez de outros recursos, como os relacionados à educação e à saúde da família

Eu vim prá cidade porque as criança foi cresceno. A vida na roça tava bastante difícil e as criança tava precisano estudá. Tinha muita doença. A gente tinha alguma fartura na fazenda, mas tinha muitas necessidade e principalmente nos caso de doença. Por exemplo, teve uma época que meu caçula quebrou a perna e eu tinha uma menininha doente, que não andava. Ele tava com quatro ano, então precisava de carregá mais de 2 km as duas criança nos braço prá pegar uma condução prá vim prá cidade. aí, com isso, deu uma desilusão na vida da gente. Na roça, a gente trabalhava muito e não tinha... não tinha muito futuro. Porque... a gente tinha porco, tinha galinha, ovos, tinha fartura de hortaliça, mandioca, essas coisa... banana, mas não tinha saída. Por exemplo, se faltasse óleo, uma banha...? muitas das vez aconteceu

de sê preciso matar uma galinha de terrêro pra tirá a banha prá fazer cumida prá criança. E com isso, a gente foi disiludindo da vida, foi disiludindo da fazenda. As coisa que a gente tinha, não tinha jeito de trocá nem de vendê. Nós cumeçô a ter muita dificuldade na vida, meu marido ganhava muito pouco, uma hora tinha serviço, outra hora não. Assim, nós veio pra cá.⁶⁷ (sic)

O sentimento de desgosto com a vida no campo também aparece no depoimento do feirante Manoel Barbosa, como explicação para a necessidade de sair da roça prá cidade, na expectativa de melhores condições de vida, o que inicialmente, foi procurar em outras regiões do País:

Foi faltando chuva, nós foi perdendo a lavoura e então nós disacussuou. Quase todo ano nós tava perdendo lavoura, faltava chuva, né? Isso fez nós afastá da roça. Mais era muito bom, tinha fatura mesmo, nós até guardava arroz de um ano pro outro, em casa. Nós trazia prá vendê, nós pagava imposto, tudo certinho. Mas se trazia porco, nós pagava imposto; se trazia arroz, nós pagava imposto. Foi discabriando a gente, né? Então, meu pai disgostô daquilo; e então, nós veio embora prá cidade. mesmo assim, eu não fiquei logo aqui na cidade. Eu tirei meus documento e fui trabalhá em firma, só meu pai que ficou. Eu num tô lembrado nesse momento, mas eu batí o mundo, andei muito, eu batí em Mato Grosso, São Paulo, éh. Vitória do Espírito Santo, trabalhei numas doze firma. Depois, mais ou menos em 1973, é que eu vim prá cá.⁶⁸ (sic)

De acordo com Antônio Cândido, diante da ressonância que os problemas econômicos adquirem, dado o processo de urbanização, é compreensível que o caipira manifeste a seu modo sintomas de inquietação e apreensão, de reação e de adaptação, meios pelos quais ele manifesta sua visão sobre aquelas situações que transformam sua vida. “*Observamos o que se poderia qualificar de saudosismo transfigurador – uma verdadeira utopia retrospectiva, se coubesse a expressão contraditória. Ele se manifesta, é claro, sobretudo nos mais velhos, que ainda tiveram contato com a vida tradicional e podem compará-la com o presente, mas ocorre também nos moços, em parte por influência daqueles. Consiste em comparar, a todo propósito, as atuais*

⁶⁷ “Luca”- Wailde Domingues Pacífico. 73 anos de idade. Depoimento colhido em 09/08/2000.

⁶⁸ Manoel Barbosa. 61 anos de idade. Depoimento colhido em 28/10/2000.

condições de vida com as antigas; as modernas relações humanas com as do passado.”⁶⁹

Reconstituindo parte do seu cotidiano, a hoje dona de casa Antônia Maria relembra que queria mesmo era mudar para a cidade, mas que ainda tem saudade da roça, nos tempos em que lá vivia quando criança e quando moça.

*Até hoje tenho saudade da roça. Mas a gente não tinha tempo nem de brincá, né? Por causa do serviço. A gente trabalhava pesado. Quando o arroiz tava soltando caicho, nós tinha que vassorá e espantá passarim. As vês tinha que levantá antes do sol pra ir pagiá os passarim. Prá eles não cumê o arroiz.*⁷⁰ (sic)

Indagada sobre formas de brincar no tempo da roça, ela nos informa sobre aquilo que constitui-se em um evidenciamento da relação íntima entre trabalho e lazer⁷¹, particularmente no universo rural infantil:

*Lá tinha uma mina, a gente tomava banho lá, nadava, isso aí a gente achava bão até. Ia tamém colhê os ovo da galinha, e tinha pato, tinha porco... Nós criava muito porco tamém. Meu pai ingordava tanto porco, que ês ficava tão gordo que até ficava rachado o couro. A diversão da gente era junto com o trabalho. Agora, quando eu já tava moça feita, meu pai cumeçô a fazê uns baile. A primeira noite que ele fez, ele num gostava. Ele fez três noite incarriada, três noite de festa. Aí ele gostô. Minha mãe gostava até. Ele ia nas fazenda próxima prá cunvidá as pessoa. Era prá fazê mutirão, sabe? Prá limpá a chácara, as vêiz a chácara tava muito suja. Às vêiz, ês fazia aquela traição. Ês chamava traição, né? Às vêiz, quando era sábado de leluia, levava aquêis juda, né? Então punha o juda na porta, né? Já punha no bolso do juda pedindo o baile. Aí no outro dia cedo levantava aquele povo prá trabaiá, aí a noite dava aquele baile.*⁷² (sic)

Maria de Lourdes, que era uma adolescente quando saiu da roça para a cidade de Ituiutaba, faz uma avaliação que retrata as dificuldades do trabalho no campo, especialmente no tocante à exploração da mão-de-obra familiar por parte do proprietário

⁶⁹ Antônio Cândido op. cit. p. 193-4

⁷⁰ Antônia Maria da Conceição Barbosa. 51 anos de idade. Depoimento colhido em 20/09/2000.

⁷¹ Ver E. P. THOMPSON. O tempo, a disciplina e o capitalismo industrial. SILVA T. Tadeu de (org) op. cit.

⁷² Antônia Maria C. Barbosa. Depoimento colhido em 20/09/2000.

da fazenda, da ausência de lazer, do isolamento, da falta de perspectiva da lavoura em comparação com a pecuária.

Segundo Thompson, “a relação de exploração é mais que a soma de injustiças e antagonismos mútuos. É uma relação que pode ser encontrada em diferentes contextos históricos sob formas distintas, que estão relacionadas a formas correspondentes de propriedade e poder estatal.”⁷³

O meu pai era agregado. Era uma forma muito ruim. Todo mundo da casa trabalhava e só ele é que ganhava. Não tinha carteira assinada, não tinha nada. Algumas vezes ele era meeiro, mas era raro. A maioria das pessoas que a gente conviveu com elas na fazenda, que a gente conheceu, elas tão quase todas aqui. Depois que veio a indústria de laticínios, de agropecuária, acabou muito, né, com o roceiro, com o lavorista. O meu pai, por exemplo, trabalhava na lavôra, ele era lavorista. Já o meu irmão, do primeiro casamento do meu pai, hoje ele trabalha com gado. Lá não tinha comunidade nenhuma. Quando eu era criança, de sete, oito anos de idade, na fazenda do meu tio, tinha comunidade, tinha festa, mas no lugar onde eu morava, Córrego do Meio, entre Campina Verde e Ituiutaba, era muito isolado. Foi de lá que a gente veio prá cá.⁷⁴ (sic)

A respeito da transformação do campo em empresas agropecuárias lucrativas, a partir das décadas de 60 e 70, e com potencial de concentração de riqueza, é bastante elucidativo o depoimento do agrônomo Roberto Lima, em que analisa o sistema atual de arrendamento de terras na região.

Muito trabalho foi substituído por máquinas agrícolas. Durante os governos militares houve aquele incentivo à mecanização agrícola, o uso de técnicas modernas e nós temos o reflexo aí do êxodo rural. Houve grande desenvolvimento de empresas voltadas para a agricultura. Na região, a produção de milho era pequena e cresceu muito naquela época, no começo. Produtor hoje, que for esperto, tem que pagar os benefícios para os seus contratados. Em Capinópolis, por exemplo, grande número de produtores não são proprietários e a porcentagem paga é muito alta, de até 18% a 20% de arrendamento. São proprietários de terra, que têm a produção agrícola toda na mão de arrendatário. Grandes riquezas de Ituiutaba floresceram na mão de

⁷³ E. P. THOMPSON. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. Vol 2, Cap. I. Exploração. p. 28

⁷⁴ Maria de Lourdes Vieira da Silva. Depoimento colhido em 15/08/2000.

*arrendatário e, na maioria, nas mãos de nordestino, que são grandes responsáveis pelo desenvolvimento da agricultura no Triângulo Mineiro, ... não só de Ituiutaba.*⁷⁵

Acerca dos trabalhadores nordestinos⁷⁶ que imigram para a zona rural de Ituiutaba, na década de 50, e que 20 anos depois se vêem forçados a encaminhar-se para a zona urbana, surge na fala de Roberto a questão das dificuldades de integração que esse trabalhador enfrentou na cidade, após viver a exploração no campo.

*Os fazendeiros viram grandes possibilidades na mão-de-obra nordestina, pois eram famílias numerosas, com 10, 12 filhos, em que os meninos trabalhavam na lavoura, e o pai era o empregado, o meeiro ou o arrendatário. Muitos, hoje estão na cidade, enfrentando o preconceito, que sempre existiu. Isso ficou impregnado até mesmo nos descendentes. Então, a gente encontra filhos de nordestinos que têm vergonha de dizer que é nordestino. Quando a gente fala, tenta até negar: “não, eu sou mineiro, não sou filho de nordestino”.*⁷⁷

Darcy, que aparentemente é uma pessoa integrada à cidade e que demonstra interesse pelas questões políticas e eleitorais, não parece ter percebido outras razões para sua saída da roça que não as de origem familiar: a morte do pai.

*Lá em casa, nós era onze irmão, todo mundo trabaiando nos roçado. Eu era o mais novo. Só sei que as coisa foi piorano e nós num deu mais conta de tocá nossa roça, que o pai dexô. A mãe e meus irmão mais véi resorvero trazê nós tudo prá cidade.*⁷⁸ (sic)

1.2 - A Cidade e suas Possibilidades

Falando sobre suas impressões acerca da cidade, na época em que vinha comerciar e após a mudança definitiva, Eronides demonstrou pouca atenção aos aspectos físicos da cidade ou às possibilidades de educação e lazer, mas mostrou

⁷⁵ Entrevista concedida por Roberto Alves Lima em 10/01/2001.

⁷⁶ Sobre esse assunto, ver trabalho de Dalva Maria OLIVEIRA. op. cit.

⁷⁷ Entrevista concedida por Roberto Alves Lima em 10/01/2001.

⁷⁸ Darcy Gonçalves da Silva. Depoimento colhido em 24/04/2000.

interesse quanto às características relacionadas à economia regional e aos planos governamentais para o desenvolvimento na área rural.

A cidade aqui era fraca, aqui era muito divagar. Tinha muito movimento, é, na época da “capital do arroz”; era pura lavôra nessa época, aqui. A única coisa que tinha grande mesmo era a produção. Aqui era muito bom. Corria dinheiro, sabe comê quê. Hoje se torna cidade paralizada, que não tem mais lavôra. Hoje, máquina de arroz quase que num tem mais. Aconteceu que os prâino do Governo veio decaíno, veio decaíno e foi modificano total. E o povo, por conta própria, não dá conta disso. Naquela época, havia bons financiamento, bons prâino e hoje nada disso existe.”⁷⁹ (sic)

Na realidade, o governo Geisel promoveu alterações no projeto de financiamento para o setor agrícola, no que se refere, principalmente, às taxas de juros e prazos de financiamento. À medida em que se tornou notório que as liberações financeiras estavam sendo utilizadas e direcionadas para fins desvinculados dos objetivos governamentais, o Governo reagiu.

O texto jornalístico a seguir retrata essa situação, demonstrando o temor dos fabricantes de tratores, máquinas e insumos agrícolas de serem prejudicados com as medidas, pois as intenções do Governo já se faziam perceber aos principais interessados.

“A intenção do Governo de alterar o crédito rural, embora se revele, por enquanto, através de atos preparatórios ou de estudos de pré-viabilidade, surgiu da constatação de que as liberações financeiras para o setor agrícola estavam sendo direcionadas para outros setores de atividade, inclusive para especulação imobiliária. Segundo técnicos do ministério da Agricultura, o Governo pretende apenas corrigir as distorções do crédito rural que vêm pressionando os meios de pagamento e dificultando o combate à inflação.

O presidente Geisel receberá em audiência o presidente das indústrias fabricantes de tratores, máquinas e insumos agrícolas, que lhe solicitarão a manutenção da atual política de crédito rural, visando não prejudicar o programa de vendas das empresas do setor, segundo adiantaram dirigentes ligados às indústrias.”⁸⁰

⁷⁹ Eronides Ferreira Silvério. 63 anos de idade. Depoimento colhido 15/08/2000.

⁸⁰ “Crédito para a indústria de tratores”. In: *Jornal Cidade de Ituiutaba*. Ituiutaba, 09-01-1977. p. 1

Eronides mantém duas famílias e diz residir com suas duas mulheres: com a primeira, que tem problemas mentais, e com a segunda, a quem se uniu quando já morava na cidade. Segundo explica, seus gastos são grandes e por isso sua vida é modesta, embora confortável. A casa onde foi entrevistado, e em que mora com a segunda mulher, é simples mas dispõem de conforto e praticidade. Mostra-se cauteloso ao afirmar que não acumulou fortuna em dinheiro:

Eu cresci na vida, mas não tenho muita coisa, não. Quando eu morava na fazenda eu era controlado (boa condição financeira) mas não era grande, era pequeno (produtor). Se bem que eu era novo, tinha força, girava bem as coisa, fazia as coisa funcioná. Tem sempre aquêis que têm que se mantê atraveis dos outro, sabe comé quié? Mais aquele que podia fazê, qué dizê, mantinha um comércio satisfatório. Em toda a vida, parece que eu vô fazê as coisas... (pausa) primêro lugar, eu penso em Deus na frente. Já teve caso deu perdê, maisi sempre eu acerto a mão, sabe comé quié? Graças a Deus! Minha vida não é tranqüila. Pois hoje a situação tá muito difícil. O movimento da fêra é bom e, infelizmente, até funciona; graças a Deus eu tenho uma freguesia maravilhosa, mas não sobra, pois minha despesa é muito grande.⁸¹ (sic)

A expressão “infelizmente”, usada ao falar do bom funcionamento dos negócios na feira e no fornecimento de guariroba para os bares e churrascarias da cidade, não nos pareceu, à entrevista, um comentário confuso ou contraditório. A palavra parece ter sido proferida à meia consciência, como se correspondesse a um esforço de parecer um pobre trabalhador, e ao anseio de ocultar sua boa situação financeira. Tal atitude, possivelmente, decorria do temor de despertar cobiça ou, simplesmente, para parecer modesto, esforçado ou merecedor da graça divina. Seja o que for, ao falar sobre sua situação atual, não demonstrou estar absolutamente tranqüilo e confortável.

Outra entrevistada, Antônia Maria, fala sem entusiasmo da impressão que a cidade causava a ela. Lembra que só mesmo a região central e a entrada da cidade eram asfaltadas e que havia “*muitas loja. Era quase tudo terra, ainda, e nós num gostava muito não*”⁸². Esse trecho de seu depoimento parece estar em oposição ao que havia dito antes, quando afirmou que tinha muita vontade de vir para cidade. O que sugere essa

⁸¹ Eronides Ferreira Silvério. Depoimento colhido em 15/08/2000.

⁸² Antônia Maria da Conceição. Depoimento colhido em 20/09/2000.

aparente contradição é que entre imagem da cidade idealizada, ao sonho de um futuro promissor, contrapõe-se a realidade de uma vida igualmente complicada e difícil, forçada ao emprego doméstico ao qual se sujeitou à época, a que, segundo diz, não era muito afeita. Fala das dificuldades financeiras pelas quais está passando: o marido, portador de hipertensão grave, quase não agüenta mais a lida na feira. Ela, trabalhando em casa, cuidando de um filho com problemas de locomoção. Relembra a “fartura” na roça, recorrentemente. Pela localização de sua casa própria em rua asfaltada, numa área intermediária entre o Bairro Junqueira e as proximidades do centro da cidade, e pelo interior bem cuidado – sofás de material sintético, com mesinhas de centro e nas laterais, forrinhos aqui e ali – dir-se-ia que já passou por melhor situação em sua experiência na vida urbana, do que a vivida atualmente.

O texto a seguir é ilustrativo, sobre o processo de urbanização da cidade de Ituiutaba. Ainda que apresente um conteúdo de apelo ao sentimento bairrista da população consumidora, reflete uma situação vivenciada pela cidade: o hábito desenvolvido por um certo segmento social com poder de efetuar suas compras fora da cidade, em centros próximos e/ou economicamente mais desenvolvidos. Para os padrões de Antônia Maria, habituada ao campo, a cidade dispunha de muitas lojas, mas isto não era percebido da mesma forma pela população mais exigente e com poder de consumo – conforme é evidenciado pela matéria do jornal local:

“Já se foi o tempo em que os consumidores locais eram obrigados a adquirir em outras praças muitos dos produtos que não podiam ser encontrados aqui. Hoje as coisas estão diferentes. A cidade conta com inúmeros estabelecimentos que estão aparelhados para atender à demanda local e da região circunvizinha. Raros são os produtos que não são encontrados no comércio tijucano.

Todavia, são poucas as pessoas que ainda conservam o velho habito de fazer compras fora, prejudicando, não apenas o nosso comércio, como a própria cidade. é um costume condenável, que denota falta de bairrismo, de maior interesse pelas coisas da cidade onde vivem. Não se deve buscar fora o que pode ser encontrado aqui, prestigiando nosso comércio e ajudando-o a crescer e melhorar cada vez mais.”⁸³

⁸³ “Campanha de valorização do comércio tijucano”. In: *Jornal “Cidade de Ituiutaba”*. Ituiutaba, 27/01/1977. p. 1

Sobre as expectativas de vida e a impressão acerca da cidade, Luca fala daquilo que estava relacionado diretamente às suas necessidades de sobrevivência e ao seu dia-a-dia:

Tinha muito movimento na cidade, mas quando a gente mudou prá qui, aqui era um setor muito isquicido. Quando a gente foi iniciar essa vida, tinha algumas casas, mas era tudo mato, terra, cheio de buraco. Então, a gente teve muita dificuldade prá gente construir essa casinha aqui. A gente começou com nada, então, quando a gente veio da fazenda, a gente trouxe alguma folha de buriti, trouxe algum pouquinho de madeira. E chegando aqui, meu marido trocou os plantio que a gente tinha e a terra, com uma pessoa que interessou a engordar porco e aproveitar também aquela fartura que a gente tinha lá. Aí, ele trocou isso em troca desse chão aqui e aí, a gente foi fazendo aos pouquinho. Primeiro, cubrimo com folha de buriti, depois a gente começou a fazer o adôbo... o adôbo, que é feito da própria terra. E assim, foi construindo uma casinha e deu prá criar os filhos até prá colocar as criança na escola. Meu marido saía prá fazenda prá trabalhá e a gente ficava aqui, e lavava umas roupa para os ôtros, fazia algum docinho. Meu marido continuou na fazenda, fazeno cerca de arame, batendo estaca, batendo pasto.⁸⁴ (sic)

No que se refere ao modo de expressar de Luca, é importante ressaltar algo que foi percebido em outros depoimentos. A preocupação em falar com correção gramatical, o que produzia locuções diferenciadas no discurso, como se pode perceber no depoimento acima: “fazeno” e “fazendo”, o que denota um certo embate entre a forma popular de falar, típica do meio rural, e as formas ouvidas costumeiramente, percebidas como corretas e elegantes, mas não de todo assimiladas. Da mesma forma, nas falas do agrônomo Roberto Lima, foram percebidas intercorrências de expressões mais características do meio rural, especialmente quando o gravador estava desligado, levando a crer na possibilidade de “circularidade cultural”.⁸⁵

O conceito de “circularidade cultural”, foi forjado por Ginzburg, pela primeira vez, em “O queijo e os vermes”, obra que retrata as idéias de um moleiro friuliano condenado como herege pela Inquisição papal no século XVI. A partir do próprio trabalho de pesquisa, o autor formulou um conceito de cultura popular como cultura oposta à cultura letrada e oficial das classes dominantes, o que evidencia, no

⁸⁴ Luca. Depoimento colhido em 09/08/2000.

⁸⁵ Carlo GINZBURG. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

aspecto sociocultural global, seu olhar voltado ao conflito de classe. Filtrada pelas classes subalternas de acordo com seus próprios valores e condições de vida, a cultura popular se define pelas relações que mantêm com a cultura dominante, enquanto esta também assimila elementos da cultura popular, filtrados à sua maneira.

Ainda sobre a situação dos bairros Natal e Junqueira, é possível constatar, pelo texto produzido pelo jornal local, à época do grande movimento de migração, que os órgãos públicos se mostravam presentes no sentido de tornar tais bairros mais acessíveis, enquanto espaço de moradia, ao menos.

“Já se encontra na cidade todo o material para a primeira etapa de construção da Rede Coletora de Esgotos Sanitários em bairros de Ituiutaba. (...) O plano em questão deverá atingir primeiramente, as populosas vilas Natal e Junqueira. Sua execução deverá ser iniciada no próximo mês de abril.

A obra em foco beneficiará grandemente os habitantes daqueles distintos e progressistas setores de nossa cidade, que vem aspirando, de há muito a esse desenvolvimento. (...)

*A SAE, dentro de seu espírito de trabalho e desejosa de ampliar seus serviços, para atender as necessidades de uma urbs (sic) que cresce em ritmo acelerado, já programou a extensão de 10 metros de rede de distribuição. Concomitantemente, prosseguirá a instalação de novos hidrômetros, que deverá atingir 1000 unidades”.*⁸⁶

A cidade é, hoje, circundada pelos bairros, onde as pessoas, predominantemente originárias do meio rural formaram comunidades. Nas regiões centrais ou próximas ao centro da cidade, além daquelas famílias que compõem a elite agrária, fixaram-se componentes das camadas médias, como os profissionais liberais, os comerciantes, os profissionais de ensino e os funcionários públicos tecnicamente melhor qualificados.

A presença dos migrantes rurais nestas “beiras da cidade”⁸⁷ – aqui representadas pelos bairros Natal e Junqueira – contribuiu para que nas últimas três décadas essas antigas vilas fossem recebendo infra-estrutura adequada, como esgoto sanitário, energia elétrica, asfaltamento de ruas, rede de telefonia e postos de saúde. Tais

⁸⁶ “Já chegou material doado pelo Ministério da Saúde”. In: *Jornal “Cidade de Ituiutaba”*. Ituiutaba, 09-03-1977, p. 1

melhoramentos foram obtidos a partir da capacidade de pressão de moradores, exercida, particularmente, sobre políticos em épocas de eleições. Por outro, tais localidades, mesmo que urbanizadas, constituíram-se num foco de difusão cultural daqueles aspectos da cultura rural que se mostraram imunes ou resistentes à interferência dos padrões urbanos.

Nas lembranças de José Pinheiro sobre a então Vila Natal, onde tinha conseguido comprar uma casinha com a venda dos produtos da fazenda, ressaltam a precariedade e a escassez de infra-estrutura existentes, mas já com prenúncios de melhoria:

*Quando nós mudô prá qui, prá passá os trem prá dentro de casa foi preciso nós pô umas tábuá, uns pranchão da grussura da parede prá podê passá a mudança. Êis tava passano a rêde de isgoto, senhora entende? Dipois que mudei prá qui êis fizeram a rede de isgoto, a passage de ônibus e dipois o asfalto. Eu paguei tudo, né?*⁸⁸ (sic)

Explica que o lugar foi escolhido em parte porque fez uma troca com o patrão, que passou-lhe a casa. Diz que preferia uma casa em outro bairro, porque era mais perto da sogra. Na sua visão, bom seria ficar toda a família reunida, morando perto, o que mais tarde acabou acontecendo, com a mudança da sogra para seu bairro. Explica que o bairro já estava “devastado”, quase sem árvores, mais que pouco mais acima “bem prá cima da praça ali, óh, ainda tinha muito cerrado”.

Na fala saudosa, quase poética de Geraldo, surge a comparação entre a vida no campo e a vida na cidade, pessoas diferentes, com hábitos, a seu ver, “refinados”, em contraste com as maneiras do “caipira”.⁸⁹

A cidade é muito barulhenta, na cidade você não ouvia o canto do pássaro, do passo preto, na hora do sol entrá. Na hora de acordar de manhã tinha as voradas do passarinho, do passo preto naquelas voradas; era a hora dô cê tá levantano prá ir prá roça, antão, eu sentia aquele clima da cidade, aquele clima muito, muito, assim, avolúido, o pessoal. Nós num parecia com o pessoal da cidade, porque nós era incardido, criado lá no mato. Chegava aquele povo arrumadinho, povo de

⁸⁷ Beiras da cidade: referência à periferia da cidade. Foi utilizada aqui a expressão, costumeiramente, usada por algumas pessoas do centro da cidade. O propósito nosso é comentar sobre o preconceito presente na expressão, especialmente quando se fala sobre as “moças de beira”, o que não é tão raro.

⁸⁸ José Pinheiro Filho. 71 anos de idade. Depoimento concedido em 23/11/2000.

⁸⁹ Antônio CÂNDIDO. op. cit.

cidade, aquele povo tão cheroso, com aquele perfume cheroso, aquele sabonete cheroso, aquela rôpa bonita... Nós pensava: esse povo tá numa mitidez... Nós num conhecia aquele lado, hoje nós conhecemo o lado, nós tamo ambientado dentro da cidade. mas ainda gosto... tenho saudade do chêro da terra que num acabô, aquele chêro da flor do mato ainda num acabô... aquilo ali ficô.⁹⁰ (sic)

Assim é que, no transcurso do período em análise, entre 1970 e 1985, a região do município de Ituiutaba passou por transformações no seu meio rural, e que se refletiram na cidade. Os planos governamentais de desenvolvimento econômico, a prioridade dada a pecuária em relação à agricultura, o Estatuto da Terra, a procura de escolas que pudessem preparar os filhos para sua inserção num tipo mais dinâmico de mercado – que já havia contagiado o campo – e outras motivações de ordem pessoal, de forma articulada, promoveram alterações nas formas tradicionais de relação com a terra, nas relações de trabalho e na maneira do homem rural sentir-se no mundo.

Os problemas da modernização não se restringiram ao aspecto da cultura – mais que isso, vincularam-se às condições singulares de acumulação de capital na economia brasileira. No caso da introdução do capitalismo no campo, ele produziu fatores e motivações que tornaram difícil a permanência do caipira em seu lugar de origem.

A migração tratada neste estudo é parte de um momento histórico em que o êxodo do campo para a cidade, no Brasil, ocorreu de maneira generalizada. Ainda que nesse estudo se valorize as dimensões estruturais entende-se ser essencial evitar que tais dimensões impeçam o desvelamento de situações, motivações e vivências experienciadas no cotidiano das pessoas – nos valores e práticas inventadas e reinventadas; nos costumes, expectativas e sonhos mantidos, recriados e/ou desfeitos; nas lutas travadas no dia-a-dia; na aventura de viver na cidade.

⁹⁰ Geraldo Alves de Oliveira. 70 anos de idade. Depoimento concedido em 26/11/2000.

II

Viver e Sobreviver na Cidade: aspectos culturais na manutenção da vida

É uma tarefa quase impossível estabelecer uma distinção nítida entre o que seja cultura urbana e cultura rural, na região de Ituiutaba. Desde as primeiras décadas do século passado, ocorre no Município a circulação de pessoas de um meio ao outro, o que se intensificou a partir do sucesso obtido com a produção, o beneficiamento e a comercialização do arroz. A partir do final da década de 60 e, mais intensamente, na década de 70, com o êxodo rural já explicitado no primeiro capítulo, entende-se que se consolidaram na cidade atitudes e concepções da vida rural que, embora mescladas ao urbano, insistem em suplantá-lo.

A sociabilidade, as relações de trabalho, as idéias, os sentimentos e os valores deixaram sua marca na constituição mútua, vividos e tecidos no cotidiano. Explicitar as interconexões entre estas duas realidades traz à tona os conflitos, as resistências e desistências, as permanências e as recriações.

Raymond Williams observa que são generalizadas as atitudes emocionais que associam campo a uma forma de vida natural, pacata, de hábitos e virtudes simples, ao passo que a cidade é vista como o centro de realizações, de comunicações e do saber. Numa linha de visão negativa, a cidade passa a ser entendida como o lugar do barulho, da mundanidade e ambição, enquanto que o campo, como o lugar do atraso, da ignorância e da limitação.⁹¹

No Brasil, ainda é generalizada a concepção de que campo significa atraso porque não tem desempenho industrial, não oferece produtos manufaturados para o consumo, como o faz a cidade. Outra imagem comum acerca do campo é aquela que o

⁹¹ Raymond WILLIAMS. *Campo e Cidade*. p. 11

apresenta idealizado e identificado com o passado bucólico, tranqüilo, embora rústico e limitado. Já sobre a cidade, as imagens a identificam com o futuro, com a modernização e o progresso a ser atingido, ainda que também associada à intranqüilidade e o desemprego.

Ainda que o tempo transcorrido não tenha apagado na memória a lembrança das dificuldades da vida na roça⁹² - as escassas possibilidades de lazer, a falta de escolas, o trabalho árduo – os testemunhos obtidos apontam uma certa tendência à idealização do meio rural, uma valorização do passado, provocada, possivelmente, pelo distanciamento nostálgico, temporal e espacial, de nossos entrevistados daquele antigo modo de vida, ou mesmo por motivo de dificuldades enfrentadas no momento presente.

A esse respeito, Antônio Cândido adverte sobre a tendência de o caipira ter “*sua maneira de criar uma idade de ouro para o tempo onde funcionavam normalmente as instituições fundamentais da sua cultura (...) onde tinham razão de ser como tipos humanos*”.⁹³

Caminho semelhante é percorrido por Portelli, ao tratar sobre a atenção do historiador às fontes orais, alertando para que “*mudanças que tenham tomado lugar na consciência subjetiva pessoal do narrador, ou em sua situação socioeconômica, podem afetar, senão o relato de eventos anteriores, pelo menos a avaliação e o ‘colorido’ da história (...). Nestes casos, a informação mais preciosa pode estar no que os informantes escondem e no fato que os fizeram esconder, mais que no que eles contaram*”.⁹⁴

Para a compreensão do processo histórico em que nossos narradores experienciaram seus modos de vida na cidade, é significativo apresentar, ainda que de forma genérica, as formas de vida passadas no meio rural, ao menos naquilo que concerne ao tema tratado neste capítulo, que versa sobre as alternativas e estratégias de vida material. Para a apreensão da cultura enquanto modos de vida e de experiências sociais “*é necessário auscultar o cotidiano, se imiscuir em experiências de vida locais e regionais, avaliando não só o poder e recriação das práticas culturais populares, como rastreando as que foram relegadas ao esquecimento e caíram em desuso*”.⁹⁵

⁹² Maria Clara T. MACHADO. op. cit.

⁹³ Antônio CÂNDIDO. op. cit. p. 195

⁹⁴ A. PORTELLI. O que faz a história oral diferente. op. cit. p. 34

⁹⁵ Maria Clara MACHADO. op. cit. pp.27-28

As relações de trabalho estabelecidas entre o latifundiário e o meeiro ou o agregado davam-se por diferentes formas de contrato e eram intermediados pelo paternalismo presente nas relações de compadrio.

O meeiro era o trabalhador que não possuindo terras, assumia com o fazendeiro o plantio da lavoura “à meia”. Em geral, dependendo da modalidade do contrato ou acordo estabelecido, o latifundiário participava apenas com a terra e com a área reservada à habitação e à subsistência do parceiro, cabendo a este o número de braços – familiares ou contratados como peões – a limpeza da área, o plantio e a colheita. Ao final, tanto poderia obter de 20% a 50% da produção quanto assumir o prejuízo, no caso de perda da lavoura.

A importância econômica da família numerosa fazia-se sentir no que se refere à extensão da área cultivada e, conseqüentemente, ao êxito do trabalho, pois reduzia o custo de contratação de mão-de-obra auxiliar.

*“O agregado era o indivíduo que contava para a sua subsistência só com a sua força de trabalho e, muitas vezes, com a da família. Residia na terra do patrão recebendo casa para morar e em troca tinha o consentimento de plantar para o consumo, mantendo, em alguns casos, a criação de porcos e galinhas. O seu trabalho, geralmente era o de serviços gerais – o faz-tudo do lugar: de vaqueiro a trabalhador rural tudo lhe cabia como tarefa. Sua mulher servia a casa dos patrões como empregada doméstica e os filhos, quase sempre, como pagens das crianças do proprietário. Todas essas atividades não impediam que, no intervalo da colheita ao plantio, o agregado pudesse pegar outras formas de empreitada em outros lugares. O salário nunca chegava ao mínimo da época, e no pagamento estava implícito o desconto de mantimentos, remédios, roupas ou quaisquer coisas necessárias à sobrevivência da família, que por ventura tivessem sido gastos ao longo da prestação do serviço”.*⁹⁶

Segundo Severino, fundador e presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba, a partir de 1973, quando foi fundado o Sindicato, ganharam visibilidade os conflitos sociais entre patrão e empregado, quando passaram a ser freqüentes as homologações de acordos solucionados por meios judiciais.

⁹⁶ Idem. op. cit. p. 73. As características apontadas pela autora são semelhantes na situação dos trabalhadores por nós pesquisados, acrescentando que no caso de alguns meeiros, era também cedida a moradia e autorizada a produção para o consumo.

Sobre as dificuldades enfrentadas pelos pequenos proprietários rurais do Município estudado, que desistiram de “*tocar lavoura*” e transferiram-se para a cidade, é esclarecedora a observação de Vítor Nunes Leal, a respeito da situação da pequena propriedade nos anos 40: “*A situação dos pequenos proprietários é em regra difícil em nosso País, sobretudo quando em contato com a grande propriedade absorvente. Essa precariedade é agravada pela pouca produtividade do solo e (...) se somam ainda as dificuldades de financiamento. E todos esses inconvenientes pesam muito mais sobre as glebas ínfimas – de menos de 5 ha (...). A pequena propriedade próspera constitui exceção, salvo naquelas regiões em que não está sujeita à concorrência da grande, nem se constituiu como legatária de sua ruína*”.⁹⁷

No depoimento de Darcy, percebe-se que tinha pretensões de estudar ou que, pelo menos hoje, ao tentar analisar sua trajetória de vida, a partir da experiência na cidade, onde adquiriu novos valores, vê com melancolia e um pouco de frustração as suas possibilidades perdidas e os sonhos que não se concretizaram, porque não estudou.. A idéia de um “melhor futuro na cidade”, percebida em outros depoimentos, aparece com força em sua memória:

*Minha mãe ouvia muito o pai dela, que não deixô nós vim pra cidade im criança; porque se tivesse deixado, hoje eu seria um dotôr ou uma pessoa com um dê erre (Dr) na mão, né? O velho, pai da minha mãe, pensava qui tinha que conservar aquilo, qui eles num ia morrê nunca, entende? Aí, a gente ficô rapáiz lá na fazenda. Eu e meu irmão, nós pegamo e dismatamo dois alquer de cerrado grosso, tudo no enxadão, tudo no braço, braçal. E a primeira decepção... (pausa) A gente colheu muito arroiz, né? Maisi... meu irmão, um dos mais velho, fez financimaneto prá ele e prá nós. Nós deu conta de pagá o nosso, e sobrô lavora prá nós, mais ele num deu conta de pagá o dele e o que nós colhemo, teve qui pagá a parte dele, e eu fiquei sem nada. Por isso eu vim.*⁹⁸ (sic)

Segundo seu depoimento, o pai faleceu quando ele ainda era criança. Quando vivo, dedicava-se ao plantio de milho e feijão, produtos que eram vendidos e/ou trocados no armazém por outros produtos como sapatos, roupas, tecidos e outros gêneros de primeira necessidade. Com o pai, trabalhavam os irmãos mais velhos “tocando o roçado”.

⁹⁷ Vítor Nunes LEAL. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Alfa. Omega, 1975. pp. 29-30

⁹⁸ Darcy G. da Silva. Depoimento colhido em 24/04/2000.

Nas memórias de Eronides Ferreira são explicitadas claramente formas de adaptação ao sistema capitalista de produzir e “ganhar a vida”, tanto em sua experiência no campo quanto na cidade. A inserção de seu depoimento neste trabalho tem como justificativa figurar como um contraponto à trajetória e à experiência de vida de trabalhadores que, não se adaptando às novas circunstâncias de vida no campo, viram-se forçados a sair em direção aos bairros afastados da cidade. Na cidade, habitando áreas sem adequada infra-estrutura urbana, providas, à época, apenas de água encanada, ruas esburacadas onde dificilmente transitavam carros, foram buscando atividades variadas de trabalho de baixo rendimento e novas alternativas de sobrevivência. Situação um pouco diferente da experimentada por nosso narrador:

Eu toquei armazém, é, durante uns déiz ano. Toquei lavôra durante esses déiz ano, tamém. No armazém, vindia de um tudo. Comprava na cidade e vindia pro pessoal da fazenda. Tinha hora que tinha uns vinte cavalêro. Êis vinha pro armazém, e tinha campo de futibol. Eu matava umas três vaca, durante o fim de semana; tirava meia vaca prá podê vendê, com sanduíche, pro pessoal, no dia que tinha futibol. O campo de futibol atraía muita gente. Eu furnicia pro pessoal, dava prazo prá êis, naquela época eu dava até seis mês de prazo. Êis arava a terra e eu furnicia prá êis durante aquele tempo (período) até colhê, prá podê me pagá. O ano que Deus mandava chuva, que corria tudo bem, eu ricibia; tinha ano que pirdia total. Nessa época eu tinha uma terra arrendada, tinha o bananeiral, tinha o armazém e tinha o campo de futibol. Eu comprava os cereal na região, dos impregado do Baduy, dos impregado do Barão Cardoso, dos impregado do Arceu Ribeiro, sabe cumé quié, há uns vinte e cinco anos atrás. Eu trazia em caminhão, né? Caminhão de arroiz, feijão e milho. O bananal eu vindia tamém, qué dizê, trazia tamém, prá casa de fruta, sabe comé quié. Isso foi mais ou meno em anos 68 até 85, por aí.⁹⁹ (sic)

Questionado sobre como suplantou outros pequenos lavradores, no que se refere a adoção de práticas lucrativas, ele retrucou um tanto embaraçado e constrangido – mostrando a intenção de não parecer astuto – que “*comprava do pessoal e rivindia por um lucro piqueno, num ganhava muito, não*”.

Sobre seus motivos para sair do campo, a alegação recorrente em boa parte dos depoimentos: os estudos dos filhos.

⁹⁹ Eronides F. Silvério. Depoimento colhido em 25/08/2000.

Em 82 eu vim difinitivamente prá Ituiutaba e tô aqui até hoje. Vim prá cuidá do estudo os fiios. Abandonei tudo, trouxe a muié doente da cabeça, e púis um motel aqui. Trabaiei uns vinte ano pelejano com esse motel, que dizê, casa de mulhé, sabe comé quié. Então, levenho com a luta e hoje meu ramo transformô em guariroba (‘palmito amargo’). Eu planto e vendo aqui na fêra da Junqueira (bairro onde mora).¹⁰⁰ (sic)

Ao falar em “casa de mulhé”, ficou claro por que estava apreensivo no início da entrevista, perguntando se seu depoimento iria ser publicado em jornal. Interessante ter usado expressões como “pelejano” e “levenho com a luta”, parecendo querer demonstrar que sua luta diária compensava a atividade ilícita¹⁰¹ ou amenizava, diante da sociedade, a responsabilidade social no tocante à exploração de mulheres, usando o corpo delas como produto de prazer a ser mercadejado. Questionado se tinha a “consciência pesada”, em referência a essa atividade, Eronides retrucou que ajudou várias delas a conseguir um companheiro que as levasse dali do “motel”, ou seja, já tinha construído para si mesmo um sistema de justificativas e de defesas:

A casa de prostituta é liberada, ela não tem imposto, é uma casa de diversão, o pessoal adiverte. Hoje caiu, quase não existe, surgiu essa doença da AIDS. Eu ajudei a “colocá” várias delas. Várias pessoas andou levando essas meninas prá êis. Várias delas precisava, prá ajudá na casa. Eu dava força prá elas. Eu comprava roupa, calçado, dava dinheiro.¹⁰² (sic)

Antônia Maria explica que veio para a cidade em 74 ainda solteira, quando tinha 25 anos. Seu primeiro emprego foi na atividade que havia aprendido a desempenhar na roça, o serviço doméstico: “Era o que eu sabia fazê, né? A não ser o serviço da roça, porque o da roça eu fazia de tudo, até plantá arroz eu plantava, né?”

Relembra, com orgulho, que eram ela e suas irmãs a ajudar o pai no trabalho do “roçado”, evidenciando a estrutura familiar característica, ainda, do trabalho rural, à época:

¹⁰⁰ Eronides Ferreira. Idem.

¹⁰¹ Ver artigo Vera Lúcia PUGA de SOUSA. *Encontros e desencontros: vivências dos anos 60 – Triângulo Mineiro*; publicado na revista História e Perspectivas, número 8, jan./jun./93, p. 123. Tal artigo corresponde à dissertação de mestrado intitulado “Entre o Bem e o Mal” (Educação e Sexualidade – Triângulo Mineiro – 1960, defendida pela autora, na USP, em 1991.

¹⁰² Eronides Ferreira. Idem.

*Então, a chácara do meu pai era a gente que trabalhava lá dentro, né? Ele não punha, assim, peão de fóra. Os filho dele... as filha dele é quem trabalhava. E assim, a não ser o serviço de lá, os ôtro serviço a gente não sabe aqui. Nós só veio imhora purquê meu pai perdeu o braço e num pôde mais trabalhá. Num tinha empregado lá..¹⁰³
(sic)*

Sobre se tinha conseguido estudar, Antônia Maria apressa-se a dizer que sim, que tinha estudado um pouco no tempo que morava na chácara, porque havia uma “escolinha” perto.

Achava que era importante estudar, porque “a gente pensava sempre no futuro, pois se a gente chegasse morá na cidade¹⁰⁴, as vês até arrumava um serviço melhor, né? O importante era sabê lê e escrevê, assiná o nome, né?”¹⁰⁵ (sic)

Saber ler e escrever era uma condição, no seu entender, necessária para se viver na cidade, ou seja, reforça em suas palavras o comprometimento da escola com os valores urbanos.¹⁰⁶

É importante ressaltar no depoimento de Darcy, o apego aos valores tradicionais da família, de respeitabilidade, de autovalorização e de busca de reconhecimento social que ainda mantêm e que transparece em alguns trechos de sua fala. Ao mesmo tempo, demonstra o seu esforço de adaptação e integração aos costumes urbanos, tanto no modo como se expressa quanto naquilo que expressa em palavras. Sobre as experiências de trabalho desde 74, até se tornar um proprietário de bar/armazém, inclusive com prédio próprio, gosta de passar a impressão de que, na cidade, era convidado, “chamado”, muitas vezes para trabalhar porque era valorizado como “bom empregado” e como pessoa de família respeitada, conhecida na cidade. O que também evidencia que no espaço geográfico que compõe o município de Ituiutaba, e outras localidades próximas a ela, a linha entre o rural e urbano é tênue, constituída de

¹⁰³ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

¹⁰⁴ Ver: José BORZACCHIELLO da SILVA. Discutindo a cidade e o urbano. In: - (org) *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p.85. No artigo, o autor comenta a sedução que a cidade exerce sobre as pessoas, constituindo-se como um objeto de desejo, ainda que rejeitada e costumeiramente ultrajada.

¹⁰⁵ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

¹⁰⁶ José de Souza MARTINS. *Capitalismo e tradicionalismo*. p. 101

uma espécie de porosidade por onde perpassavam, e ainda perpassam, como que se entrelaçando, elementos culturais de um meio ao outro. Em suas falas, é perceptível a preocupação de expressar-se corretamente:

Em 74 eu arresolví a vim. Foi muito difícil, eu trabalhei uma semana numa cerâmica alí em frente ao cemitério, num sei cumé o nome dela, não me alembro o nome. Pois é, eu trabalhei uma semana, éééh, a gente tava assim meio perdido, éééh, chegava meio matuto da roça, né? Me pegou uma gripe muito forte e eu tive que voltá lá prá minha mãe, prá me curá. Era o chá caseiro que a minha mãe fazia, né? Dentro de uma semana fiquei bom. Voltei novamente, mas quando eu vim prá pegá o serviço que era meu, já tinha ôtro colocado no lugar. Aí, bom, arrumei na CAMIG, de chapa. Lá me parece eu trabalheio uns vinte dia. Aí, por causa da nossa família, por causa da tradição, tinha uma vaga no Posto Irmãos Miguel, e eles ficaram sabendo de mim, mandaram me chamá lá na CAMIG prá trabalhá no Posto. Lá eu fiquei uns quatro anos. Era muito querido alí, o povo gostava muito de mim. Aí eu vim prá escola cuma dificuldade tremenda. Éééh, eu terminei só o primeiro grau no Clóvis Salgado, né? Aí pensei que o Posto já não tava muito bom prá mim não, eu queria coisa mais... éééh... alcançá uma coisa mais. Saiu uma vaga na Burí, Loja Burí, lembra? O Amaral mandô me chamá. Aí, eu já mudei de traje, porque trabalhava no centro da cidade, já tive que... né? Era comerciante de posto de gasolina, era cheio de óleo. Aí, eu trabalhei de cobrador.¹⁰⁷ (sic)

Suas lembranças acerca de seu trabalho são detalhadas numa longa explanação de como era habilidoso como cobrador de loja, profissão que exerceu por alguns anos, até que “passou” no concurso para carteiro. Afirma ter gostado desse trabalho, que o fazia sentir-se importante. Deixou de ser carteiro após algum tempo, quando se aposentou. A essa altura, decidiu “abrir a venda” que – em razão de ser ele “muito comunicativo”, “tocador de acordeon e violão e, ainda por cima, cantador” – acabou assumindo as características de um barzinho de esquina, funcionando à noite e nas tardes de sábado. Sempre “animado mas com muito respeito”, porque “eu sou um capitão de Folia de Reis dos melhor aqui da região”.¹⁰⁸ (sic)

A narração da experiência de vida de José Pinheiro na roça explicita situações que não diferem muito daquelas vivenciadas por nossos outros entrevistados.

¹⁰⁷ Darcy G. da Silva. Depoimento colhido em 24/04/2000.

¹⁰⁸ Darcy G. da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

Segundo informa, até 1968 era meeiro em uma fazenda da região. Diz que seu patrão era um homem bom. “*Não tenho que queixá nadinha... um patrão bõ que eu nunca ví igual, trazia nós prá cá de caminhão e levava... bõ demais, num conheço ôtro*”¹⁰⁹ (sic). Ainda que, como disse, não tenha tido problemas com o patrão, precisava completar seu ganho “*mexeno com venda de carne de porco e mexeno com carro de boi, puxano mantimento*”.¹¹⁰ Alega que não exigia seus direitos trabalhistas porque o patrão era bom. Lembra, com saudade, do trabalho na fazenda:

*“Porque eu gosto de plantá, gosto da roça qualqué tanto, inclusive, fiz uma inscrição no sem-terra prá vê se arranjo um terreninho prá mim plantá, né?”*¹¹¹ (sic)

Explica que veio para cidade em 1970, porque os quatro filhos estavam já estudando na cidade – morando com a avó – e sua mulher “vivia doente e nós num tinha INPS”. Admite que a situação de trabalho já não estava boa na roça e, assim, vendeu tudo o que tinha pra “juntar dinheiro”. Dois anos antes, havia comprado uma casinha, o que facilitou a vinda:

*Eu vim e truce mantimento, truce porco, truce banha frita... saí vendeno e pruveitei tudo. Chegamo aqui cum dois mil cruzero, e uns saco de arrôiz e ôtros de mí. Eu num sei quanto tempo eu levei prá arrumá imprego, mas o primiro foi de jardinêro, é. Zelava, lavava, aquêas coisa tudo, né.*¹¹² (sic)

Após algum tempo, aproximadamente em 72, José saiu da cidade rumo às fazendas da região do Triângulo Mineiro e de Goiás para garantir a sobrevivência construindo fornos de carvoeira, e assim, participando consciente ou inconscientemente, do processo de desmatamento do cerrado, já desencadeado em razão de transformação das áreas em terras de pastagem.

Prá todo lado eu ia fazê forno. Iche!, êis paga bem! Depois foi ino, foi ino, passano ano, cabano as lenha, né? Fui ficano sem sirviço. Passei a trabaiá fazeno cerca de arame, mais um amigo meu. Aquêis dois mil cruzero acabô im dois ano... Onde tira e nunca põe, acaba mesmo, né? Tinha hora de ficá até dois mêis sem trabaio.

¹⁰⁹ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

¹¹⁰ Idem.

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² José Pinheiro. Idem.

Eu trabaiei de tudo: pedreiro, carpinteiro... Eu pagava INPS autônomo pra tê direito a aposentadoria e pur causa da saúde da mulhé. Quando chegô 95, né, aposentei e fiquei pa quí, pa lí.¹¹³ (sic)

A tendência observada em nossa vivência na cidade já à década de 70, e constatada nos depoimentos colhidos, era a de os migrantes dirigirem-se para as áreas afastadas da cidade em busca de moradias – para comprá-las naqueles casos em que se logrou amealhar algum dinheiro com a venda da produção, ou para alugar. Houve um relato em que, não tendo condições nem de comprar nem de alugar, o retirante optou por ocupar uma casa popular abandonada, do sistema popular de habitação do BNH – Sistema Nacional de Habitação, localizada na, então, denominada Vila Natal, hoje oficialmente reconhecida como Bairro Natal, após o processo de urbanização por que passou.

A sobrevivência era obtida por meio de afazeres variados, nem sempre encontrados no comércio ou na indústria, esta praticamente inexistente. Quando não se dedicavam ao trabalho relacionado às antigas atividades no meio rural – jardineiro, consertador de cercas, seleiros, lavadeiras e cozinheiras, churrasqueiros, feirantes, entre outras, assumiam empregos na construção civil galgando as várias etapas de qualificação profissional, desde auxiliares e ajudantes até serem transformados, pelo aprendizado na experiência cotidiana, em pedreiros, carpinteiros e marceneiros. No caso das mulheres, com o passar do tempo, a profissão de doceira e quitandeira veio sendo assumida, a partir da reelaboração de técnicas e receitas mais adequadas ao mercado consumidor, desenvolvida na experiência no emprego doméstico. Outras formas de sobrevivência foram obtidas por meio dos serviços públicos, especialmente em razão de relações de compadrio ou práticas políticas eleitoreiras.

Acostumar-se aos novos hábitos e à lida diária não foi fácil, o que se torna evidente na fala de Luca:

Quando eu vim da fazenda, a gente começou assim, lavano roupa pros outro, e com a menininha doente eu levava, assim, um cobertorzinho. Eu fazia uma marmítinha do menino e a mamadeira da menina doente, pegava e punha eles no cantinho da área, vigiano... Eu comecei a lavá roupa – lavá, passá e também fazia faxina nas casa. A gente passô um pôco apertada... de vez em quando a gente deixava o ferro esquentá muito e

¹¹³ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

cumeçava a pregá; a roupa saía até pregada no ferro (risos).¹¹⁴ (sic)

Nas suas palavras, explicita-se a incorporação de saberes urbanos, a partir do relacionamento com a patroa ou com vizinhos:

Aí foi, divagar, a gente foi aprendendo limpar o ferro com bombril e com vela. A gente vai vivendo... a gente, às vezes, ouve uma pessoa falá: “isso aqui é bom”, e quando a gente passa por uma aflição, aí a gente alembra “oh, isso aqui eu já ví falá isso”. Na fazenda, a gente aprendeu a mexê com salgado, a mexê com carne de vaca, frango e pernil. Fazia prá ajudá nos casamento, na fazenda onde a gente morava na família Carvalho. A gente assava as peça de Natal, de fim de ano, eu assava pernil, assava frango, assava peru, essas leitoa e, assim, a gente foi praticando... assim, a fazê as coisa, mas sempre coisas caseira, mas coisa da roça, coisa da fazenda. Aí encontrei uma senhora muito boa, Dona Dalva, então ela falou: minha filha, vô te ensiná a fazê dôce, é mais fácil, cê faiz em casa, fica cuidando da sua menina. Aí, ela me ensinou a fazê geléia, fazê goiabada. Assim, eu comecei a fazê as coisa em casa, aí não precisava deu saí mais, assim, com as criança prá trabaiá, pra ganhá o pão-de-cada-dia. Mais aí, eu fui começando a fazê ôtras coisa, ôtros doce.¹¹⁵ (sic)

Com algumas exceções, no grupo social em estudo, as mulheres dividiam com os homens o trabalho da lavoura. Há relatos que falam de jovens adolescentes usando a “matraca” a até mesmo limpando e roçando o solo com enxada e enxadão, como é o caso de Antônia Maria. Efetivamente, dependendo da necessidade, até mesmo as crianças de 10 a 12 anos ajudavam nesse tipo de trabalho. À mulher cabia os afazeres domésticos, como cozinhar, arrumar, lavar e cuidar dos filhos além de outras tarefas indispensáveis no cotidiano do meio rural: apanhar lenha, alimentar as galinhas e os porcos e tirar leite da vaca, se fosse o caso.

A narradora citada relata que quando se transferiu para a cidade teve que trabalhar como empregada doméstica porque lavar, passar e cozinhar era o que tinha aprendido a fazer, além de trabalhar na lavoura. Lembra as dificuldades enfrentadas na lida com o instrumental técnico de uso doméstico característico da cidade, como por exemplo, o ferro elétrico de passar roupa, a enceradeira, o fogão a gás, entre outros.

¹¹⁴ “Luca” Wailde Domingues Pacífico. Depoimento concedido em 09/08/2000.

¹¹⁵ Idem.

Também não foi fácil aprender a se relacionar com as patroas, pois não era “*acostumada com isso*”.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que as primeiras experiências de trabalho das mulheres entrevistadas foram no âmbito doméstico. Posteriormente, quando decidiram abandonar essa atividade, assumiram a atividade do lar e/ou a profissão de doceiras ou quitandeiras, produzindo para atender encomendas ou para vender na banca de feira.

Nas palavras de Antônia Maria, destaca-se outro aspecto característico dos modos de vida rural – a criança começava a trabalhar cedo porque o trabalho era encarado, indiscutivelmente, no meio rural, como um valor, como uma obrigação moral.

Eu fazia de tudo, porque minha mãe ensinava prá gente. Eu tinha uns oito ano, mais ou meno, e minha mãe já ensinava. Ali a gente cozinhava em fogão de lenha, passava com ferro de brasa. Arrumava uns banquinho e ensinava a gente a cozinhá, né? O resto nós aprendeu quando veio prá cá. Fazia de tudo nas casa: lavava, passava, cozinhava, arrumava. Inclusive, eu trabalhei... eu trabalhei oito ano na casa da mulher. Aí, eu sai prá casá e só trabalhei em casa.¹¹⁶ (sic)

Estimulada a falar sobre sua percepção de alguma diferença fundamental entre a vida que levou na fazenda e a que vive na cidade, além de comentar sobre a fartura¹¹⁷ e sobre o aspecto pacato do campo, lamenta que na cidade “*tudo é comprado e as pessoas repara em tudo*”:

Na cidade, tudo o que você vai fazê é comprado. Na roça, cê pega um pedacinho prá plantá e ocê planta, né? Ôtra coisa diferente é as rôpa, né? Na roça, cê veste uma rôpa... como diz o ôtro... assim mas simples... tano rasgada, mas tano limpinha, tudo bem, né? Já na cidade, cê num pode. Se quiser saí, tem que visti uma roupinha mais legal. Mais, cê vai acostumano... tem que acostumá.¹¹⁸ (sic)

Prosseguindo em sua narrativa sobre o aprendizado de doceira, Luca fala serenamente e com certo orgulho de si mesma, sobre a vontade que tinha de aprender

¹¹⁶ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

¹¹⁷ Ver Charles D’Almeida SANTANA. *Fartura e ventura camponesas*. Trabalho, cotidiano e migrações. Bahia: 1950 – 1980. São Paulo: Annablume, 1998..

¹¹⁸ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

outras receitas de doces, o que com muita “*coriosidade*” e empenho pessoal, acabou conseguindo. Pelo que se sabe, a narradora transformou-se efetivamente numa doceira conceituada na cidade.

Eu tinha muita vontade de aprendê, até que eu aprendí a fazê a bala “morena”, bala “delícia”, fazê cocada, fazê pé-de-moleque, fazê doce-de-leite caipira... Isso são coisas que pude fazê em casa. Infelizmente, eu passei a ser diabética e aí, tive que diminuí bastante os doce. Comecei a fazê coisas que eu pudesse prová. Aí, eu continuei fazendo figo, mamão, abóbora, queijo, cocada, doce-de-leite cortadinho, que dispensa prova. E assim, eu fui mantendo a vida, até chegá agora na época que a gente chegou.¹¹⁹ (sic)

Percebe-se que a fala de Luca é bem articulada e que os argumentos são encadeados com capacidade lógica, apesar do uso de expressões ditas “populares” e de algumas incorreções de pronúncia, alternadas à construção de frases em que o tempo e as pessoas dos verbos são utilizados pela forma erudita.

A propósito, observou-se igualmente essa ocorrência na fala de Maria de Lourdes e constatou-se que ambas têm em comum a situação de conviverem freqüentemente com os fregueses por serem doceiras – e ao decidir sair da roça o fizeram por se sentirem bastante atraídas pela vida urbana. A cidade, por motivos particulares, representava uma opção de vida mais adequada a elas.

Entende-se que a necessidade de boa comunicação com sua clientela elitizada e o anseio de assimilar os saberes urbanos tenham se constituído em fatores a colaborar na adoção de formas de expressão mais instruída. Ainda assim, muitos vocábulos continuaram sendo pronunciados à maneira informal e/ou gramaticalmente incorretas, o que denota a permanência de elementos culturais incorporados anteriormente no cotidiano rural.

Diante do comentário de que se expressava com facilidade, explicou que quando tinha treze anos veio à cidade e freqüentou a escola durante três meses, tendo aprendido a “*assinar o nome e escrever alguma coisa*”. Com o “*esforço de vontade e a necessidade*”, aprendeu um pouco mais, principalmente com a TV que, em seu entender, ajudou muito em seu aprendizado na cidade.

¹¹⁹ “Luca” Wailde D. Pacífico. Depoimento concedido em 09/08/2000.

Recorda que sua casa foi uma das primeiras do Bairro Natal a ter um telefone instalado e que ele foi adquirido às custas do dinheiro obtido com o comércio de doces, e com muito sacrifício. Reconhece, nesse fato, a solidariedade prestada por uma senhora “abastada” da cidade, que a ajudou a comprar o telefone à vista, emprestando-lhe o dinheiro:

Ela dizia que era importante, porque pelo telefone “a senhora pede o gás, pede o armazém, pede a farmácia... a senhora pode chamá o taxi... por exemplo, pode chamá o vizinho... uma pessoa da família, quando passá mal... Aí a senhora já tem um alívio dentro de casa”. É aonde eu tenho telefone. A vizinhança na fazenda era muito difícil da gente tê contato... a gente tinha que vivê uma vida só com a família. Aqui tem mais assistência, tem vizinho mais perto e qualquer dificuldade da vida, a gente vai hoje no Pronto Socorro, no hospital... Então, a vida daqui se tornou melhor... com toda a dificuldade que tem porque, mesmo assim, a gente enfrenta fila, tem que madrugá prá podê pegá ficha. Mas mesmo assim, tá melhor que na fazenda.¹²⁰ (sic)

Aspectos centrais do cotidiano tanto do campo quanto da cidade ressaltam no depoimento de Luca, no que se refere às exigências e adaptações frente às diferentes condições de vida em um meio e em outro. São perceptíveis as práticas sociais diversas daquelas experimentadas no campo – a referência à farmácia, ao gás, ao taxi – assim como o estabelecimento de relações sociais mais amplas do que as vividas quase que unicamente com a família, em decorrência do distanciamento espacial entre os grupos no meio rural.

Em seu trabalho sobre o caipira paulista, Antônio Cândido constatou uma tendência do homem do campo à mobilidade, decorrente possivelmente da agricultura itinerante e da precariedade dos títulos de posse e, até mesmo, resultante de uma tradição seminômade herdada dos bandeirantes, particularmente em São Paulo. Pela sua análise, essa mobilidade se constitui em um fator tanto de instabilidade quanto de preservação da unidade familiar, à medida em que estas tendem a fechar-se sobre si mesmas como recurso de resistência à desagregação e à anomia, pois “no povoado disperso elas constituem o único ponto de apoio da personalidade”. O autor acrescenta que, modernamente, o êxodo rural separa ainda mais a família, uma mobilização

¹²⁰ “Luca” Wailde D. Pacífico. Idem.

constante em busca de melhores condições de vida, e que esta forma de instabilidade leva à sua concentração como unidade social. Especifica ainda que essa concentração não se dá mais “*em face do isolamento geográfico e cultural, mas em contato com as forças atuantes da urbanização. Por isso, embora persista coesa como grupo, altera-se cada vez mais como estrutura tradicional, ao aceitar os padrões transmitidos pela influência urbana que a vai desligando da placenta original da sua cultura rústica*”.¹²¹

O atendimento de saúde pública na cidade perdeu sua característica de precariedade a partir da década de 70, mas a questão das filas para aquisição de fichas de atendimento médico-hospitalar e a superficialidade do serviço oferecido nos postos de saúde dos bairros continua sendo realmente um problema. Podia-se observar nos anos 70 que os hospitais disponíveis careciam de instalações adequadas, alguns deles tendo sido montados em prédios de vários cômodos, que haviam sido utilizados como residências ou como pensões. A inadequação e a falta de conforto que caracterizavam estes nosocômios não parecia incomodar aos pacientes nem às visitas que, ao contrário, sentiam-se tão à vontade quanto em sua própria casa: mascavam fumo, cuspiam nos cantos, deixavam alimentos expostos, conversavam alto. Outro aspecto ainda relacionado a questão da saúde tão cara à Luca era que muitos pacientes, quando não dispunham do direito de internação ou atendimento médico pelo INAMPS – Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social, por não disporem de carteira de trabalho assinada, presenteavam médicos e hospitais com frangos, ovos e queijos, produtos que a eles pareciam preciosos e apreciados. Tais hábitos, que se impunham à época, passaram a ser desprezados a partir da modernização das instalações e o treinamento das equipes de enfermagem.

José Pinheiro aponta a doença de sua esposa, alguns anos atrás, como um fator que o levou a pagar contribuições do INPS, além de garantir sua aposentadoria. Hoje, ele está aposentado, enquanto a mulher conseguiu um trabalho numa igreja:

Eu pagava autônomo prá tê direito à aposentadoria. Naquela época, quem não tivesse INPS não tratava, né? Eu tive que pagá, porque minha muié tava passano doente. Pro causa de nós dois, né? Nós tinha os fiio, mais valia prá nós dois, né? Aconteceu... eu tinha vontade de pagá prá todos, mas num tinha jeito. O dinheiro era pôco. Vei vino, vei vino, então aconteceu que duns tempo prá cá só recebo o da aposentadoria. Eu sô

¹²¹ Antônio CÂNDIDO. op. cit. p. 253

aposentado, né? A muié trabaia... trabaia de zeladeira da igreja. Trabáia meio período lá, só fáia no dia de quarta-feira. Num tem feriado, num tem dia santo, num tem nada... ela trabaia direitim. E ajuda dimais, ajuda com cinquenta real por mês... sessenta, setenta. Purquê tamém ela tem os gasto dela, né?¹²² (sic)

A intensificação das ações modernizadoras na cidade ocorreu na década de 60 e seus efeitos fizeram-se sentir durante as duas décadas seguintes, com a ampliação do número de estabelecimentos bancários, escolares e hospitalares; com a construção de praças; e com a extensão dos serviços de água e esgoto aos bairros. O asfaltamento das então chamadas “vilas” teve início em meados da década de 80 e veio ocorrendo, de forma gradual, até os dias atuais (2001).

Sobre a utilização de remédios caseiros a partir de ervas, prática recorrente no meio rural, todos os nossos narradores, sem exceção, disseram fazer uso, ainda que hoje se utilizem de remédios adquiridos na farmácia, “quando não tem outro jeito”.

Manoel Barbosa admite que não perdeu todos os costumes da roça, porque toma com freqüência os chazinhos feitos por ele e pela mulher:

É... um remedim caseiro, e bom, prá quem sabe fazê. Se fô fazê e não suber, aí complica. Aqui nós usa muito a erva de santa Maria, que é um remedião, e o chá do quênto, quando a gente tá com o estômago rui. O chá de hortelã... tudo é remédio bão.¹²³ (sic)

Já na fala de Geraldo, percebe-se o entusiasmo ao falar dos seus saberes medicinais:

Nos tempo da roça, nós num cumia veneno (agrotóxicos). Já cumeçava daí: o remédio era caseiro. Hoje nós usa, mais é poco, num são todos. Tinha a marcela, tinha o funcho. O funcho era mais prá criança quando tava com dor de barriga. Antão, tinha vários chá que a gente tomava... Antão, ela rotava aquela dor de barriga e sarava. Tinha a quina... Se a gente tivesse um probrema que zangasse o istomo, tinha o sal de grave (sal de Glauber), que dava prá fazê aquela lavage, era purgante. A horta de minha mãe era cheia de planta, que a gente esqueceu o nome, porque a mãe já morreu. E há muitos ramo que a gente não acha na cidade. naquelas hora (naquele tempo). Antão, quando conticia de alguém quebrá uma custela, o remédio era a rezina, era

¹²² José Pinheiro. Depoimento colhido em 23/11/2000.

¹²³ Manoel Barbosa. Depoimento colhido em 28/10/2000.

*um “choro” do jatobá com a clara do ovo e a arnica. Passava aquilo na perna da pessoa, onde quebrô. Pegava a taboca, que é um bambu do mato, fazia umas talinha, colocava em cima de onde foi quebrado. Com quarenta, cinqüenta, sessenta dia ‘tava colado o osso. A gente se virava, na roça, purquê médico era difícil. As vêis morria alguém, ‘que dava infecção no imbigio. Nossos imbigio era curado lá na fazenda, com um pó de fumo e azeite. O meu foi curado assim. Taí o imbigio, nunca foi estufado, taí normalmente.*¹²⁴ (sic)

Ainda que pareça querer defender a forma de curativo empregada à época, em recém-nascidos, Geraldo demonstra em sua fala já ter informação acerca de práticas medicinais inadequadas e até prejudiciais à saúde e à vida – como as ocorrências de tétano umbilical, em razão do uso do fumo e ao manuseio do corte, sem a devida assepsia.

Sendo portador de doenças crônicas graves, nosso narrador, em decorrência da constante necessidade de recorrer à assistência médica, tornou-se usuário da farmacologia halopática, em detrimento da fitoterapia, numa forma de aceitação do saber científico valorizado no meio urbano.

A propósito, é significativo dizer que há médicos na cidade que, ocasionalmente, estimulam o uso de medicamentos naturais, nos quais reconhecem a eficácia, e que afirmam dever tal conhecimento aos seus pacientes de origem rural e às suas práticas fitoterápicas. Há certos tipos de chás que são recomendados por alguns médicos da localidade, como por exemplo, a infusão com fava de sucupira, indicada para inflamação de garganta e a folha de arnica, em emplastro, para contusões.

Reconhece-se nessas evidências a existência de mútua influência cultural, um certo influxo recíproco, mas no caso de Geraldo, a necessidade fez com que incorporasse os padrões modernos da cultura médica, porque encontrou neles as condições adequadas para a manutenção de sua sobrevivência. Segundo Antônio Cândido, “*a acomodação do caipira aos padrões urbanos se faz conforme possa ou não encontrar condições satisfatórias de substituição dos seus próprios*”.¹²⁵ (sic)

Nas lembranças de José Pinheiro, a presença da esposa é marcante, naquilo que se refere aos cuidados com a saúde, com a alimentação e com o conforto da família. Diz lamentar muito a mulher ainda estar trabalhando para ajudar nas despesas da casa,

¹²⁴ Geraldo Oliveira. Depoimento colhido em 26/11/2000.

¹²⁵ Antônio CÂNDIDO. op. cit. p. 201

porque na fazenda o trabalho dela era árduo, “lá, é diferente daqui, que aqui tem horário, lá não tem. Era o sol... era de sol a sol”.

Indagado sobre se usava chás de ervas em caso de alguma alteração na saúde, lembra novamente de sua mulher:

*Essas coisa nunca faltô, as folha, né? Aqui em casa tem muita planta, ainda. Cumprimido às vêiz a gente comprava quando vinha, a senhora entende? Mais graças a Deus, num tinha muita doença, não senhora, entende? A doença pior que teve lá foi essa maleta que deu nos minino, mas graças a Deus todo mundo sarô. Minha mulhé que cuidava... Ela sempre gostô de plantá remédio, sabe?*¹²⁶ (sic)

À medida em que se acumularam as dificuldades na roça – falta de trabalho, escassez de escolas e ausência de assistência médica – a cidade passou a ser encarada como a alternativa de sobrevivência: era o que lhes restava. Vendiam os produtos restantes e, auxiliados muitas vezes pelos próprios fazendeiros, providenciaram sua mudança, e lançavam-se na aventura urbana. Os móveis eram “*pôca coisa*”, conforme explicam. Constituíam-se apenas de peças necessárias para garantir a funcionalidade dos cômodos em que a casa era dividida.

As casas, em geral, construídas pela própria família, com auxílio de um carapina¹²⁷, eram feitas de adobe, cujas paredes não chegavam a atingir o telhado, montado com madeira e telhas feitas em olarias, obedecendo a forma colonial. Na maioria das situações narradas, a casa era rebocada e pintada com cal. Nas situações de maior adversidade, dependendo do tipo de contrato de trabalho estabelecido e até mesmo da “*má-vontade*” do fazendeiro, as casas eram até mais precárias, construídas no sistema denominado “*pau-a-pique*”.¹²⁸

Na repartição dos cômodos, o critério era a simplicidade e praticidade: uma sala de visitas que se abria diretamente para a área externa, sem “*alpendre*” (pequena varanda), o que, em regra, havia na sede da fazenda; o quarto do casal e, no máximo, dois quartos para os filhos, ainda assim se houvesse meninos e meninas, pois eram agrupados por sexo. A cozinha era, seguramente, o maior cômodo da casa, figurando

¹²⁶ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

¹²⁷ Carapina: o mesmo que carpinteiro. É uma denominação usada no meio rural para designar o profissional que desempenha trabalhos menos especializados com madeira: cercas de curral, telhados, entre outros.

¹²⁸ Pau-a-pique: parede feita de ripas ou varas entrecruzadas e barro.

como uma autêntica sala de visitas, onde a família se reunia para as refeições, e em que as visitas eram alegremente recebidas para as longas conversas sobre temas relacionados à lavoura e à vizinhança, e narrativas de “*causos*” de assombração.

Os móveis eram toscos, feitos a partir de recursos da natureza, como cipós e madeira. O fogão de lenha, aceso pela manhã, era mantido durante o dia com as brasas avivadas, para que sempre houvesse alguma água quente ou o café aquecido. Esta era a bebida predileta, sem a qual fatalmente teriam dor-de-cabeça, conforme comentado em vários depoimentos.

“*A casinha de despejo guarda os mantimentos, os apetrechos, os instrumentos de trabalho: os balaios, os sacos de arroz, de feijão e de farinha, as latas com quitandas, ovos, cachos de banana, arreios e selas, gamelas, queijeira, a roda de fiar, sendo que o tear normalmente ficava na varanda dos fundos (...)*”.¹²⁹

A confecção das outras peças como balaio, pilão, peneira, gamelas e panos eram tarefas da mulher. Pouca coisa era adquirida em armazéns da cidade: louças, panelas de ferro, pratos esmaltadas e talheres de folhas de “*flandres*”.¹³⁰ Algumas vezes, mandava-se fazer “*uma parêia de rôpa (conjunto de calça e camisa) ou uma troca de vistido*” na costureira de algum vilarejo ou mesmo na cidade. Até a década de 60 ainda era raro se comprar alguma roupa pronta – exceto alguns agasalhos – nas pequenas localidades urbanas da região do Pontal do Triângulo.

Na área externa, eram instalados os equipamentos indispensáveis ao funcionamento de uma fazenda e que, na situação específica da maioria de nossos narradores, não estavam localizados na área reservada à sua habitação, visto que faziam parte da propriedade do fazendeiro – ou do pequeno produtor ou sitiante: eram a bica d’água e monjolo, o moinho, o chiqueiro, o curral, o depósito de milho – onde também se guardava os arreios e selas, os balaios. Em alguns casos, havia um cômodo na casa, ou à parte dela, reservado para guardar sacos de mantimentos, cachos de bananas para esperar amadurecer, e serviam para guardar tudo o que pudesse e fosse necessário.

Exceto no caso do pequeno produtor ou sitiante – situação da família de Darcy e Antônia Maria, respectivamente – o tempo de folga, disponível, era escasso, para que pudessem manter uma agricultura de subsistência que lhes garantisse uma alimentação variada. Em alguns casos, a área reservada a eles – na sua maioria, meeiros

¹²⁹ Maria Clara T. MACHADO. op. cit. p. 49

¹³⁰ Idem. op. cit.. p. 50

– era pequena para que pudessem plantar, por exemplo, mandioca e milho ao mesmo tempo. Mas ainda assim, conforme os depoimentos, em geral, plantavam mandioca, milho e feijão para uso próprio.

As relações de trabalho de José Pinheiro com o dono da fazenda onde trabalhou como meeiro davam-se de forma amistosa e, como ele mesmo explica:

“Quando precisava comprá alguma coisa nós só falava prá ele ‘tal dia nós qué ir cum sinhor, ele vinha, trazia nós tudo, num tinha aquêis pobrema ninhum’”.¹³¹ (sic)

Esclarece que saía para a cidade, aproximadamente de quinze em quinze dias, para comprar o necessário, até que apareceu a primeira “venda” nas proximidades da fazenda, por volta do ano de 1967, não sabe precisar ao certo:

Na fazenda nós tinha as coisa, mais muita coisa tamém fartava. Era comprado tudo aqui. Nós comprava era saco de açúcar de uma vêiz, levava prá lá... Comprava meio saco de café, né, comprava lata de querosene. Num fartava as coisa, senhora entende? O capado (porco) a gente ingordava lá, arroz tinha, tinha feijão... Num tinha muita dificuldade não. Aí, apareceu uma venda... Aí, lá tinha onde comprá mais as coisa, que a gente comprava, né? Que nós comprava, pur ixemlo, café... o homi da venda levava o café e vindia prá nós numa pirua (veículo).¹³² (sic)

Conforme seu depoimento, o café e o querosene eram elementos indispensáveis à vida na fazenda. O café, porque se constituía muitas vezes no único alimento da manhã, antes do trabalho. Muitas vezes, era ingerido sem outros acompanhamentos alimentares, exceto quando, nas visitas à cidade, comprava-se o pão, que nessa eventualidade, era recheado com o açúcar grosso, não-refinado, pois era do que se dispunha. E o querosene, usado como fluido para chamas das lamparinas e outras utilidades, visto que o projeto governamental de eletrificação rural ainda não tinha sido implantado, o que somente ocorreu a partir da década de 70.

¹³¹ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

¹³² Idem.

Nas lembranças de José, a fazenda surge como melhor opção de vida que a cidade, ainda que considere o aspecto da proximidade espacial da vizinhança e dos parentes como um fator que, na comparação, favorece a cidade.

Alega, entretanto, que gosta mesmo é de viver na fazenda.

Eu fui acostumano, fui aclimatano cum a cidade... Mais num acostumei prá gostá, não. Eu gosto de vê mantimento crescê, tê fartura, né, tê galinha, tê rôpa... Num vô falá gado, porque a gente não pode criá essa criação, né? Quando eu mudei prá cá, plantei umas plantinha, plantei umas laranjeira... Deu laranja muito tempo aqui, né? Laranja boa... Tinha horta, plantava miio, mandioca, né? Dipois eu risulvi fazê duas cozinha no terreno, pros fiio que ia casano... Hoje im dia só dá prá tê essas mixirica, romã, limão... Goiabeira, tamém. Mais é só. Quando nós mudô, nós pudia até ingordá porco, né? Nós ingordava, né? Aí foi cabano isso tudo...¹³³ (sic)

A questão da criação de porcos aparece igualmente no depoimento de Sebastião. A casa de tijolos que ele construiu na então Vila Junqueira é modesta, sem forro no teto, piso de cimento, mas – conforme explicou – é muito mais confortável do que a casinha de chão batido e pau-a-pique, onde morava nas fazendas em que havia trabalhado anteriormente. Quando mudou-se para a cidade, junto à sua mulher, Maria Ambrózio – uma de nossas entrevistadas – e seus treze filhos, comprou um lote – com o dinheiro que amealhou com a venda do arroz – e construiu a casa, que veio sendo “melhorada” com o passar do tempo e com a ajuda dos filhos que começaram a trabalhar.

Esclarece que a área escolhida era uma antiga chácara e que “*era tudo mato, tudo deserto, não havia asfalto*”. Trouxe consigo o que havia sobrado em produtos, como porcos, galinhas, ovos, arroz.

Contou que, quando ainda morava na fazenda, enfrentou problemas de acerto de contas com um fazendeiro e que de lá saiu, praticamente, sem dinheiro. O patrão recusou-se a acertar contas, dizendo que Sebastião “*não servia mais prá ele*”. Isso aconteceu por volta de 1958. Em outra ocasião, trabalhou para “*um arrendatário do Banco*” (financiamento) e, no final, perdeu a lavoura devido ao “*sol demais*”. Comenta,

¹³³ José Pinheiro. Ibidem.

penalizado, que “*era uma lavôra qui só veno...*”. diz que reagia e esbravejava, quando era explorado, mas não podia fazer nada porque “*num tinha lei prá defendê nós*”.

Sebastião havia saído do nordeste, já casado, na década de 50, com 25 anos, levando a mulher e dois filhos pequenos para a região de Ituiutaba. Com a perda da sua lavoura, tentou novamente morar no nordeste, mas segundo conta, lá a situação era ainda mais difícil e ele acabou voltando para o Triângulo Mineiro, um ano depois. Do período de 1958 a 1973 permaneceu na zona rural trabalhando, ora como empregado e ora como meeiro. Em todas as suas relações de trabalho sentiu-se lesado e explorado: “*nunca tive um bom patrão*”, afirma categórico.

Assim que se mudou, após construir a casa, instalou a família e continuou trabalhando nas lavouras, como bóia-fria, apanhando algodão ou cortando cana-de-açúcar. Como o trabalho era muito duro e mal remunerado, passou a trabalhar de servente, algum tempo, na cidade. Finalmente, assumiu a profissão de jardineiro, que mantém até hoje. Diz ele:

Quando nós mudemo prá cá, nós plantava aí tudo prá cima (em volta). Nós plantava quiabo, plantava mandioca, milho... Feijão. Im todas as terra aí por perto nós plantava. Nós criamo porco, criamo galinha... Mais as galinha era mais difícil, porque elas foge... Ou intão, o povo roba. Mas inda assim, a gente insistiu. Porco foi difícil, purquê quando cumeçô a mudá gente prá cá prá cima, as mansão, garrô todo mundo a reclamá na Prefeitura. Mais nós foi insistino, purquê nós achava que era direito nosso. Até uns quatro ano atrás nós criava galinha. E tinha ôtras pessoas que criava e ingordava porco, que num cuidava do chiqueiro, aí dava chêro ruim. As vês até vinha polícia, purquê era proibido.¹³⁴

O Código de Postura¹³⁵ do Município de Ituiutaba, instituído em 10 de dezembro de 1970, confirma a premissa de que as leis são criadas a partir dos costumes, das relações estabelecidas pelos homens e pelo contexto histórico-social em que elas ocorrem, dentro de determinados projetos que obedecem a uma lógica determinada.

Em plena década de 70, o projeto modernizador, disseminado pelos governos militares, propunha, entre outros, uma cidade devidamente urbanizada, com

¹³⁴ Sebastião Duarte. Depoimento concedido em 06/04/2000.

¹³⁵ Código de Postura Municipal: conjunto de normas disciplinadoras da higiene pública e do bem-estar público.

definição de propostas para o que fossem bairros residenciais e bairros de expansão urbana. Ocorre que, nesses últimos, ocupado pela população migrante, já a partir do final da década de 60, os hábitos, costumes, ou seja, o modo das pessoas viverem despontava como uma transposição ou recriação do modo de viver no campo.

Enfim, as pessoas rurais, na cidade, abriam fossas em seus quintais, criavam galinhas, que ciscavam pelas redondezas, criavam e engordavam porcos, o que muitas vezes poluía o ar com o odor característico dos chiqueiros, criavam cachorros “vira-latas”, ocupavam áreas de terreno com suas pequenas culturas de milho, mandioca, jiló, quiabo, mangueiras e outras frutas. Aos urbanos, parecia que o campo invadia a cidade.

Coincidência ou providência, o certo é que o Código, que tinha como finalidade, conforme seu artigo 1º, “*instituir as normas disciplinadoras da higiene pública e do bem estar público (...)*” visando à melhoria do ambiente e à saúde da população, “*privilegiou*” essa população dos bairros periféricos, com alguns artigos, cuja finalidade era enquadrá-los em normas disciplinares adequadas ao viver urbano.

CAPÍTULO XII

Art. 315 – É proibida a permanência de animais nos logradouros públicos.

Art. 316 – Os animais encontrados soltos nos logradouros públicos ou nos lugares acessíveis ao público, nas áreas urbanas ou de expansão urbana deste Município serão imediatamente apreendidos e recolhidos ao depósito da Prefeitura.

Art. 318 – O animal apreendido que não for retirado dentro do prazo previsto no parágrafo 1º, do artigo 316, deverá ter um dos seguintes destinos, conforme o caso:

I – serem distribuídos a casas de caridade, para consumo, quando se tratar de ave, suíno, caprino, ou ovino;

II – ser vendido em leilão público, se for bovino, equino, muar ou cão de raça, observadas as prescrições deste código referente à matéria.

Parágrafo Único – excetuam-se da prescrição do item II do presente artigo os cães que não forem de raça, estejam ou não matriculados, os quais serão sacrificados, pelo processo mais rápido, caso não sejam procurados dentro do prazo de 72 (setenta e duas) horas, a contar do momento de seu recolhimento a depósito da Prefeitura.

Art. 323 – É vedada a criação de abelhas, equinos, muares, bovinos, caprinos, ovinos, suínos e aves na área urbana deste Município.

§ 1º – Incluem-se na proibição deste artigo, as fases de recria e engorda.”¹³⁶

Após oito anos de persistência dos costumes¹³⁷ que se desejava reprimir – excetuando a criação e engorda de porcos, cuja incidência parece ter sido bastante reduzida, o projeto de conforto e racionalidade urbanos cedeu espaço diante da luta pela sobrevivência integral do homem rural na cidade, o que se confere pelo parágrafo que promove uma alteração essencial no artigo 323:

“§ 2º – Excetuam-se da proibição deste artigo a criação, recriação ou engorda doméstica de aves, quando as mesmas e seus produtos se destinarem à exclusiva subsistência do proprietário. (Redação dada pela Lei nº 1.859, de 05-04-78)”¹³⁸

O Código Sanitário do Município de Ituiutaba, criado em 1997, apresenta dois artigos que, igualmente, evidenciam a persistente resistência do migrante rural em abrir mão de costumes, tanto relacionados à sua necessidade de sobrevivência material quanto a preservação de seus valores, especialmente aqueles relacionados ao uso da terra.

SEÇÃO XI

Art. 209 – Todas as vias e logradouros públicos, bem como os prédios, quintais e terrenos não edificadas, localizados no perímetro urbano, ficam sujeitos às normas sanitárias previstas neste regulamento e serão fiscalizados em conjunto com os demais órgãos do Município.

Art. 212 – Os locais a que se refere o artigo 209, localizados em perímetro urbano, deverão ser mantidos em condições sanitárias, sendo permanentemente proibido o acúmulo de lixo, vegetação e carcaça de

¹³⁶ “Do registro, licenciamento, vacinação, proibição e captura de animais nas áreas urbanas e de expansão urbana”. In: Código de Postura do Município. Ituiutaba, MG. Lei nº 1363. Secretaria de Planejamento. 13/12/1970.

¹³⁷ Ver Maria Clara T. MACHADO. op. cit. Sua tese de doutoramento, defendida na USP, em 1998, apóia-se no pressuposto de que diante de alterações sociais que interferem nas suas vivências, as pessoas tanto resistem quanto desistem de seus costumes e, nesse embate, recriam sua cultura.

¹³⁸ “Do registro, licenciamento, vacinação e captura de animais nas áreas urbanas e de expansão urbana”. In Código de Posturas do Município. Ituiutaba, MG. lei nº 1859. Secretaria de Planejamento, 05/04/1978.

animais, sendo permitida a prática da horticultura e fruticultura.”¹³⁹

O migrante rural não parece ter assimilado totalmente a especificidade das leis municipais. Em alguns casos, passaram a cimentar e a lavar os chiqueiros, de forma a dissimular a existência deles. De qualquer forma, captando o espírito da lei, o homem migrante da roça tratou de não incomodar seus vizinhos urbanos, evitando a exalação do mal cheiro das fezes de suas “*crias e recrias*”. Por outro lado, adaptou a lei à sua necessidade material, cultural de sobrevivência.

Ainda assim, o costume de criar galinhas soltas, como se estivessem na roça, de soltar os cavalos puxadores de carroças (recurso intensivo de transporte alternativo de pequenos objetos e de lixo de quintais) nos jardins fronteiros e terrenos não cercados, a plantação de produtos agrícolas, frutas e hortaliças em terrenos ou até mesmo em passeios não calçados, são sobrevivências da cultura rural que, ainda hoje, se mantém fortemente arraigadas.

É bastante comum e corriqueiro, hoje, nestes bairros, deparar-se com a figura do plantador colhendo, com um balde ou bacia na mão, quiabos, abóboras, mandiocas em terrenos que foram, oportunamente, utilizados por ele. Em alguns casos, faz-se um acordo informal com os proprietários no sentido de fornecer a ele uma certa quantidade do que foi plantado.

É importante ressaltar que o bairro Natal permaneceu povoado pela população migrante rural e por outros, de baixo poder aquisitivo, perfazendo hoje um total de 6.505 habitantes, segundo dados obtidos junto à Secretaria de Planejamento da Prefeitura Municipal de Ituiutaba. O bairro Junqueira, com 7.118 habitantes, por estar situado em lugar aprazível, no alto da cidade, acabou atraindo uma população elitizada, que construiu casas de alto padrão arquitetônico em uma área do bairro.

Na visão de mundo desse homem rural permanece a concepção de que a “*terra vaga*” é para ser plantada. Daí, a fala de Sebastião: “*nóis foi insistino, purquê nóis achava que era direito nosso.*”

A inovação racionalista, moderna, não sendo um processo social neutro, “*mas sim a inovação do processo capitalista, é quase sempre experimentada pela plebe*

¹³⁹ “Da Higiene das Vias, Logradouros Públicos, Terrenos, Prédios e Quintais”. In: Código Sanitário do Município. Ituiutaba, MG. Lei nº 3237. Secretaria de Planejamento 11/06/1997.

como uma exploração, a expropriação de direitos costumeiros, ou a destruição violenta de padrões valorizados de trabalho e lazer”.¹⁴⁰

Na casa de Maria Ambrózio, na fazenda, não havia fartura. Comia-se o mesmo que os peões comiam, o que quase sempre era apenas arroz, feijão e ovo porque *“tinha hora que num tinha frango, né? Tinha hora que num tinha uma abóbora, tinha hora que num tinha um ‘capado’ prá matá”*¹⁴¹ (sic). Explica que quando a “mistura” era abóbora, os peões faziam gozação, dizendo que estavam comendo carne de papagaio, referência à cor verde do alimento. No dia em que havia frango, a carne era servida apenas para os peões – ela e os “mininos” comiam apenas arroz e feijão. Mandioca e milho não havia sempre, porque a área de terra cedida à família para a agricultura de subsistência era muito reduzida. Contudo, plantavam, sempre que possível, o quiabo, o cará e mesmo a mandioca.

Questionada sobre a moradia na fazenda, ela esclarece que a casa era muito simples, de pau-a-pique e chão batido, e que eram eles mesmos que construíam os móveis.

*“Móvel? Banco... banco de pau, de quatro perna. Nós é que fazia. As cama era de pau, de forquilha com tábua estendida, e por cima o colchão de palha de milho disfiada. O colchão, quando abaxava muito e ia ficano fininho, nós tornava a inchê com mais palha disfiada. Os travissêro era feito de paina. Nós culhia as fruta da paineira, inda fechada, levava prá casa, e e colocava no sol prá estralá. E aí, recheava os travissêro...”*¹⁴² (sic)

A respeito de doces, Maria Ambrózio refere-se unicamente ao doce de mamão verde, que algumas vezes fazia, na fazenda, porque não havia outras frutas disponíveis, como o figo ou caju. Esclarece que o pão-de-queijo – uma quitanda tipicamente mineira – ela aprendeu a fazer apenas quando passou a morar na cidade, já que na fazenda nunca havia leite suficiente, e os ovos era usados como “mistura”, nas refeições. Teve treze filhos, doze deles estão vivos. Conta que perdeu uma filha recém-nascida quando já morava na cidade: como tinha muito o que fazer na lida doméstica, deixava a filha *“deitadinha na cama, iscorada por travissêro, quase sem ropinha, que era muito calor”*. Num determinado dia, presenciou que uma das

¹⁴⁰ E. P. THOMPSON. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1991. p. 19.

¹⁴¹ Maria Ambrózio Duarte. 70 anos de idade. Depoimento concedido em 06/04/2000.

galinhas que criava, estava acomodada sobre a criança “*bem em cima do umbigo*”. Passados alguns dias a criança morreu com infecção, segundo seu entendimento, devido à contaminação do corte umbilical. Contou esse fato com lágrima nos olhos, dizendo: “*num gosto nem de lembrá*”.

Comenta que “*butava os minino prá mamá no peito até eles injuá. Nunca dei ‘bico’ (chupeta) nunca dei mamadeira*”. Explica que assim fazia por que era mais prático: não tinha que ficar preparando mingau, já que o leite de vaca era ‘regrado’. “*O leite do peito não azedava e os minino ficava forte, que era uma beleza!*”.¹⁴³ (sic)

Em meio a todas essas dificuldades, conforma-se e conforta-se – exceto pela trágica morte da filha – pois conseguiu criar os outros doze filhos com saúde “*e hoje eles ’tão tudo impregado... uns im São Paulo, ôtros aqui mesmo, graças à Deus!*”.¹⁴⁴ (sic)

Comenta, orgulhosa, que a maioria dos filhos nasceu com a ajuda do marido nos trabalhos de parto:

*“Meus minino, quem pegava (fazia o parto) era meu marido. Minha partêra era ele. Eu falava: num é prá buscá ninguém, não. Se eu tivé que morrê, eu morro na mão de médico, não de partêra. É eu e você. Ele ficava apavorado. Aí eu ensinava ele, arrumava algudão, arrumava azeite: aí, arrumava uma pessoa prá dá banho, ‘que isso ele num sabia fazê. Às vêiz ele saía prá buscá a partera, quando vortava a criança já tinha nascido.”*¹⁴⁵
(sic)

Quando se mudou para a cidade, diferentemente da experiência na fazenda, passou a trabalhar apenas em casa, porque não tinha com quem deixar os filhos pequenos. Mas sempre pode contar com a ajuda dos vizinhos:

“Na fazenda, os minino capinava mato e a minina mais velha ficava em casa preparano cumida. Os ôtro ia tudo cumigo apanhá arroiz. Aqui, os minino já cum cinco ano eu butava prá trabalhar. As minina ia prá casa das vizinha, prá ajudá a lavá algumas lôça, prá limpá casa. Os minino homi, eu butava prá limpá caxinha de gurdura, limpá quintal dessas casa boa. A vizinhança

¹⁴² Maria Ambrózio Duarte. Depoimento concedido em 06/04/2000.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Ibidem.

¹⁴⁵ Maria Ambrózio Duarte. Depoimento concedido em 06/04/2000.

aqui, antes, era pôca, mas era muito unida. As visita era só no domingo, que é quando tinha tempo.”¹⁴⁶ (sic)

Sobre a adaptação à cidade, Maria Ambrózio é enfática.

“Ferro elétrico, fugão à gás, foi fácil. No cumeço, usava fugão de lenha e fugão a gás. Muitas vêz, o gás acabava e o recurso que valia era o fugão de lenha. Hoje, num uso mai não, dá priguíça. Uso só de churrasquêra. Da fazenda, eu só uso ainda panela de ferro, de vez im quando.”¹⁴⁷ (sic)

Diante das dificuldades passadas na fazenda, onde chegou a almoçar apenas feijão e um pão feito de milho e água, considera que a vinda para a cidade foi um acerto por que *“a vida aqui foi melhorano, com os filhos crescono”*. Conta que conseguiu uma aposentadoria por idade, pelos anos de trabalho na roça e que hoje recebe um salário mínimo. Come carne todos dias, *“mas só carne de vaca, de bicho e de porco não, porque a bíblia não recomenda”*. Café-da-manhã é apenas o café, porque não gosta de pão.

Sua casa tem telefone, que adquiriu há uns quatro anos. Os sofás da sala são forrados com material plástico de cor escura. Não há mesinhas, mas numa parede está encostada uma estante ocupada por uma TV a cores, com o telefone, uns bibelôs e imagens de santos. Na prateleira bem abaixo, estavam enfileirados uns livros escolares e alguns exemplares de uma coleção “capa-dura” sobre filósofos, entre eles, Locke e Rousseau. Indagada a respeito, explicou: *“ah, isso é coisa do Júnior, que tava estudano pro vestibular”*. Comentou, bem humorada, que *“os pai mal sabe lê e iscrevê, mais ele lê tudo quanto há”¹⁴⁸ (sic)* Há uma outra filha que é pesquisadora de folclore no Conservatório Estadual de Música de Ituiutaba.

A primeira vista, Maria parece ter conservado poucos aspectos da cultura rural, exceto pelo sotaque e pela aparência, em geral. Disse, ao ser entrevistada, que é “livre de cismas”, mas ao ser indagada se acreditava que manga com leite pudesse fazer algum mal à saúde ela responde, prontamente: *“ah, isso aí faz mal; faz mal, não, mata”*. E passou a narrar “uns casos” de pessoas que morreram, em seu entender, por que comeram manga com leite.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Ibidem.

À frente de sua casa, há um jardinzinho bem cuidado, plantado pelo seu marido, que é jardineiro. Na varandinha de entrada – que funciona esporadicamente como garagem, há vasos de plantas ornamentais que “o Júnior é que plantou”. Nos fundos e ao lado da casa, resta um terreno onde Maria plantou coqueiro, pimenta, bananeira, mangueira, tangerina e limão. Esclarece que o terreno da casa era muito maior antes, mas que o vizinho “construiu uma mansão e tanto insistiu” que eles venderam uma parte. A partir daí, não foi possível plantar milho e mandioca “*im terra nossa, só dos ôtros*”. Hoje, só cultivam o jardim e as frutas do quintal.

Em relação à adaptação ao novo modo de vida, parece evidente que hábitos e costumes foram sendo substituídos ou recriados, de forma a facilitar essa adaptação. Em alguns casos, isso deu-se de forma intencional, por razões práticas, como na experiência de Luca. Há muita saudade em sua fala sobre a vida na fazenda, o convívio familiar, a fartura de alimentos, mas insiste em dizer que isso não foi suficiente para que ela e a família permanecessem lá. O fato de a família ter saído da fazenda e se ter radicado na cidade foi enfatizado por ela como fator de melhoria, tanto no aspecto financeiro quanto de conforto, em geral.

Ainda que não tenha enfrentado dificuldades com alimentação quando morava na roça, diz, que se adaptou bem aos hábitos alimentares da cidade e que hoje consome margarina, refrigerante, macarronada e que no fim de semana a comida é mais esmerada, “caprichada”, como diz. Explica que no começo foi difícil, porque não havia água encanada, a água era tirada da cisterna pelas crianças, até que, com o tempo, puderam colocar uma “*bomba prá puxá água*”. Admite que ainda tem “manias” da roça, como ainda usar fogão e o “forninho” de lenha, criar algumas poucas galinhas, cultivar uma horta de couve e quiabo e as ervas para os chazinhos caseiros. Lembra que também “engordou porco” nos fundos da casa, mas depois foi ficando difícil, devido à fiscalização do poder municipal. “*Na cidade*” argumenta ela, “*não tem fartura, mas sempre dá prá comprá o essencial prá passá o dia*”.

“Minha mãe era uma pessoa muito habilidosa. Quando eu era solteira, as coisas eram mais fáceis. Ela fazia aqueles fornão de fazenda e assava balaios de broa de fubá, pão-de-queijo, aqueles biscoitão que é feito só cum ovo e polvilho. Então, minha mãe fazia. Na sexta-feira a gente arrumava a casa, e quando fosse no sábado era dia de fazê as coisa prá semana inteira. Era assim uma coisa

¹⁴⁸ Maria Ambrózio Duarte. Depoimento concedido em 06/04/2000.

de muito futuro e sem futuro, porque num guardava nada. Nessa fazenda, não faltava leite e tinha bastante ovos. Tinha farinha, fazia porvilho... Então, a vida na fazenda era uma vida muito divertida, mais também muito pobre.”¹⁴⁹ (sic)

É significativo observar que estas lembranças de Luca são do tempo em que ainda morava com a mãe, que morreu, por problemas no parto, quando ela tinha doze anos. Aos dezesseis, ela se casou e, poucos anos depois, saiu prá cidade, já com três filhos, na década de 60, possivelmente em 1966, enquanto o marido continuou alguns anos ainda trabalhando na roça.

“A gente num tinha escola, quando tinha uma doença era difícil. Minha mãe, quando adoecia uma criança, ela tinha que dá chá de casa. Por exemplo, se zangasse (adoecesse) um estômago tinha que dá era losna. Se tinha gripe, a gente fazia um chazinho de erva cidreira, de hortelã, erva de santa-maria... Minha mãe também fazia sabão, purquê na fazenda, a gente tinha que sê pur si. Ela fazia esses sabão: matava o capado (porco) tirava a cinza do fogão, punha água, e pingava aquele ‘diçada’ (a mistura) e fazia aquele sabão de bola. Então, a gente tinha fartura de algumas coisas... Só que prá muita coisa era uma vida sem futuro, assim pro progresso da vida de hoje, por exemplo. Eu, por exemplo, estudei, ou melhor, eu sô apenas analfabetizada. Por exemplo, eu escrevo, eu assino, faço as conta.”¹⁵⁰ (sic)

Para o “progresso da vida de hoje”, o luto, o sentimento de perda, fez com que a assistência à saúde se convertesse, aos seus olhos – quando se tornou mãe – em um fator à procura do qual era urgente sair do meio rural, assim que tivesse autonomia para decidir sobre sua vida, o seu futuro e o dos filhos. É bastante plausível relacionar a morte da mãe à sua ação solidária no bairro, como parteira que foi, até há poucos anos, sempre atenta e ansiosa por agregar conhecimentos seguros e científicos à sua função, conforme se depreende de seu depoimento. A cidade oferecia maior segurança, mesmo com as filas e o atendimento freqüentemente insatisfatório nos postos de saúde, como já ressaltado em outra fala da narradora.

“Minha mãe se tivesse na cidade, ela taria cum vida, porque ela teve a criança e o sangue corgulô. Quando a placenta sai e o sangue embola, ele acaba crescendo na barriga e tampa a saída, a boca do útero. Aí, o sangue

¹⁴⁹ “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

¹⁵⁰ Idem.

*vai coagulando, coagulando, até a pessoa num suportá mais. O médico que viu minha mãe depois que ela morreu falou: ‘olha, a Clementina só morreu porquê num teve ninguém prá tirá esse sangue. Ela teve um infarto’. Então, as precisão da gente de vim prá cidade (...) são esses exemplo, que trouxe a gente mais dipressa.”¹⁵¹
(sic)*

Comparada à fartura na fazenda, alegada por Luca, a experiência na cidade, neste aspecto, parece ter sido um longo e difícil embate, em que saberes culinários da roça foram sendo recriados a partir das (in)possibilidades presentes no viver urbano.

*“Na cidade, cum o dinheiro das lavação de roupa, a gente comprava arroz, comprava banha... Naquela época, a dificuldade era grande também,. A gente chegava a comprá aquelas mantêga de vaca, que até hoje é difícil da gente podê comê, prá ajudá na banha. Assim, prá passá a semana, a gente fazia alguma coisa pra cumê. Por exemplo, de manhã: num podia comprá o pão, eu comprava o fubá e fazia refogado de açúcar com leite... chama angu. A gente fazia aquele angu afogado cum canela e leite. Um quilo de fubá dava prá criança comê treis dias. então, a gente deixa o afogado durmí, e no dia seguinte corta as talha. E sustentava bem, e sustenta. A gente até que conformava, porque na fazenda podia até ter dez ou vinte reais, mas se faltasse manteiga (banha) podia andá nas fazenda tudo que não encontrava. Aqui, se a gente tem cinco real, a gente ‘passa o dia’ (sobrevive): compra óleo, compra um quilo de arroz, compra uns tomate e passa o dia.”¹⁵²
(sic)*

Sobre o angu referido por Luca, é significativo destacar que tal alimento é também consumido na cidade, embora na forma de mingau, até mesmo por pessoas procedentes de outros centros urbanos. Como numa espécie de apropriação / recriação da receita original, ao prato onde se vai despejar o mingau quente, acrescenta-se alguns cubos de queijo mineiro, que amolece ao contato com o calor. No âmbito da alimentação, tabus alimentares e educação dos filhos, é significativo dar mais espaço à voz de Luca, que não perdia a oportunidade de ensinar as receitas de doces e quitutes, durante a entrevista, assim como era pródiga e bem humorada ao falar de sua experiência de vida e das “*crenças boba que a gente tinha naqueles tempo*”:

¹⁵¹ “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

“Tomá banho depois do almoço, num pudia, se tava chovendo, num pudia molhá a cabeça sinão ficava fraco das idéia. As mulheres quando tinham nenê, ficava quarenta dias sem tomá banho geral (banho de corpo inteiro), né? Elas guardavam trinta dias sem molhá os pé, calçava aquelas meia... Só lavava onde era preciso. Só cumia sopa de galinha, cum farinha, mingau de fubá, macarrão, essas coisas assim. Nada de carne de vaca, nada de carne de porco, num pudia fazê nada, porque tudo aquilo fazia mal.

(...) Agora, o doce cristalizado no cal, num é crença, não. Por exemplo, a abóbora, o mamão, depois deles cozido, eles tem uma glicose... Eles não firma. Então, a gente tem que passá numa agüinha de cal bem leve e depois põe na calda, prá podê criá aquela closca (crosta) e, então, ela num mela. Se a gente fizé sem cal, daí a dois treis dia o doce cumeça a chorá aquela agüinha, ele cumeça a umidecê.

(...) com os doce, foi bom porque a gente ajudava a comprá as coisa prá criança... Caderno, um calçadinho... Antigamente, a gente comprava aqueles tênis, falava ‘pé-de-cachorro’, precata (alpercatas, alpargatas). Aí é que as criança ia prá escola. Tinha que comprá bluzinha, tinha que comprá pasta de escola... E mesmo cuidá deles mais direitinho, prá eles num ficá humilhado no meio dos ôtro, né?”¹⁵³ (sic)

Sobre a indagação a respeito de realização de seus projetos e sonhos, Luca conclui, atribuindo grande valor aos avanços tecnológicos da sociedade moderna capitalista que, a seu ver, oferecia mais comodidade e conforto do que o mundo rural:

“A vida da gente foi melhorando... E eu acho que valeu a pena. Eu sempre falava assim: ‘Olha, nós dormimos num colchão de palha, mas eu vô vê se meus filho consegue dormi num colchão de capim, e vê se meus neto vai tê um colchão de espuma...’. E graças a Deus, até que consegui.”¹⁵⁴ (sic)

Geraldo já conhecia a cidade, por que ia ali algumas vezes vender frango e comprar tecido, segundo conta, para fazer roupas de festa de domingo, com o dinheiro arrecadado. Quando se mudou com os pais, foi morar na Vila Junqueira. Algum tempo depois, mudaram-se para a Vila Natal. Com a morte dos pais, passado algum tempo, ele constituiu família, passando a ocupar uma casa popular na Vila, do Sistema Financeiro de Habitação, que fora abandonada por incapacidade do morador de continuar pagando

¹⁵² “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

¹⁵³ Idem.

as prestações. Conta que nem “pestanejou”: mudou-se para a casa, com a mulher. Passado algum tempo, apareceu alguém dizendo-se funcionário da Caixa Econômica, procurando receber o dinheiro das prestações. Passados cinco anos em que pagava regularmente ao suposto agente federal, mediante recibo em papel simples, o cobrador deixou de aparecer.

“Aí, o homi sumiu. Eu vô pagá prá quem? Fiquei quieto. Aí, um dia pareceu alguém da Caixa, organizando tudo, bateno contrato. Aí, eu apresentei os papel. A pessoa tava recebendo de mim, mas não tava pagano isso prá Caixa. Mais deu certo. A gente acertô, e fui pagano aquele mensalzinho baratim, baratim. Quando tava cum quatro ano de pagamento, mandaram me chamá na Caixa prá quitá a casa. Aí eu falei: não posso quitá agora. Talvez eu não tenho dinhêro suficiente prá quitá. Aí ele falô: ‘Cê num tem dez reais?’ Benza Deus, glória a Deus, minha esposa tinha engordado uns frango e conseguido vendê naquele dia. E aí, nós quitamo a casa. Hoje ela é nossa, graças a Deus. E aqui criei meus filho e tô bem satisfeito.”¹⁵⁵ (sic)

Explica que com o tempo, as condições de vida foram melhorando: os filhos começaram a trabalhar e ele e a mulher passaram a ser contratados como churrasqueiros na cidade e nas fazendas. Foram melhorando a casa, compraram telefone, *freezer* para acondicionar os peixes que pescavam e as carnes que ganhavam nas festas em que trabalhavam. Adquiriram alguns móveis, entre outros objetos indispensáveis para o funcionamento da casa. Fala, com saudade, sobre a solidariedade entre os vizinhos, nos primeiros tempos no bairro:

“Aqui foi muitos anos sem asfalto, mais já tinha luz, aquela luzinha vermelhinha, parecendo um tomate. Tinha água encanada que era limpa, mas num era água tratada, igual a de hoje. A maioria dos vizinhos veio da roça. Logo cê chegava e arrumava amizade porque naquela hora (naquele tempo) as pessoa era humilde. As vêiz, faltava um café prá cuá e cê falava: ‘Cê tem uma cuada de café prá me imprestá? Amanhã eu te pago’. Na roça tamém tinha isso. Agora, tinha uns que era ruim prá pagá, mais sempre pagava. Hoje, num tem mais isso.”¹⁵⁶ (sic)

¹⁵⁴ “Luca” Wailde P. Domingues. Ibidem.

¹⁵⁵ Geraldo Alves de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

¹⁵⁶ “Luca” Wailde P. Domingues. Idem.

Ainda que Geraldo diga que hoje muita coisa mudou na sua vida e no cotidiano do bairro, admite ter preservado muitos aspectos de sua cultura, aos quais se refere como sendo costumes enraizados, tradicionais, usando as expressões do vocabulário de especialistas, já bastante difundidas nos meios urbanos, mas que em sua fala apresentavam-se como que proferidas sem muita assimilação, ou que falasse sobre si mesmo ou sobre sua cultura tentando entender a si mesmo a partir da ótica de outros. No entender de Alistair Thomson, o processo de compor reminiscências não é apenas pessoal – é também público. “*Nossas reminiscências podem ser temerárias e dolorosas se não corresponderem às histórias ou mitos normalmente aceitos, e talvez por isso tentemos compô-las de modo a ajustarem ao que é normalmente aceito.*”¹⁵⁷

*“Eu ainda tenho aquelas ‘raiz’ da fazenda... Antão, eu pranto as coisa. Eu pranto, eu pesco, eu gosto de cumê peixe. Eu como peixe direto. Eu fui prantano, porque eu fui acostumado a plantá, na fazenda. Inclusive, eu tenho mandioca plantada em dois lote na beira do córrego. Lá eu tô coieno jiló prá mim comê, tô coieno pimenta... Peguei o quintal da vizinha. Antão, é o que eu falei, aquela ‘raiz’ da fazenda, eu inda tenhela. Eu pranto prá nós cumê e prá dá pros amigo. Eu tenho meus pé de couve, tem bananêra... Tem cacho que dá uma média de vinte banana prata e banana maçã, que é a coisa mais bunita que tem aqui na minha horta, dentro da cidade. Só que a gente tem que gostá de prantá. Antão, eu fico pensano nesse meu trabalho e penso naquilo que meu pai fazia. Meu pai era matador de vaca... antão, será que pur isso é que eu fui pro frigorífico matá vaca e hoje eu sô um churrasquêro? Coisas tradicional, quer dizê, já veio de ‘raiz’ ”.*¹⁵⁸ (sic)

Encerra essa parte de seu depoimento com uma certa melancolia na fala, na voz e na expressão do rosto:

“Eu gostaria de ir prá fazenda, purquê eu gosto de prantá, eu gosto de colhê, eu gosto de fartura. Cê vê, se eu pranto, na cidade eu ia prantá muito mais ainda, eu ia tocá lavôra. Que ainda sei a hora de prantá e de colhê... Eu trabalhei na Horta Comunitária, e lá era era tudo com veneno. O tumate é o mais venenoso, tem que lavá muito bem. Antão, tem muita diferença da roça... Se pudesse, eu quiria vortá prá roça, vortá naquele tempo

¹⁵⁷ Alistair Thomson. op. cit. p. 58

¹⁵⁸ Geraldo Alves de Oliveira. Depoimento concedido em 26/11/2000.

que o fazendeiro partia à meia. Mas, infelizmente, hoje a gente já ‘partiu pra ôtra’.”¹⁵⁹ (sic)

Considerando a maneira de falar, as expressões e a pronúncia como um dos elementos mais fortes da cultura do homem rural, transcreve-se a seguir algumas falas de Aristoclides que, entre nossos narradores, é aquele que mais se mantém fiel à forma original de falar do caipira, lembrando mesmo o vaqueiro-jagunço Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa.¹⁶⁰

Sobre suas relações de trabalho, e o convívio com o patrão, o hoje comerciante de secos e molhados, assim se expressou:

*“Eu, nessa parte, a organização veio de meu pai, essa parte de exploração num aconteceu cumigo, purquê meu pai fazia tudo no cumbinado. Só que meu pai era muito trabaiaadô, muito honesto, muito direito, e já trabaiaava pro patrão mais ou menos amigo, organizado, que tinha cunfiança cum ele. E meu pai roçava cinqüenta arquero de mato, que hoje é difícil... Aquele tempo era difícil alguém roçá treis. Ele roçava cinqüenta arquero, quemava num fogo só. Meu pai tinha uma fazendinha. Cumeçava roçando de foice, dirrubava de machado, rebaxava aquilo ali, punha fogo, prantava mii (milho) naquele chão tôdim. Meu pai trabaiaava cum cultura na bêra do Paranaíba, aí jogava semente de capim jaraguá na cova do mii e formava. E aí, quando dava mii no mês de maio, época de dá chuva, né:, dava de graná a semente, aí no tempo. Fim de maio, cumeçô a quebrá o mii... Cabô de quebrá o mii, puxava. Aí, sortava o gado na paiada, tava formado o capim. Eu já ia roçá prá vinte, porque naquele tempo o rio Paranaíba era tudo mato, né? Inclusive, eu cumecei roçando mato que, antigamente, eu nem nu alembro prá quem...”*¹⁶¹

Excetuando alguns poucos depoimentos, que admitem reservadamente se terem sentido injustiçados nas relações de trabalho, a maioria de nossos narradores não esboçou reações contra os fazendeiros ou contra os patrões, na cidade, nem mesmo quando porventura deixavam o emprego. Indagados sobre isso, respondiam cautelosos e brevemente que “as coisa era assim mesmo” ou “meu patrão era bão dimais, me considerava muito”.

¹⁵⁹ Idem.

¹⁶⁰ Ver Guimarães ROSA. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

¹⁶¹ Aristoclides Ferreira. Depoimento concedido em 20/11/2000.

Nessa circunstância, é razoável afirmar que as relações paternalistas estabelecidas no campo tenham forjado a imagem dos fazendeiros / patrões / compadres com a aura de protetores infalíveis, sempre justos, a quem se deve respeito e gratidão. A intencionalidade percebida nas lembranças, conforme elas são referidas, é a de que estes trabalhadores não se querem sentir desvalorizados e até mal-amados pelos antigos patrões. O desejo de reconhecer-se, na memória, como o “predileto”, o “valorizado”, foram recorrentes nas entrevistas.

Ao explicar suas razões ou motivações para se ter tornado um comerciante, vai buscar na infância a explicação: a impressão causada por um pedaço de papel de “embrulhá” pão. Sua fala retrata também as relações comerciais regulares entre campo e cidade e as formas simples como elas se davam, no final da década de 30:

“Ah, isso foi lá prá mil novecentos e trinta e tantos. Meu pai veio vendê uns treim na cidade. ele parava o carro na Quinze com a Vinte e Dois, na esquina. Vinha pelo Capão da Lagoa, travessava uma ponte de madêra lá, passô uns ano, num tinha mais ponte. Passava lá na Trinta e Seis... Só lá que passava cum carro de boi. Quando tava chegano na Quinze, uma base duns cinco metro era só cascaio lá. Aí, parava, tinha uma casinha, eu lembro, inda recordo, idêntica essa minha aqui. Meu pai pegava água lá prá fazê cumida, no chão, lá, uns caquim de tijolo... Aí, ele vindia os capado, pur ixemplo, tinha que sê rápido, sinão murria de calor, né? Aí, do ôtro lado do córgo, ali sortava os boi, na barra do córgo. Aí, ia vendê maderá, vendê arroz, feijão, galinha, gueirova (guariroba). Aí, cabava de vendê, jeitava. Aí, ia numa loja, na Dezesseis?... Aquelas loja antiga... Aquilo era na Dizoito com o Quinze. Pois é, lá meu pai carregava o carro cum bola de arame, barrica de prego... Punha tudo no carro, jeitava, e o boi tava lá, amarrado no carro. Eu era minino, mais eu vinha cum meu pai, purquê antigamente a gente tinha aquela invocação de vim cá. Primêro papel que eu vi na minha vida foi na padaria do Libório. Aí, imbruiô os pão num papel grosso... Tinha a cor rosa. Peguei aquele papel e levei prá minha mãe vê. ‘Aqui, mãe, ó. Aqui, nós inrola numa folha de abobra os trem. Aqui, ó.’ Eu lembro direitim. Eu num cunhicia papel. O primêro papel que eu cunhici foi rosa. Quando eu cumecei os primêro buteco meu, eu só comprava papel cor-de-rosa.”¹⁶² (sic)

Na perspectiva de Thomson, na vida psicológica do cotidiano estão incluídas as aspirações e perdas que frustam e fragilizam as pessoas. A seu ver, tais

frustrações estão sujeitas a tentativas freqüentes das pessoas de administrá-las de forma menos dolorosa possível. Assim, nas reminiscências, ocorre sempre um esforço de se estabelecer uma “*coerência pessoal satisfatória e necessária entre as passagens não resolvidas*”, ou seja, as pessoas tentam recompor um passado seguro e aceitável. Entretanto, “*nossas tentativas de compor um passado nunca são inteiramente bem-sucedidas, e o resultado é uma ansiedade não resolvida e identidades fragmentadas e contraditórias. A composição, por ser baseada em bloqueios e exclusões, nunca é plenamente alcançada; é constantemente ameaçada, abalada, despedaçada. (...) Assim como as histórias baseadas em reminiscências revelam a maneira específica como uma pessoa compôs seu passado, esses significados ocultos podem revelar experiências e sentimentos que foram silenciados porque não se ajustavam às normas ou à própria identidade da pessoa*”.¹⁶³

A memória dessas pessoas brinca com o tempo, compõe e recompõe histórias que recusam a cronologia linear. Suas lembranças flutuam em áreas variadas do passado, estimulados por vivências do presente, e pela coexistência de modos de vida que constituíram uma nova identidade, em que hábitos, costumes, valores e sentimentos trazidos do campo foram transformados e transformaram o mundo urbano.

III

Lazer, religião e política: recriação de valores e crenças

Das antigas formas de solidariedade experimentadas nas comunidades rurais, especialmente aquelas relacionadas a obrigação moral, ao gesto de amizade e

¹⁶² Aristocledes Ferreira. Depoimento concedido em 20/11/2000.

¹⁶³ Alistair Thomson. op. cit. p. 58

sociabilidade, muitas já se extinguíram. Embora ainda haja formas de permanência de práticas de mutirão em algumas localidades rurais elas são bastante raras, dadas as transformações nas relações sociais no campo, a partir da década de 70.

Nos bairros periféricos da cidade de Ituiutaba, onde estão localizadas os grandes contingentes populacionais expulsos do campo, há referências de que, por alguns anos, ainda houve a possibilidade de se “poder contar com os vizinhos” para alguma ajuda, mas que hoje já não é mais assim.

Luca resume a hegemonia do mercado na sociedade capitalista em palavras singelas, mas com acuidade: *“ainda tem gente que ajuda, mais hoje parece que tudo tem preço”*.

“Olha, eu tenho assim saudade daquele tempo que a gente entregava a vida da gente prá cuidá de ôtras pessoas que tinha menos do que a gente. Quando a gente cuidava das pessoas que tinha dor, que a gente ia lá, deixava aquela pessoa feliz. Uma pessoa que num tinha o que cumê, a gente deixava alimento prá ela; num tinha onde durmí, a gente se virava, arrumava cum ôtras pessoa. Antigamente aqui, se o povo precisava, ele pedia; hoje, já existe um tipo de malandrage. Hoje, se eu preciso de ajudante nos doces, nenhuma mocinha pergunta se pode ajudá. Pergunta logo: ‘Quanto a senhora paga?’.”¹⁶⁴ (sic)

A narradora avalia que, nesse aspecto, a vida na fazenda era melhor, porque havia sempre ajuda aos necessitados por parte das pessoas da cidade, que faziam campanhas de auxílio, e que inclusive alguns fazendeiros também ajudavam. Foi o único momento da fala de Luca em que se ouviu um comentário depreciativo em relação aos fazendeiros, em geral.

“Os vizinhos ajudava. Levava as coisa, por exemplo, leite, mandioca, macarrão, umas coisa assim. Sempre tinha alguém que ajudava. E mesmo os fazendero, por muito que eles fosse, assim... sovina, eles ajudava cum alguma coisa, levava alguma rôpa velha. Os parente que tava na cidade, catava essas rôpa, assim, mandava prá fazenda. Por exemplo: a patrôa da minha tia fazia campanha, e minha tia então mandava prá gente aqueles saco de rôpa, lençol, rôpa velha. Minha mãe, quando tinha nenê, ela usava assim, aquelas fralda de camisa prá fazê fraldinha, usava aquelas colchinhas mais velha,

¹⁶⁴ “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

*prá fazê mantinha. E assim, vivia o povo na fazenda.*¹⁶⁵
(sic)

Ainda que hoje o individualismo competitivo e a necessidade de sobrevivência conduzam as pessoas a mobilizar-se de forma a obter remuneração de alguma espécie, em casos que envolvam a saúde ou a vida (ou a morte), as práticas de sociabilidade e solidariedade ainda permanecem, manifestadas nas visitas, para oferecer-se os préstimos ou mesmo os pêsames. É de considerar-se que, diante das intensas experiências de solidariedade vividas no meio rural, como também nas primeiras décadas de vida na cidade, ocorreu uma fragilização no conceito de comunidade de bairro, conforme se depreende dos depoimentos de alguns narradores.

Luca, por exemplo, explica que hoje está mais velha e cansada e que, lamentavelmente, não tem disponibilidade para ajudar as pessoas como fazia antigamente. Acresce-se a isto, a necessidade de produzir seus doces para sobreviver, mas que sempre foi muito dedicada à comunidade onde mora e lamenta que *“hoje ninguém tem tempo prá nada”*. Relata ter assumido a função de parteira quando chegou à cidade, por motivos religiosos e por sentimento de solidariedade ao próximo: a filha havia adoecido e, como *“pagamento de promessa”*, passou a cuidar de doentes e a fazer partos.

Não havendo postos de assistência médica no bairro, sua atuação passou a ser muito significativa para a coletividade e, com o passar do tempo, já era procurada até mesmo por pessoas que saíam das fazendas para buscar tratamento de saúde na cidade.

Diferentemente das benzições, procedimentos bastante raros atualmente, a função de parteira – marcante no meio rural – manifestou-se no depoimento de Luca como um aspecto da cultura rural bastante resistente ao meio urbano, impondo-se como uma prática cultural com função social reconhecida até mesmo pelos próprios médicos, que passaram a agregar informações científicas a essas experiências, ao ministrar cursos e palestras às mulheres que se dedicavam a essa atividade.

“Eu comecei a me esforçá muito por esse lado de cuidá de doentes. Antigamente, tinha aquela mania de curá umbigo com pó de fumo, azeite de mamona, dar banho quente. A gente juntava aquele óleo de capáúba,

¹⁶⁵ Idem.

mentrasto, hortelã. Fazia um emplasto e colocava na barriguinha da criança. Dava uns banho de água esperta e, inclusive, dava uns pinguinho de óleo de capaúba prá criança tomá. Então, assim, a gente salvô muitas vida. Depois, tinha uns médico que me comprava doce e conhecia as dificuldade da gente e passaram a me orientá. Eles não me ensinavam a fazê parto, ‘que eu já sabia. Ensinava as manera de higiene, colocá luvas na mão... Desinfetar o imbigão dos nenê. Eles dava umas reunião prá gente. Por que não era só eu que pegava criança (fazia partos), tinha ôtras pessoas. Então, eles chamava as parteira e dava aquelas instrução. Eu já era zelosa e, então, com a curiosidade de aprendê, eu acabei sendo uma boa parteira.’¹⁶⁶

Atualmente, a atividade de parteira está praticamente extinta na localidade, em razão de que o atendimento à saúde pública é uma realidade em todos os bairros, ainda que considerado precário por alguns depoentes, e também devido a que as antigas parteiras parecem não ter conseguido sobrepor-se à pressão da racionalidade urbana, o que impediu que passassem adiante seus conhecimentos.

As dificuldades da vida atual – falta de emprego, baixos salários, dívidas de impostos – fez com que muitos de nossos depoentes não falassem de festas, música ou lazer de qualquer espécie. Comentam que quando moravam na roça, ainda podiam pescar, assistir a alguma partida de futebol, participar de bailes e festas de mutirão e das celebrações e festividades religiosas.

Contudo, mesmo na vivência da fazenda, o trabalho habitualmente intenso, no cotidiano de vida de nossos entrevistados, impedia as possibilidades de lazer em todos os fins de semana, conforme seria adequado e desejável.

Na cidade, o ritmo intenso de trabalho reduziu os momentos de lazer, de forma gradativa, durante o período estudado, a encontros e reuniões de igreja e ao descanso do corpo, em frente à televisão, no sofá da sala.

Na fazenda onde morava José Pinheiro, com a esposa e os filhos, havia ocasionalmente, momentos festivos, quase sempre, articulados à religiosidade, o que nos reporta a Antônio Cândido, segundo quem, nas pequenas comunidades rurais, as festas religiosas são um fator de sociabilidade e de unidade, configurando o âmbito e o funcionamento do grupo de vizinhança, que passam a ter unidade à medida em que

¹⁶⁶ “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

participam destas atividades. Há “*nos bairros uma solidariedade que se exprime pela participação nas rezas caseiras, nas festas promovidas em casa para cumprimento de promessa onde a parte religiosa, como se sabe, é inseparável das danças*”.¹⁶⁷ As palavras de nosso narrador confirmam claramente a constatação do autor:

*“Sábado e domingo a gente discansava. Na fazenda, o patrão tinha um time lá, né? Muita gente, nessa época de sessenta e cinco a setenta, tinha umas cinqüenta a sessenta pessoas lá. Eu só assista, eu num jogava, não. Tinha tamém uma capela nós ia todo mês, que é quando o padre ia. Prás mulhé, era a mesma coisa: missa e futibol. Era a mesma rotina. Época de Santa Luzia lá em casa sempre tinha festa; minha muié tinha uma promessa, né? Se passa noite, a senhora tem intendido, né? Então, ficava cheinho nossa casa, fazia tanta coisa de cumê! Sobrava coisa de cumê, tanta era a fartura nesses dia. À noite, rezava o terço. Tinha umas hora de tomá café, comê uma coisa, discansá um pouco... Dipois, vortava a rezá novamente.”*¹⁶⁸ (sic)

Indagado sobre o que se comia e bebia, ele esclarece que nessas festas não se bebe cachaça, só café. E que, na sua casa, serviam biscoitos de polvilho e arroz-doce. Evidentemente, o arroz era um alimento disponível em excesso no Município. Conforme suas lembranças acerca das festas em sua casa, eles enchiam os jacás com arroz-doce para receber os convidados: “*É fartura, né? Graças a Deus, era assim. Era tanto arroiz-doce que a gente jogava prós porcos*”.¹⁶⁹ (sic)

A vida pacata que leva ao lado do marido, levou Antônia Maria a tecer discretas considerações acerca da vida conjugal, comparando-a com a vida no tempo em que era solteira e que, segundo ela, foi mais gratificante, no aspecto do lazer:

*“E na fazenda, aprendi a gostá dos baile de mutirão, né? Já na cidade, hoje eu num tenho diversão. Eu tenho vontade de ir nas coisa, né? Mais eu chamo ele, né, ele não vai. Purquê, quando eu era solteira, isso aí é normal, né? A pessoa quando é solteira o namorado vai em tudo que é festa, né? Dipois que casa, se acomoda. Eu tinha vontade de dançá, porque a gente vai envelheceno... É bom pros nervo, pros ossos, a gente nunca sai sem o marido, num pega bem.”*¹⁷⁰

¹⁶⁷ Antônio CÂNDIDO. op. cit. p. 74

¹⁶⁸ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

¹⁶⁹ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

¹⁷⁰ Antônia Maria da Conceição Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

O rádio a pilha apareceu nas fazendas da região na década de 50, segundo as memórias de Eronides, que a ele se refere como uma grande distração, principalmente a noite, porque possibilitava ouvir os “grandes cantores caipiras”, como Tônico e Tinoco, por quem “*todo mundo daqui era apaixonado*”. Hoje, conforme diz, não ouve rádio, só assiste à televisão.

Seria, entretanto, equivocada, subestimar a importância do rádio em Ituiutaba, que continua até hoje sendo um instrumento de diversão e de informação a qual têm acesso as pessoas simples, as donas de casa, as empregadas domésticas e alguns comerciantes desejosos de notícias.

A primeira emissora de rádio AM criada na cidade, em 1947, a Rádio Platina, além dos programas costumeiramente mantidos pelas rádios em geral, passou a oferecer um serviço de mensagens pelo qual as pessoas na cidade enviavam recados e notícias, definiam situações pendentes, solicitavam ajuda aos parentes e amigos na zona rural. Era muito utilizado por aqueles que vinham das fazendas à cidade e que desejavam avisar o dia, a hora e o “ponto” onde deveriam ser buscados, quando decidiam retornar. Atualmente, com as facilidades de informações disponíveis, esse recurso passou a ser subutilizado, mas ainda permanece como um serviço de grande utilidade pública naquelas localidades rurais onde não se dispõe dos meios modernos de comunicação.

Acerca do teor das mensagens veiculadas, passamos a transcrever algumas delas, que foram retidas na memória de algumas pessoas reconhecidamente interessadas nos aspectos singulares da cultura ituiutabana:

- “Fulana manda avisar para Fulano que está tudo terminado. Que as alianças tão seguindo na jardineira das quatro”.¹⁷¹
- “Fulano avisa para Fulana na fazenda Córrego das Canoas que deu à luz a uma criança e que mãe e filha passam bem. Pediu para mandar uma galinha.”¹⁷²
- “Fulano manda avisar pro patrão que o negócio dos cavalos tá fechado. Que é pra mandar alguém esperar no ponto, que ele segue na jardineira das duas.”¹⁷³

¹⁷¹ Mensagem recuperada pela memória de Carlos Emílio Guimarães, diretor do Teatro Vianinha, de Ituiutaba.

¹⁷² Mensagem recuperada pela memória de Sílvio Queiroz de Mendonça, médico em Ituiutaba.

¹⁷³ Idem.

A propósito disto, as emissoras de rádio existentes na cidade (assim com os jornais locais) fazem, na época de eleições, verdadeiras “acrobacias” e “malabarismos” para driblar a lei eleitoral e que tem por objetivo não a diversão dos ouvintes, mas o favorecimento de candidatos aproximados politicamente com o poder público local, de forma a conceder a eles maior espaço de exposição no noticiário. Isto ocorre em razão de questões que envolvem claramente os interesses políticos dos proprietários dessas concessões, e de questões financeiras, porque grande parte da propaganda efetuada pela Prefeitura mantém essas rádios (e os jornais) em funcionamento.

José Pinheiro fala da importância da emissora de rádio para quem vivia na roça:

“A primêra vêiz qui eu ouvi rádio foi em sessenta e cinco, pur aí. Nessa época, já havia o programa da Rádio Platina. O rádio cum pia (pilha) nova péga bem, mais quando a pia é fraca num pega direitinho. Num era todo dia qui pegava não. Às vêiz as pia ia ficano fraca, aí acabô, num pegava mais, né? Inclusive, quando morreu de acidente de avião um amigo do meu patrão, nós pegô tudo no rádio lá im casa e eu contei pro meu patrão, né?”.¹⁷⁴ (sic)

Diferentemente de sua mulher, que não gosta de programas de rádio ou TV, Sebastião diz-se hoje um homem caseiro, que assiste a todas as novelas e a todos os programas de televisão que não sejam apresentados após às 22 horas, por que sempre acorda por volta das seis horas para começar a “lida de jardinêro”. Mas afirma ter sempre gostado muito de festas e bailes, tanto nos tempos da roça quanto na cidade:

“Eu sempre gostei muito de dançá e tamém de apreciá as pessoa dançano. Aqui no meu bairro tem uma escola que sempre era alugada à noite, prá festa que os aluno organizava. Eu sempre ia. Mais hoje, num vô mais, não, já tô meio cansado.”¹⁷⁵ (sic)

Na vida de Maria Ambrózio sempre foram escassas as possibilidades de lazer, tanto na fazenda quanto na cidade. As poucas festas eram aquelas vinculadas às atividades religiosas. Segundo esclarece, “na fazenda, antes, tinha muitos terço, muitas novena, algumas festa de Fulia de Reis”. Lamenta que hoje em dia já não haja mais na

¹⁷⁴ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

cidade tantas comemorações e celebrações religiosas quanto havia naqueles anos, quando saiu da roça.

“Eu gosto mesmo é de festa religiosa, alguma novena. Quando eu ia, purquê hoje, quase num tem essas reza mais. Só na igreja. Eu gostava muito quando aqui na rua passava a banda tocando. Era a banda da prefeitura. Era uma festa prá mim e pros minino. Eu nunca fui de saí de casa. Tem muitos ano qui eu não vô no centro da cidade.”¹⁷⁶ (sic)

Na notícia a seguir, transmitida pela imprensa , é perceptível a importância da Banda Municipal para a população da cidade, sendo presença indispensável em todos os eventos culturais promovidos pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura.

“A primeira manhã de lazer, promovida pela Secretaria de Educação, Divisão de Cultura e Mobral, aconteceu no dia 27 próximo passado no Bairro Junqueira, na Avenida Helena Rosa de Moraes (...). Participaram da coordenação desse acontecimento a E. E. ‘Governador Bias Fortes’, sendo que o pessoal administrativo e corpo docente e discente se envolveram com entusiasmo na programação da Ginkana, competição de pipas e números artísticos que foram apresentados pelas crianças que por si mesmas abrilhantaram e desfrutaram da festa, com alegria e espontaneidade que a elas são peculiares.

A Banda de Música municipal fez a abertura deste evento, apresentando uma tocata com músicas variadas, o que despertou o interesse dos moradores que no local ocorreram. (...)

Foi realmente uma manhã festiva para os que moram no bairro.”¹⁷⁷

Questionada sobre suas atividades religiosas hoje, Maria Ambrózio explica ter mais mobilidade para freqüentar a igreja, por que antes “a vida era uma trabaiera, era umas lavação, umas passassão, fazê cumida” que no final do dia estava sempre muito desanimada. Mas afirma que, ainda assim, se esforçou para que os filhos freqüentassem a igreja:

“Quando os filho era piqueno, fazia questão de levá eles na missa. Depois, dei uma parada, por que trabaiaava

¹⁷⁵ Sebastião Duarte. Depoimento concedido em 06/04/2000.

¹⁷⁶ Maria Ambrózio. Depoimento concedido em 06/04/2000.

¹⁷⁷ “Manhã de lazer no Bairro Junqueira”. *Jornal “Cidade de Ituiutaba”*. 06/04/1983. p. 1

dimais. Agora, cum os filho tudo grande, morano fora, eu posso me dedicá mais. O que eu gosto mais na minha vida é de rezá. Toda noite eu rezo o terço, treis siguido. Em barraquinha eu nunca fui, mais os minino ia. Eu hoje tô participano mais. Cum a minha posentadoria eu dô uma ajuda prá Igreja São Benedito... até um banco eu já comprei prá Igreja.”¹⁷⁸

Tanto no âmbito da organização quanto dos rituais de que eram revestidas, as festas religiosas, freqüentes tanto no meio rural quanto no meio urbano, perderam um pouco de suas características originais, adquirindo algumas nuances modernas.

As novenas, promovidas por pessoas ligadas à Igreja, eram costumeiras no Município, em outros tempos, mas são hoje bastante raras. Consistia em nove dias de rezas, em que o fiel recepcionava a imagem do Santo em sua casa como também mobilizava os interessados para as orações. Ao final dessas funções, era costume ser servido um café com biscoito ou outros alimentos leves. Esses momentos de atividades religiosas e de sociabilidade também ocorriam nas circunstâncias de pagamento de promessas e agradecimento de graças alcançadas. Eram recorrentes no meio rural as preces em benefício da agricultura: para pedir chuva ou para alcançar uma boa colheita.

As quermesses, também conhecidas por “festas de barraquinhas”, são feiras ou bazares paroquiais beneficentes. Em geral, são motivadas para homenagear o Santo padroeiro da cidade, o Santo da paróquia ou mesmo os Santos juninos. Sua outra finalidade é a arrecadação de fundos para reformas na igreja e outros gastos.

Costumeiramente, são elas organizadas pelo padre da paróquia, auxiliado pelos fiéis mais assíduos à igreja, e demandam muita organização e planejamento antecipado. Ao que parece, sua estruturação e características essenciais não sofreram grandes alterações no Município, considerando-se unicamente o período posterior a 1970. Excetuando-se as condições em que paróquia dispõe de um espaço coberto, nas demais situações são construídas barraquinhas de bambu com cobertura de folhas de buriti. Para proteger contra as chuvas, acrescenta-se, ocasionalmente, uma cobertura de plástico maleável, o que denota a adaptação de componentes materiais urbanos materiais aos elementos originariamente rurais.

Em Ituiutaba, estes eventos são muito apreciados pelas populações dos bairros e por jovens de outros pontos da cidade. Em épocas de eleição, são bastante

¹⁷⁸ Maria Ambrózio. Depoimento concedido em 06/04/2000.

frequêntados pelos políticos que, conforme o costume, são sempre convidados para serem festeiros. Isto quer dizer, que eles devem enviar alguma prenda para ser leiloadas na data para a qual foram selecionados. Durante o leilão, é conveniente que, entre as prendas, ele arremate algumas peças que, habitualmente, são bolos, frutas, salgados, frangos assados, tudo devidamente embrulhado em papéis coloridos e fitas, com grande efeito visual. Ao participar intensamente do leilão, ele tem seu nome exaustivamente proferido ao microfone, pelo leiloeiro-animador do evento, o que lhe traz um razoável retorno em termos de votos. Em outros dias em que não for festeiro, é significativo que ele também compareça, cumprimente algumas pessoas, beba uma ou duas cervejas em copos plásticos descartáveis, destrinche um frango assado e o compartilhe com os companheiros de mesa, todos em festejo ao som das músicas de duplas sertanejas.

Devido ao seu caráter de festa com comidas, bebidas e música romântica, e também ao bom atendimento às mesas, por parte dos voluntários, estas quermesses têm se firmado como diversão alternativa na cidade. Contudo, eliminando-se os objetivos que conduziram à sua promoção, não apresentam características religiosas, na exterioridade.

Segundo informações colhidas junto a pessoas ligadas às igrejas da cidade, as procissões hoje realizadas nos bairros atraem tantos fiéis quanto em tempos passados, quando a elas acorriam inúmeros fiéis vindos da zona rural. A partir da década de 70, com o aumento da população urbana, foi perceptível aos nossos informantes o aumento da frequência às procissões. A procissão de Corpus Christi, por exemplo, passou a ser revestida de maior esmero, como a disposição de enfeitar as ruas com tapetes de flores, desenhos de figuras sacras e mensagens religiosas. Ainda que do ponto de vista artístico estes trabalhos não se equiparem àqueles realizados em algumas regiões do Brasil, é possível que a divulgação de tais criações pela TV tenham influenciado ou inspirado as pessoas envolvidas na elaboração do evento.

Instado a falar sobre suas possibilidades de lazer na época em que morava na fazenda, Geraldo relata com entusiasmo as pescarias que fazia em companhia do pai, comentando que os peixes antigamente eram mais calmos que os peixes de hoje. Sobre o instrumental moderno e sofisticado usado pelos pescadores, hoje, não os vê como recursos criados para o mercado de consumo ou como necessidades artificiais geradas pelo sistema capitalista, mas sim porque os peixes já não são como os de antigamente:

“Meu pai num istudô, ninguém istudô. Antão, nós trabaivava de inxada, na fazenda. Antão, aquela hora, éh, no sábado, nós tinha os pagode, nós tinha as pescadinha. Aquela pescada era de vara de pau, purquê não ixistia caniço, que nem hoje. Tinha bambu, mais nós ‘trabaiava’ mais era com vara de pau. As linha que a gente pescava, mais o meu pai, a minha mãe fazia na roda; era no tear e tinha um produto prá passá na linha prá ela ficá mais iscura. O dorado era um peixe muito arisco, mais naquela hora os peixe era tudo manso... Cê pegava ele cum aquelas varinha curta... Hoje, ocê tem que pegar cum caniço, tem que pegá cum linha mais longa, cum linha preparada prá pegá o peixe. Eu pesco muito até hoje, e pesco muito peixe grande. Antão, eu chego no barranco do rio e me sinto bem com aquele cheiro d’água, o cantar de um pássaro, éh, pego um peixe eu me sinto bem. Eu gosto tamém de cumê peixe. A gente já não mata mais um bicho e nem passarinho. Tem um pássaro bunito lá no mato que chama jaó... É um pássaro que tem um canto bunito... Tem ôtro que chama jacu, tem inhambu, tem garça. Tem um passarinho no Pantanal que chama mergulhão... Antão, agente fica ali pescano quais que a noite intêra...”¹⁷⁹ (sic)

Acerca de outras formas de diversão, lembra-se dos bailes, dos encontros para rezar o terço e da Folia de Reis.

“Tinha mais diversão. Tinha o pagode que fazia na fazenda, tinha os terço, tinha a Folia de Reis que fazia aquele pagodão. A cumida era feita nos tacho. Fazia aqueles tanto!... Essa festa de Folia de Reis era uma promessa que a gente fazia com os Santo, se adoecia um filho, se uma cobra pegava uma pessoa, antão fazia aquelas promessa. Purquê tinha aqueles benzedô, mais às vêiz ocê num cunfiava muito no benzedô. Hoje, quais num existe isso daí.”¹⁸⁰ (sic)

Sobre a natureza da festa de Folia de Reis, Geraldo demonstrou certo acanhamento diante das perguntas, como se estivesse pouco à vontade. Somente com a seqüência de entrevista é que pudemos entender os reais motivos de seu constrangimento: não queria falar de festas que eram da tradição católica, porque se havia afastado do Catolicismo e assumido a Igreja Evangélica. Ainda assim, explicou o que sabia a respeito do que perguntamos, mas apressou-se a mudar de assunto, habilidosamente:

¹⁷⁹ Geraldo Alves de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

¹⁸⁰ Geraldo Alves de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

“A promessa era prá receber aquela graça, antão a gente falava sobre aquilo. Antão, saía os folião cantano e pidino... Pidino as coisa que é prá fazê a festa. Ganhava uma vaca, ganhava porco, ganhava frango, ganhava queijo... Ganhava de tudo. A gente não dançava cum eles, a gente só acompanhava. Os folião, eles já tinha tudo preparado, era igual um artista hoje, tudo afinadinho: as caxa, as viola, tinha uns que tinha sanfona. Eles morava tudo na roça. Juntava uns aqui, ôtro ali. Antão, essa parte aí, era uma parte da deversão da gente e da devoção que a gente tinha com aqueles Santos Rei. “Eles” falam os Treis reisi Magos. Antão, vamo falá de trabalho?”¹⁸¹ (sic)

Em conversas, na localidade, com estudiosos do folclore brasileiro – ainda que se discorde de constatações fechadas sobre essas experiências culturais – a Folia de Reis é celebrada em homenagem aos três Reis Magos, Baltazar, Gaspar e Belchior que, por ocasião do nascimento de Jesus, saíram de seus reinos para glorificar e presentear o Menino Deus.

A folia é um grupo festivo de pessoas que, representando os próprios Reis Magos, saem à rua às vésperas de Natal até o dia de Nossa Senhora das Candeias ou da Candelária, a 2 de fevereiro.

Os participantes, acompanhando-se de instrumentos musicais como viola, sanfonas, violões, pandeiro e outros, a depender da cultura musical regional, cantam às portas das casas, convocando os moradores à participação, recebendo esmolas e servindo-se de pequenas refeições. O chefe do grupo é chamado de alferes ou capitão da folia. Feita a festa dos Reis Magos, no dia 6 de janeiro, é ainda realizada uma ceia no dia de Nossa Senhoras das Candeias. A folia leva o nome de *folia de reis de caixa*, se percorre sítios e fazendas, e de *folia de reis de banda* ou *folia de reis de música*, se percorre apenas a zona urbana.

Na opinião de Darcy, conhecido e respeitado capitão de folia na região, atualmente há certa deturpação na ação de parte dos grupos de folia. Segundo ele, há pessoas que formam os grupos com interesse apenas de explorar a boa fé e a crença das pessoas, utilizando-se de mágicas e outros recursos sensacionalistas, fazendo uso de bebidas alcoólicas e outras práticas consideradas ilícitas ou inadequadas, apenas com objetivo de ganhar “destaque, fama e dinheiro”.

¹⁸¹ Idem.

Explica ser leitor assíduo da Bíblia Católica e ter profundo fervor religioso. Contudo, em suas concepções religiosas, articula fé e misticismo, interpretando a Bíblia conforme sua ótica de homem simples do povo.¹⁸²

“Folia de Reis, veja bem, prá sê capitão, eu tive um quadro cum Nossa Senhora, uma noite. Eu vendo ela, eu cum a viola tocando, e tinha um outro ‘capitão’ cumigo. Nós chegava num altar de uma gruta, uma grama verdinha, Nossa Senhora lá em cima... Eu conversei com ela e ela falô: ‘_ Você vai sê o capitão e vai rezá um terço por dia. Num pega esmola de alejado: cê pega o donativo que ganhô e passa pro alejado. E na casa, se num tivé nada prá eles dá, se tivé passano fome, sê pega o donativo e passa pra eles. Pega de quem tem e dá prá quem num tem, entendeu?’ Isso eu lembro direitinho. Segundo o comentário do povo, hoje, dizem que há muitos militar aqui que tem acompanhado as Folia de Reis. E que eles falam que eu sô o melhor capitão do Triângulo Mineiro. Segundo eles, né? Nunca foi feito disputa prá sabê. Só que eu canto dentro das escritura sagrada. O que eu canto é tirada a inspiração na Bíblia, né?”¹⁸³ (sic)

Em seguida, explicita-se na sua fala a resistência na defesa das tradições da festa, de suas concepções, crenças religiosas e de seus próprios valores, negando-se a compactuar com o espírito competitivo que afirma ocorrer entre os grupos de folia. Por outro lado, ao que parece, Darcy acrescentou ao grupo que lidera alguns elementos novos, como a “pregação da palavra de Deus”.

“Tem muita competição nesses grupo. Até coloca marimbondo no caminho dos ôtro folião, colocá ispinho, isso aí já me contaram. Disafiná instrumento, aconteceu cumigo uma vez. O capitão de folia num pode sê assim. Eu não, prá mim são todos irmão, eu num tenho maldade cum ninguém. Mais tem muito capitão que fala que minha folia é errada, num é prá tê terço, num é prá sê assim, entendeu? Eu posso tá errado. Maisi... Foi a mensagem que eu recebi. Era pra fazê assim. Eu dô reunião e já falo meu sistema, se a pessoa num fô cumprí, eu acho melhor num ir. Eu não abro mão mesmo: num tem pinga, num tem bibida nenhuma, durante os nove dia de caminhada. Há pouco tempo, fiz uma no Corgo da Chácara do Meio. O povo adorô lá, nós fez uma pregação muito bunita na região. Fazia vinte ano que num ia uma bandêra de Folia de Reis. De primêro havia

¹⁸² Ver Carlo GINZBURG. op. cit.

¹⁸³ Darcy Gonçalves da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

*folia, mais os folião era perverso: eles fazia bananêra nascê, num sei de que forma que é. Quando ela madurava, dava os cacho, o povo cumia. Uns jogava o cinturão no chão, virava cascavel. Porcariada...”¹⁸⁴
(sic)*

Mais adiante, expõe esta narrativa histórica sobre a viagem dos Reis Magos à Jerusalém, para render Graças a Jesus:

“Jesus nasceu lá em Belém, e os treis reis do Oriente, eles era sábio, eles era poderoso, eles só vivia prá estudá. Eles tinha as coisa mais preciosa naqueles tempo: era ouro, incenso e mirra... só eles que tinha aquilo. Era uma fortuna, né? Aí eles foram visitá o Minino Jesus e se encontrô numa incruzilhada, cumbinaro segui junto, e a estrela guiano eles até chegá em Jerusalém. No palácio do rei Herodes, os magos não sabiam e perguntaro: ‘_ Aonde está o Minino Deus que acaba de nascê? ‘Ao ouví isso, o rei Herodes se turbô, ficô infurecido. Mandô chamá os sacerdote e perguntô prá eles: ‘_ Que história é essa de nascê um novo rei?’ Os sacerdote arreuniu e leu lá a Escritura: ‘De Belém a Judá nascerá um novo rei’. Herodes interessô e chamô os magos, particular: ‘_ Quando vai sê que ocês vão?’. Mais os magos perceberam, desconfiaram e apressô a deixá Jerusalém. E Herodes: ‘_ Quando ocês voltá, dá o endereço prá nós que eu quero adorá-lo também’. Mais o intuito dele era matá o minino, né? Agora, veja bem, muito curioso isso aí: desde aquele tempo já tem preconceito, porque dos treis reis, o rei Baltazar era preto... E teve um pouco de discaso cum ele, né?’¹⁸⁵ (sic)

E sobre as justificativas, os preceitos e as características da festa, baseado em sua compreensão, Darcy aponta o papel destacado de Maria, mãe de Jesus, ao ensinar aos reis do Oriente as virtudes da modéstia, da simplicidade e da caridade:

“Aí, veja bem porque há Folia de Reis. Agora vô chegá lá. Os Reis Magos, eles foram com o intuito de ‘comprá’ o minino (agradar com presentes), com pataca de ouro, mirra e incenso. Propôs à Nossa Senhora os presente. Nossa Senhora disse: ‘_ Eu amo a pobreza. Vocês vão tirá ismola, vão pegá uma caxa, uma sanfona e uma viola, e vão pidí ismola cantano. Um faz os verso e os ôtro vai respondeno. É prá chegá e dá os donativo todos pros pobre’. Segundo as Escritura, fala que naquele tempo havia muitas pessoa pobre. Nos tempos de rei

¹⁸⁴ Idem.

¹⁸⁵ Darcy Gonçalves da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

havia cativo, escravidão, né? Assim, eles fizeram como foi orientado, e eles foram santificados em vida... Os três reis do Oriente, em carne e osso. Um dia, eles vão ser arrebatados.”¹⁸⁶ (sic)

Indagado sobre a frequência atual destas festas, na região, ele enumera algumas áreas rurais onde elas são ainda bastante frequentes:

“Tem muitas festas ainda de tradição aqui, né? Tem a do São Lourenço, tem a da Soledade, tem a do Córrego da Chácara... Inclusive, já toquei pra eles dois anos. Mais a folia tem que ser uma pregação da palavra de Deus. Veja bem. Se chega na sua casa... Cumé qui ocê vai recebê os folião tonto? Que folia é essa? A minha eu não aceito. Trabalho com sete pessoas... É linha dura, mesmo. É um terço por dia, todo mundo orando.”¹⁸⁷ (sic)

Maria de Lourdes tem lembranças das festas na fazenda, como as de Santa Luzia e a de Santos Reis. Contudo, entusiasmou-se apenas ao falar sobre as festas de mutirão e os torneios e campeonatos de futebol. Nesses torneios havia sempre muita animação, por que iam até mesmo jogadores e times da cidade para disputar com os times da roça. Ao final dessas partidas, a comunidade anfitriã oferecia aos presentes um churrasco ou uma galinhada, acompanhados de suco artificial. Essas partidas eram realizadas em “campos de futebol” improvisados, em áreas nem sempre adequadas, em declive, e recobertas espaçadamente por gramado cujas beiradas eram frequentemente invadidas por um capim alto, conhecido por “vassourinha” ou “bassourinha”.¹⁸⁸

Hoje, já não existem mais estes campeonatos.

“Tinha muito pouca diversão na fazenda, exceto o futebol e aqueles bailinhos de fim-de-semana. E tinha festa de mutirão, que eu também gostava. É que eu nunca soube dançar, nunca me interessei. E tinha as festas de Santa Luzia e a dos Santos Reis. Naquela época, tinham aquela crença pra fazer festa pros Santos Reis. Diziam que eles dão fartura. Aquele Santo dá isso, o outro Santo dá aquilo, mas eu nunca acreditei nesse tipo de coisa. Eu acho que Santo é uma coisa, a colheita é outra. Primeiro era o terço, depois era a festa, e depois vinha a dança. Eu não era muito religiosa, então eu quase nunca

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Ibidem.

¹⁸⁸ Um dos jogadores que participava desses eventos em décadas passadas, contou-nos que numa dessas partidas de futebol um dos jogadores foi chutar a bola, que havia caído na lateral e, devido ao capim que impedia a visão, acabou por chutar um leitão em direção à área do gol.

freqüentava. Hoje eu sou religiosa, porque hoje eu tenho a minha crença, minha religião, mas não sou praticante. Sabe quando a gente diz: 'Hoje eu quer ir na igreja?' Aí, eu vou. E eu não faço por obrigação. Eu sou uma pessoa muito cética, eu acho que a gente não é obrigado a nada. Tudo aquilo que a gente tiver que fazer, faz por amor, não por obrigação. Eu ajudo um ser humano por amor, não por obrigação.”¹⁸⁹ (sic)

Ao nosso comentário sobre sua aparência urbana e à suposição de que, em sua vivência na cidade, muitos elementos da cultura rural tenham se desfigurado ou sucumbido, a narradora admite que isso realmente ocorreu, em razão de ter saído ainda muito jovem da roça, aos filmes aos quais assistiu e aos jornais e revistas que ainda lê regularmente – mesmo que com datas passadas, porque são jornais e revistas que seu irmão traz, quando vem visitá-la, vindo de São Paulo.

“Eu tenho horror à fazenda. Eu tinha horror à escuridão. À noite, lá na fazenda, quando vinha aquela escuridão, aquilo prá mim, eu ia morrer. Eu falava pro meu pai que ia morrer se continuasse a morar lá. Olha, de fazenda eu gosto, mas é prá passear. Quando eu vou nas fazendas é pra passear. Aí, eu gosto de pescar, de jogar truque, beber cerveja, comer galinhada, guariroba. Quando eu era mocinha e mudei prá cá, meu ‘hobby’ era cinema. Eu adorava ir ao cinema! Prá mim, era uma coisa maravilhosa! Minha mãe fazia a gente ir no filme da Sexta-feira da Paixão. Aí, eu odiava. Eu dizia prá minha mãe: ‘_ Larga de bobagem, aquilo é só um filme!’ Se pudesse, eu ia todo dia. Mas não perdia os filmes de domingo: faroeste com Giuliano Gemma, era Rock Hudson. Aí, veio a televisão e veio a coisa de fazer economia. Por que a gente vai pagar pra ir no cinema se pode assistir filme em casa? Fotonovela eu lia... Manon... Eu lia tudo: Manchete, tudo quanto é tipo de leitura eu lia. Eu gostava muito de ler José de Alencar. Eu me eduquei, praticamente, no mundo. Minha escola foram os lugares de trabalho. Ah, eu também gostava de ir aos desfiles de Sete de Setembro e ao carnaval de rua, que nem tem mais.”¹⁹⁰ (sic)

Se as oportunidades de lazer na zona rural eram escassas, elas não foram maiores nas pequenas cidades do interior, nas décadas de 70 a 80.

Em Ituiutaba, as opções de diversão se resumiam aos clubes recreativos, aos bailes, às “brincadeiras dançantes”, às missas de domingo e ao “footing”, que

¹⁸⁹ Maria de Lourdes V. da Silva. Depoimento concedido em 15/08/2000.

ocorria em locais alternados, conforme a variabilidade de motivação dos jovens: em frente à sorveteria, nas praças do Fórum e da Prefeitura e em frente ao cinema.

O cinema atraía uma clientela de menor poder aquisitivo, mas também as pessoas da classe média: os filmes projetados eram em geral de baixa qualidade, ultrapassados, de estilo melodramático, mas que tinham um público fiél entre as populações do bairros, cuja difícil realidade de vida os tornava o alvo o qual se dirigiam os filmes românticos em cartaz. Ocorriam também, com certa regularidade, os *western* – “filmes de faroeste” – que possuíam um público cativo, especialmente entre os rapazes.

Além desses momentos de diversão, dispunha-se anualmente da feira de exposição agropecuária, ocorrida no mês de setembro, em torno da data de aniversário da cidade. Esta festa mobilizava a cidade durante toda a semana. As escolas entravam em recesso, pois não era frutífero manter as aulas porque, inevitavelmente, os alunos faltavam. Aqueles que compareciam faziam-no apenas para marcar presença, já que passavam todo o período desatentos, devido as noitadas na feira. Atualmente, as escolas adaptaram-se, em função da festa, fazendo constar no calendário anual o recesso “da exposição”.

Visto de uma perspectiva racional / capitalista, desde a criação em 1970, até toda a década de 80, as instalações do evento eram bastante artesanais e precárias, mas já com grande capacidade de atração pública, independentemente da localização e/ou identificação social. Efetivamente, a festa guardava uma relação mais próxima com a cultura do meio rural. As barracas eram improvisadas com bambu e folhas de palmeira buriti; os caminhos e passagens de acesso aos mostruários e às tendas apresentavam-se rústicos e de chão batido ou cascalho; os mostruários expunham, de fato, como ocorre hoje, produtos pecuários, entre eles, bois, cavalos, vacas leiteiras especiais, carneiros e cabras, mas também a “maior abóbora” ou “maior mandioca” já produzida, entre outras singularidades.

Em conversas com alguns fazendeiros¹⁹¹, constatou-se que a primeira exposição foi organizada por alguns pecuaristas, vinculados ao partido denominado, à época, MDB – Movimento Democrático Brasileiro, e a realização deu-se em um campo de futebol. Segundo estas informações, a finalidade não era unicamente econômica, revestindo-se de caráter político à medida em que o evento se apresentava como um

¹⁹⁰ Maria de Lourdes V. da Silva. Depoimento concedido em 15/08/2000.

¹⁹¹ Tais informantes não quiseram gravar entrevistas e solicitaram não serem identificados.

palanque eleitoral para o candidato a prefeito do referido partido. Com a vitória nas urnas, o prefeito eleito concedeu uma área na cidade para o referido acontecimento, e o local vem recebendo freqüentes melhoramentos e adaptações.

A partir da década de 90, diante das evidentes vantagens eleitorais obtidas por meio do evento, a administração pública, seja ela de que partido for, detém totalmente sua organização, que vem sendo aprimorada, a cada ano, particularmente no aspecto de atrações musicais com famosas duplas sertanejas ou outros cantores românticos. Outra atração em que também são investidas razoáveis somas em dinheiro são os rodeios, que vieram perdendo suas originais características caipiras, estando muito mais aproximadas do estilo *country* americano. Da indumentária dos peões à forma de narração, e ao comportamento do público presente, muito pouco restou dos antigos rodeios e das provas de laço das décadas anteriores.¹⁹² Nos dias em que não há “shows”, o sucesso da festa é garantido pelas inúmeras barracas onde funcionam os bares, quando é bastante comum pessoas circularem com botas, chapelões e cinturões à moda “*country de Dallas*”.

Evidentemente, a fama dessas exposições atravessa as fronteiras dos municípios onde se realizam, atraindo principalmente jovens em busca de diversão, “paqueras” e farras. Constitui-se também numa possibilidade ocasional de emprego para garçons e garçonetes, salgadeiras, faxineiros, churrasqueiros, e também de ganhos para vendedores ambulantes. Outra característica marcante da festa em Ituiutaba é a atração exercida sobre garotas de programas e prostitutas, cujas atividades encontram uma demanda bastante acentuada durante as festas, ocasião em que a ordem e a desordem convivem num equilíbrio, algumas vezes, bastante precário.

Embora nossos narradores relatem já ter visitado alguma vez em sua vida a exposição, a festa não chegou a fazer parte de seu pequeno universo cultural de lazer. Para eles, ela já representou, ou ainda representa – como no caso de Geraldo, que é churrasqueiro – oportunidades de trabalho e de pequena ampliação de seus ganhos anuais. Já os filhos, especialmente aqueles que ainda são solteiros, tem presença certa em noites de “shows” com artistas especiais.

Presentemente, a cobrança de ingressos para aqueles espetáculos que têm custo elevado, e o gasto às mesas e demais atividades recreativas, tem tornado esta festa

¹⁹² Ver João Marcos ALEM. *Caipira e country*. Tese de doutoramento em Sociologia, defendido na USP - São Paulo, em 1996.

um tanto proibitiva às classes populares: se vão gastar com bebidas, comidas e outras atrações, terão que evitar a presença naquelas noites em que seus artistas se apresentam e vice-versa.

Segundo Aristoclides, os costumes que são adquiridos nos tempos passados, com os pais e com as pessoas antigas, são difíceis de perder-se. Garante que ainda é tão religioso atualmente como quando era jovem, e que ele e sua mulher vão à missa todos os domingos, mas que diversão eles quase não têm nenhuma:

“As festa de barraquinha e exposição de gado, na minha família ninguém gosta. Às vêiz vai lá, passa assim, coisa, masi logo vem embora. A exposição era muito fraca, antes. Ela cumeçô num campo de futibol. Agora, a missa eu vô, eu e minha muié. Se Deus quizé, enquanto vida tivé. É a minha religião. Eu pur ixemplo, não como carne nenhum dia da Coresma. Nem carne de bicho. Coresma intêra. E na sexta-fêra, num como carne tamém. Os custume dos povo antigo, dos pai e da mãe, a gente cuntinua teno. E da Coresma, eu vô contá um detalhe: minha mãe contava muito causo dos “coisa ruim”, do tempo de Jesus Cristo, o tempo do Carnaval, que os “coisa ruim” ficava torto, que judiava com Jesus. Então, a gente tinha aquele negócio, achando ruim dele sê judiado, né? Então, nunca achei hora de cumê carne no tempo da Coresma. Passô ela, num tem pobrema. Isso de num cumê carne, é purquê a mãe põe a gente acostumado. Pur ixemplo, meu pai contava causo de assombração até o dia amanhecê, sem ripiti um. Quando eu crisci, eu era meio safadinho e num tinha medo. Quando tinha de vim na cidade, eu que vinha e chegava na roça contava que tinha visto assombração, só prêles num querê vim e eu podê vim; prêles mandá eu vim. Tinha muitos homi lá que tinha medo de vim e eu num tinha.”¹⁹³ (sic)

A religiosidade tem sido um fator bastante importante na vida de Antônia Maria. Ela afirma que um dos seus sonhos, ao vir para a cidade, era que poderia freqüentar a igreja:

“Eu sempre queria freqüentar uma igreja, ir pra missa. Graças a Deus, eu sô muito religiosa. Na roça, não tinha lugar pra rezar, não tinha nada. Às vêiz tinha na escola, a professora levava daqui, né? Minha mãe ensinava muito. Toda noite, antes da gente ir dormir, ela punha a gente prá rezá. Aí, a gente agradicia a Deus, pedia prá

¹⁹³ Aristoclides A. Ferreira. Depoimento concedido em 20/11/2000.

toda a família e agradicia do dia que a gente tinha passado.”¹⁹⁴ (sic)

A respeito de outras crenças, a narradora menciona a benção:

“Tinha um senhor que morava lá perto de nós, na fazenda, ele era curador, né? A gente tinha muita fé na benção dele, era boa mesmo. Até dor de dente, a gente ia lá, benzia, e acabava com a dor. A gente tinha crença nele, purquê ele era uma pessoa muito boa, só fazia o bem. Agora, aqui na cidade, a gente nunca usô, nem sabe se tem.”¹⁹⁵ (sic)

Indagada sobre o que mudou, em sua vivência todos esses anos na cidade, ela diz que além de fazer croché e de vestir roupas um pouco melhores, a grande mudança é que aprendeu a falar um pouco mais “direitinho”.

“Bem, a gente antes falava mais errado, num pensava as coisa, assim, prá falá direito. Eu aprendi um pouco a conversar, e foi cum os meus patrão. É, aprendi mais ou meno, purquê eu ainda num sei falá muito bem. Mais antes, a gente tinha até vergonha de falá com os ôtro.”¹⁹⁶ (sic)

Da mesma maneira, Luca explica que é muito religiosa e que sua crença em Deus se deve à convivência com a proprietária da fazenda e com a sua tia, pessoas que ajudaram na sua criação e que eram muito piedosas. Mas, lamenta não ter tido o mesmo sucesso com os netos:

¹⁹⁴ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Antônia Maria Barbosa. Depoimento concedido em 20/09/2000.

*“A senhora da fazenda era muito católica e a tia Etelvina era muito segura na religião. Ela fazia com que a gente aprendesse a rezá, aprendesse as coisas da religião. Não é como hoje, que a gente chama o neto prá ir a missa e ele fala: ‘_ Ah, vô, vou dormir até mais tarde’. Naquela época, quando a gente era mocinha, tinha que obedecê. Minha mãe era do apostolado da oração, era também muito religiosa. Então, eu não tenho nada que me faça sair de dentro da igreja, que faça eu apagá o meu batismo. Por que a pessoa que é batizada, não adianta, a gente tem fé. Vai numa seita, vai noutra, o que vale na vida da gente é ter fé em Deus e a luz do batismo.”¹⁹⁷
(sic)*

Excetuando as conversas com os amigos que sempre a visitam, a diversão de Luca na cidade hoje, parece ainda estar relacionada à religião, como quando morava na fazenda.

“Tinha sempre festas religiosas. Minha mãe era rezadeira de terço, então tinha aquelas festa de São João. Fora isso, a gente pescava, que era o maior divertimento da gente. Agora, na cidade, apareceu bastante coisa: tinha a irmandade de São Benedito, e a gente trabalhava nas barraquinha, dava almoço, as festa religiosa. Hoje eu rezo, vô a missa, encontro as pessoas na igreja... E procuro seguí a orientação de Deus, ajudá as pessoas que bate na porta esperando alguma coisa da gente.”¹⁹⁸ (sic)

Sobre seus sonhos hoje, não há grandes exigências: não ter mais dívida de imposto e armazém e ser fiel à Igreja Católica, até o momento em que Deus a “chamar para o cemitério”.

Ao ser questionado sobre ausência de imagens de santos em sua casa, o depoimento de Geraldo esclareceu algumas dúvidas e também uma impressão causada em alguns pontos da entrevista, antes que se falasse em religião: o entrevistado, ao falar, repetia frases e enfatizava idéias, como se fosse um pregador. Ao afirmar que tinha assumido a Igreja Evangélica, deduzimos que sua forma de falar tinha sido influenciada pelas pregações do pastor, que costumeiramente utilizam-se da repetição das frases para enfatizar idéias.

¹⁹⁷ “Luca” Wailde P. Domingues. Depoimento concedido em 09/08/2000.

¹⁹⁸ Idem.

“O que aconteceu foi o seguinte: a religião crente era uma religião assim mais severa, purquê, por exemplo, a mulhé crente não pode usá brinco, ela num pode usá calça esporte, ela ão pode cortá o cabelo, purquê o cabelo faz parte do véu. Nós num pode ir im pagode... Nós num participa. Nós só participa da festa da igreja. Nós num bebe, nós num fuma... Nós num pode, éh, éh, olhá a mulhé, não é só a mulher do irmão crente não, qualqué sinhora que passá na rua nós num pode desejá, porque se nós desejá, nós se sente im pecado, nós se sente acuado. Nós num pode lançá a mão nas coisa dos ôtro. Nós num podemos mintí... Nós temo que falá a verdade, purquê se nós mintí, nós tamo pecano. Isso aí é a doutrina do crente, da Assembléia.”¹⁹⁹ (sic)

Argumentou que ele e a mulher aceitaram um dia os insistentes convites de sua vizinha e foram à “igreja dos crentes”, decididos a “não aceitar Jesus naquele dia”, mas que quando lá chegaram e ouviram as bonitas palavras do pastor ao falar sobre Deus, eles se converteram.

“A gente era católico, mas não falava im Deus, num tinha aquele compromisso com Deus, igual ao que a gente tem hoje. Nós aceitamo Jesus como nosso salvadô e hoje nós somo crente. A família veio aceitano Jesus, nossos neto... Só falta, pur ixemplo as duas filha. Mais, no mais, elas já tão acreditano, elas siste nossos hino. O que acontece é que a nossa deversão é a igreja. Nós ouve a televisão, mais é a Betel da Assembléia, hoje nós tem muita festa, nós ouvimo os hino, nós temo festa de fim de ano... Nós se sente muito melhor do que quando a gente ia atrás de pagode, de carnaval. Naquelas hora que nós era católico, era só na hora do aperto, na hora do apuro que a gente lembrava de deus. Eu tô muito satisfeito dentro da Assembléia. Mais, tem que seguí, purquê tem crente de fachada também. Purquê num é fácil sê crente. Nós num podemos participá da Exposição (agropecuária) nem de festa que não é de crente. Na Exposição eu só vou prá trabalhá e vortá prá casa. Nunca participo das conversa lá.”²⁰⁰ (sic)

Em sua trajetória de vida na cidade, Darcy aprimorou seus dotes de violeiro e cantor. Além das noites de fim de semana em seu próprio bar, amplia seus rendimentos financeiros animando festas e churrascos em fazendas e outros eventos para os quais seja contratado.

¹⁹⁹ Geraldo A. de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

²⁰⁰ Geraldo A. de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

Embora seja um leitor de jornais – de onde seguramente provém suas informações sobre a realidade político-econômica e social, que se mostre como um cidadão e que tenha (re)construído uma identidade-síntese de elementos culturais urbanos e rurais, é perceptível, em todo o seu depoimento, a saudade da roça. Afirma que seu gosto pela música caipira se explica “porque ela fala do sertão”.

“A música caipira, ela fala, ela escreve o sertão. É a mesma coisa que a gente tá lá dentro... A música joga a gente lá dentro do mato, vendo aquela natureza, vendo os passarinho cantando, acho que é isso aí. Eu arrepio. Tenho saudade. O dia em que eu comprar um chãozinho meu, eu volto prá trabalhar. Por isso eu gosto da música sertaneja... Ela me põe dentro do mato, do rio... Entendeu? Eu vô falá prá você uma letra que eu iscriví. É inédita, eu pretendo gravá um CD. Ela chama ‘Meu Querido Sertão’.”²⁰¹

E prossegue em seu depoimento, declamando a letra de sua canção que expressa a saudade do campo, mas que também revela uma certa consciência acerca da importância da agricultura para o País e da necessidade da ‘ajuda’ dos governantes e legisladores:

*“Primeira chuva na primavera
Eu sentí o cheiro do chão
Os vegetais todos se esverdeceram
E alegrô o meu sertão.
Lá na mata cantaram os passarinho
Agradeceram com muito carinho
Os lavradores sorriram muito contentes
Chegou a hora de semear sementes*

*Como é gostoso morar aqui no sertão
Respirando o ar puro e zelando das plantação
Deus abençoa os querido lavrador
É o braço forte de sustento da nação*

*Presidente, senadores, deputados
A vocês eu faço o meu pedido
Ajude mais os nosso agricultor
Não são banqueiro, mas filhos de nosso Senhor.”²⁰² (sic)*

Questionado sobre se em algum momento sentiu-se explorado no trabalho, respondeu que “a exploração toda a vida eu vejo e eu via”, mas que isso nunca

²⁰¹ Darcy G. da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

²⁰² Darcy G. da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

interferiu em sua capacidade de trabalho nem o impediu de trabalhar de forma correta, porque “*um erro num cobre o ôtro, piora as coisa*”.

Comenta, orgulhoso, suas experiências como trabalhador urbano nas Lojas Buri, sobre o que diz ter sido “o melhor cobrador que a Buri teve”, e a respeito da profissão de carteiro, que exerceu por dez anos, até abrir seu estabelecimento comercial.

“Era muito cansativo e era uma tarefa muito grande, porque o Correio é do Governo e eles quer recebê maisi, quer exigí dos funcionário o máximo. Maisi... De cobradô prá trabaiaidô no Correio, já era bom negócio... estarquia do Governo, né?”²⁰³ (sic)

Na seqüência de sua fala, relaciona aos governantes os problemas econômico sociais pelos quais, a seu ver, o País está passando:

“Maisi... Falo a verdade pr’ocê. O Brasil, o presidente que nós temo atual lá, governa prá duas classe: prá banqueiro e prá empresário grande. E eles ’tão preocupado mais cuns Estados Unidos do que cum a pobreza no Brasil. É o que a gente vê e sente, né?”²⁰⁴ (sic)

Sobre a seqüência de seu depoimento, é importante ressaltar que sua entrevista foi obtida no primeiro semestre de 2000, portanto numa conjuntura política anterior aos escândalos em torno da violação do painel eletrônico do Senado e das fraudes na SUDAN e SUDENE, que se tornaram públicas no primeiro semestre de 2001. Em suas palavras, transparece o conhecimento acerca dos problemas brasileiros, seu “desencantamento com os políticos” e a esperança de uma solução / punição que, no seu entender, não se dará por ação humana, mas por interferência divina.

A partir de sua interpretação do noticiário, o Congresso Nacional é uma instituição a merecer castigo divino. O “triste fim” dos parlamentares não é referido como vaticínio mas, significativamente, como desejo de punição e desforra.

“Esses dias, o Governo baxou uma medida lá, juro sobre juro. Legal. Eles tá governano prá quem? Eles tá ajudano banquêros. E eles pricisa? Não né? Então, eu, cum pulítica, tô disanimado. Prá sê sincero cum você, o País é um mar de lama e não melhora. Aquele Congresso Nacional, ainda bem que ele é de vidraça, porque só tem

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Ibidem.

coisa negativa, e isso aí, pelo que vejo, um dia vai acabá. Não sei se eu alcanço, tá? Vai acabá, não pur conta dos homens. Vai vim castigo... O ‘povo’ (parlamentares) tá lá dentro roubano maisi... aquilo vai acabá, e o fim desses parlamentares é triste, entendeu?”²⁰⁵ (sic)

Para José Pinheiro, as festas de barraquinha ou a exposição não eram tão interessantes quanto assistir a um comício em época de eleição, quando já morava na cidade. Explica que quando ainda morava na fazenda, veio algumas vezes à cidade para votar e que o patrão sempre o trazia e o levava de volta.

“Aqui, quando eu mudei, era quase que só festa de igreja. A diversão era na época das eleições, quando tinha comício, né? Eu vô sempre no comício que é mais perto de casa. Hoje eu tenho meu voto livre.. Qué dizê, naquela época eu não era obrigado, mais acabava acompanhano o voto do meu patrão. Sempre nós já sabia o candidato dele. Prá nós, o patrão era tudo. Mais eu acho que, na roça, eu votei umas duas ou três vêiz, foi muito pôca vêiz. Eu demorei a fazê meu título. Agora, não. Aqui, todo ano eu voto. A senhora pergunta se pulítica é importante prá pessoa? Eu acho que ao menos pros candidatos é importante. Pros eleitor eu... Eu num acho futuro nenhum, a senhora entende? Eles põe uma pessoa lá que eles num sabe se é bão, se ele é ruim, né? Eu acho o prefeito, tudo aqui, nós somo uma comunidade. Então a gente vai e vota. É preciso votá prá alguém, né? Só que tá cum duas votação que eu perco meu voto, mas se meu candidato candidatá de novo, ele vai podê contá cumigo.”²⁰⁶ (sic)

O marido de Maria de Lourdes vende na feira os doces que ela produz em casa. Segundo ela, os problemas que eles enfrentam no trabalho estão relacionados à má organização da feira, devido ao desinteresse por parte das sucessivas administrações públicas. Afirma que a maior reivindicação que ela e o marido têm feito é a feira coberta, com instalações sanitárias, em uma quadra própria. Alega já estarem cansados das promessas de políticos que quando vencem as eleições, “*nem recebem a gente*”.

A ditadura militar implantada no Brasil em 1964, resultou de um pacto táctil civil-militar, no qual tiveram participação os diferentes setores da burguesia: os industriais e banqueiros, os grandes proprietários de terra, a classe média e os militares. Os militares estavam divididos entre os da Escola Superior de Guerra, mais brandos,

²⁰⁵ Darcy G. da Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

²⁰⁶ José Pinheiro. Depoimento concedido em 23/11/2000.

identificados com o capital estrangeiro, e os da “linha dura”, que propunham maior comando e disciplina na condução do governo do País.

Durante a ditadura, os primeiros conflitos ocorreram com os proprietários de terra, porque o novo presidente, General Castelo Branco, da ESG, apresentou ao Congresso Nacional uma lei de reforma agrária, que foi aprovada mas que, nas duas décadas, promoveu apenas cento e setenta desapropriações de terra. *“Cresceu enormemente a concentração da propriedade fundiária e a proletarização de camponeses (mais de um milhão e seiscentos mil camponeses se converteram em proletários entre 1970 e 1980). Os proprietários de terra, durante todos esses anos, oscilaram muito nas suas posições. Tinham de um lado o Governo que, para apoiá-los, ameaçava-os com a reforma agrária, ainda que débil. De outro, tinham as oposições, os trabalhadores, os esquerdas, os movimentos populares, falando numa reforma agrária e invadindo terras”*.²⁰⁷

A partir de 1973, a classe média, da qual o Governo dependia para se constituir como maioria no Congresso Nacional, começou a empobrecer, atingida pela crise econômica. No ano seguinte, o eleitorado votou maciçamente no MDB – Movimento Democrático Brasileiro – que era o partido de oposição.

Com a “abertura política” iniciada pelo governo Geisel, o partido de oposição e o partido do Governo, a ARENA – Aliança Renovadora Nacional, se fragmentaram em várias outras agremiações políticas, e a legislação eleitoral permitiu a criação de novas siglas partidárias.

A época da euforia econômica do “milagre brasileiro”, notabilizada pelas grandes obras públicas, pelos grandes investimentos e pelos projetos de desenvolvimento econômico, havia chagado ao fim e, dessa maneira, a própria burguesia passou a ter problemas.

A crise econômica atingiu as empresas, o mercado sofreu retração e o nível de vida da população caiu. Na região industrial de São Paulo, explodiram nas fábricas os movimentos de resistência, com a ocorrência de boicotes e diminuição do ritmo de produção e as grandes greves que tiveram início em 1978. A própria burguesia começou a não ver mais solução no regime militar e passou a se interessar pelas oposições que, em 1982, ganharam as eleições em dez dos estados brasileiros, entre eles os mais importantes do ponto de vista econômico e político, como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

²⁰⁷ José de Souza MARTINS. *A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova república”*. p. 25

Correspondendo a posição de “abertura política” do governo do general João Batista Figueiredo, seu vice Aureliano Chaves negociou com a oposição um pacto político. Apesar do grande movimento popular em defesa das eleições diretas para a presidência da República – o movimento denominado “Diretas Já” – foram escolhidos, pela eleição indireta, Tancredo Neves e José Sarney, respectivamente, presidente e vice-presidente. Com o falecimento de Tancredo Neves antes de assumir o mandato, Sarney chega à presidência.

Segundo Martins, a composição do governo Sarney foi conservadora. Ainda que dispusesse em seus quadros de figuras públicas mais liberais e mais comprometidas com as reformas sociais, não havia trabalhadores nem seus representantes participando do Governo. Igualmente conservadora, na opinião do autor, foi a composição do Congresso que, até 1986, detinha uma representação desproporcional de partidos ditos de direita. Uma característica do governo Sarney foram os sucessivos planos econômicos de contenção da inflação, inclusive por meio de congelamento de preços.

A partir dessas alterações no quadro político, em 1985, o País retomou o seu percurso rumo à democracia. Os partidos clandestinos foram legalizados e foi abolida a censura política. A convocação de uma Assembléia Constituinte, em 1986, possibilitou a elaboração de uma nova constituição e instituiu a nova ordem política brasileira.

Em 1990, elegeu-se presidente da República o ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, que deu início ao processo de privatização de empresas e a abertura do mercado nacional. Acusado de corrupção e malversação do dinheiro público, sofreu *impeachment* após dois anos no Governo. O vice, Itamar Franco, assumiu a presidência e, para conter a inflação, instituiu o plano de estabilização econômica conhecido por Plano Real.

Nas eleições seguintes para a presidência da República, foi eleito Fernando Henrique Cardoso, candidato do PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira (uma dissidência do PMDB). Sobre o período de seu governo que ainda se mantém, destacam-se a continuidade do plano de estabilização econômica, as ações privatizadoras de empresa, a emenda constitucional que possibilitou sua reeleição, em 1998, e o envolvimento de senadores e auxiliares em casos de fraude, corrupção e favorecimento ilícito de grupos econômicos.

Considerando-se apenas o período que se inicia na década de 70, Ituiutaba vem sendo até hoje comandada por dois grandes grupos políticos, formados a partir de antigos partidos, a ARENA e o MDB.

Excetuando-se as evasões de praxe, os partidários do MDB, hoje PMDB, permaneceram tradicionalmente vinculados à sigla, constituindo-se ora em partido da situação ora em oposição.

Os antigos partidários da ARENA dividiram-se e assumiram várias siglas partidárias, a começar pelo PDS, que se desmembrou em PFL, PPB e PTB.

De 1970 a 1982, o hoje denominado PMDB manteve-se no poder, sendo afastado da administração por quatorze anos, período em que o grupo originário do PDS permaneceu no comando. Em 1996, o PMDB retomou o governo local.

No âmbito do poder Legislativo Municipal, os dezessete vereadores da cidade, independentemente da sigla a que pertençam, se incluem entre os adeptos de ambas as tendências, não exercendo efetivamente a oposição ao Executivo.

Na Assembléia Legislativa Estadual, nas três últimas décadas, a cidade não dispôs de nenhum representante – o único candidato eleito, na década de 80, assumiu uma secretaria estadual, não chegando a atuar como legislador.

Contudo, na esfera da Câmara Federal, Ituiutaba conseguiu eleger, em 1990, dois representantes, que integravam o mesmo grupo político oriundo da antiga ARENA/PDS e, ambos, ex-prefeitos da cidade. Um deles permanece na função legislativa até hoje, constituindo-se, até às últimas eleições, numa liderança política com feições que mesclam o populismo e o coronelato.

É significativo dizer que os dois grupos partidários, representantes que são da elite agrária dominante, não diferem essencialmente no que é relativo a projetos político-ideológicos, à forma de administrar e até mesmo às estratégias eleitorais. Uma evidência para o que se afirma é que, no último pleito municipal, o candidato à reeleição, pelo PMDB, aliou-se ao deputado federal, que é membro do PPB.

Em termos de projetos políticos, tais grupos se têm limitado, quando no poder, ao continuísmo administrativo, não demonstrando interesse ou ação que vise o desenvolvimento do parque industrial ou do setor de serviços. Suas administrações tem, como característica, dedicar-se a pequenas obras públicas para atendimento de compromissos assumidos em campanhas, e ao asfaltamento de ruas, decorrente das pressões populares de grupos minimamente organizados, ou por meio da interferência

de vereadores e de representantes de bairros. Na forma de conduzir a administração pública, prevalecem o empreguismo, entre os parceiros dos grupos políticos, o fisiologismo, com o Legislativo local, e o nepotismo.

Entre as estratégias eleitorais, se tem mantido uma estreita relação entre os meios de comunicação e o poder constituído, o uso predominante da máquina administrativa, e a “compra de votos”, que se dá por meio da distribuição de cestas básicas ou mesmo de dinheiro vivo.

A imprensa local, conforme já sinalizado neste capítulo, tem sido um dos mais fortes aliados dos candidatos da situação, porque se sustenta com as verbas de propaganda da administração pública que, evidentemente, procura garantir visibilidade na mídia. Em contrapartida, aos partidos de oposição é negado, de forma velada ou ostensiva, as mesmas oportunidades de aparição nesses veículos noticiosos. Outra forma desenvolvida pela imprensa, nos últimos anos, para favorecer os grupos no poder, é a manipulação de pesquisas eleitorais que ou são forjadas ou são encaminhadas por meio de metodologia inadequada.

A máquina administrativa é costumeiramente usada para se vencer pleitos eleitorais, numa reedição de prática coronelista que insiste em persistir, *“porque se apoiam nos mesmos fatores que a criaram ou produziram. Que importa que o ‘Coronel’ tenha passado a Doutor? Ou que a fazenda tenha se transformado em fábrica? Ou que seus auxiliares tenham passado a assessores ou a técnicos? A realidade subjacente não se altera, nas áreas a que ficou confinada. O fenômeno do ‘Coronelismo’ persiste, até mesmo como reflexo de uma situação de distribuição de renda, em que a condição econômica dos proletários mal chega a se distinguir da miséria.”*²⁰⁸

A grande parcela de eleitores ituiutabanos de baixa renda, que dispõem de um nível precário de informação e escolaridade, a maioria oriunda do campo, vê o político como uma entidade a que se deva render homenagem mas, contrariamente ao que possa parecer à primeira vista, não o coloca acima do Bem e do Mal. Não mais o venera como a um pai protetor que o socorre nas aflições. Esses eleitores parecem entender que o período da eleição é aquele que possibilita não a conquista do que, possivelmente, no passado, encaravam como direitos pelos quais lutar ou votar, mas que hoje representam favores e vantagens a serem obtidos de forma negociada e imediata. O emprego para o filho, a receita médica, a cesta básica, são necessidades urgentes demais

²⁰⁸ Barbosa LIMA SOBRINHO. Prefácio. In: Vítor Nunes LEAL. *Coronelismo, enxada e voto*. p. XVI.

para serem postergadas. A confiança nos políticos é baixa e embora reconheçam a importância de seu voto, parecem ter desistido há muito de usá-lo como instrumento de mudança.

Neste cenário, que é mais ou menos freqüente nas cidades interioranas brasileiras, fundou-se em Ituiutaba, em 1981, o Partido dos Trabalhadores, que vem se notabilizando no País pelas propostas em favor dos trabalhadores, pela transparência administrativa e pela suposta ética na condução dos negócios públicos.

Embora enfrentando uma realidade local adversa, em razão de sua histórica defesa da reforma agrária, o Partido vem conseguindo ampliar os votos em seus candidatos. No último pleito eleitoral, quando disputou o cargo de prefeito com o candidato à reeleição, da coligação PMDB / PFL / PTB / PPB / PDT, seu candidato atingiu aproximadamente 22 mil votos, enquanto seu adversário alcançou a cifra, também aproximada, de 29 mil votos.

Na perspectiva do Partido dos Trabalhadores de Ituiutaba, o cenário político se lhes apresenta bastante favorável, principalmente após o último resultado eleitoral. Considerando as dificuldades enfrentadas diante da ação da máquina administrativa e a baixa condição de custeio da última campanha, as próximas eleições representam para o Partido uma possibilidade concreta de vitória, segundo a visão de membros de seu Diretório.

É diante deste contexto que devem ser entendidos os depoimentos de nosso narradores que, ao falar de política, preferem tratar de questões em nível nacional. Os problemas locais são tratados com reserva e até mesmo com cautela: ao que parece, receiam desconstruir o precário equilíbrio de sua rotina de vida arriscando-se a desafiar o sistema a que está vinculada sua sobrevivência material.

Em dois trechos do depoimento de Geraldo, ao falar de seus direitos e do seu reconhecimento da legitimidade do movimento dos trabalhadores sem-terra, explicita-se a cautela na lida com pessoas que, porventura, representem formas de poder. Mas, ao assumir-se favorável aos sem-terra, conscientemente ou não, sua posição representa o questionamento do poder do Governo e o dos grandes proprietários.

“A religião é importante, purquê traiz sabiduria. A gente passa a cunhecê muita coisa, passa a cunhecê os direito da gente. Morá na cidade foi bom, purquê a gente tem os direito da gente. Igual eu, pur ixemplo, apusentei e tive meus direito. Antigamente, cê trabaiava na roça vinte

ano... Cê saía, pronto: num tinha nada. Cê vai pidi o que? Purquê eu num sabia que a gente tinha direito. E o patrão, às vêiz, num sabia... Num vô dizê que o patrão era ruim, não. Às vêiz, ele também num sabia que a gente tinha direito. Purquê que hoje tá difícil o trabaiio na roça? Purquê hoje já tem os direito que obriga o patrão a pagá o empregado direitinho. E aí, têm muitos que num gosta desse tipo de coisa. (...) Tem certos bairros aqui na cidade que tem mais prantação que muitas fazenda. Eu já fui acumpanhano fazendêro, prá prepará churrasco na fazenda. Na hora de í, o fazendêro passô onde? Passô no mercadinho de verdura. Prá quê? Prá levá tumate, prá levá banana. Eu fiquei preocupado e olhei nele assim... Eu tive prá perguntá prá ele assim: ‘Mas o senhor num tem lá, não?’ Aí, eu pensei que ele podia ficá revortado cumigo... ‘Às vêiz, nem vai me levá mais prá trabaiá cum ele, prá matá vaca’. Mas eu fiquei pensativo cum aquilo: ‘Purquê num pode tê as prantação lá?’ Lá, na fazenda, é lugar de produzí. Hoje existe os sem-terra e eles num qué os sem-terra. Eu num sô contra os sem-terra, que eu vi passá na televisão que eles vai colhê oitenta saco de arroiz. Qual é a fazenda que colhe oitenta saco de arroiz?’²⁰⁹ (sic)

Em referência aos trabalhadores sem-terra, Eronides afirma ser inútil o investimento em quem, segundo ele, não sabe gerenciar terras e que seria mais adequado o Governo forçar os próprios fazendeiros a produzir ou arrendar suas terras:

“Eu peço que Deus ajude a colocá um prefeito bão aqui. Eu ouvi dizê que esse que taí vai dá uma terrinha pro pessoal que merece. Mais eu acho os sem-terra... Num sei não, minha cabeça é diferente do Guverno. Acho que num dianta cê querê ajudá alguém que num tem gerença. Num dianta colocá um tratô na mão de quem num tem gerença... Num dianta dá dinhêro. As coisa tem que sê colocada da forma que a pessoa pode ou merece. Esses sem-terra, qué dizê, não desenvorve. Tinha que obrigá o fazendêro a abri uma parte da fazenda e pô em produção de mantimento. Ou então, ele pode alugá a terra, contanto que produza. O Guverno é que manda. Tinha que pô um chefe geral prá coordená e gerenciá a pobreza, sinão não resorve.”²¹⁰ (sic)

Contudo, no depoimento de Darcy, a consciência sobre os problemas políticos brasileiros conduz à revolta, donde resulta a ousadia de expor o que pensa:

No meu pensar, esse Guverno robô mais qui o Fernando Collor. Mais ele é braço de ferro, ele num dobra. Ele

²⁰⁹ Geraldo A. de Oliveira. depoimento concedido em 26/11/2000.

²¹⁰ Eronides Ferreira. Depoimento concedido em 15/08/2000.

paga bem os militar. Ele tá iscorado. Ninguém tira ele não. Purquê é muita CPI de banco que ele num deixô fazê, né? O País num muda, não, certo? Aquele Antônio Garotinho, que a gente achava que era um ispelho, né? Tá lá, cum monte de problema aparecendo no jornal, né? Eles vai infiltrano... As pessoa que entra dentro da pulítica... Ali deve tê uma partilha. É a regra do jogo, não? 'Ou entra prá ganhá ou nós corre cum você'. Tem pessoas boa na pulítica, num são tudo igual. Mais eu acho que é um percentual de um pur cento, num chega a dois. Cês vão vê o castigo... Purquê 'eles' tão surrano a pobreza, né? Purquê tá tudo muito pior, cê concorda comigo, que tá? Supermercado, a gente vê as coisa subino todo dia. A inflação existe, tá manipulado, né? Ela tá aí prá quem quizé vê. 'Eles' sobe energia, 'eles' sobe a gasulina, 'eles' sobe o óleo diesel que é a base da agricultura. 'Eles' sobe telefone. 'Eles' sobe o tanto que 'eles' qué, tá na mão 'deles'."²¹¹ (sic)

Desconfia também da imprensa, a qual considera um poder aliado aos interesses dos governantes:

"A imprensa tá falhano muito nessa questão de índice de inflação. Eles tá ajudano o Governo a manipulá. Purquê se a imprensa tivesse interesse de entrá profundo nessa matéria aí, eles ia prová que há inflação no País, concorda? Eu acho que as ôtra coisa, tão noticiano direito, igual deputado involvido cum droga, mas tá pecano nessas ôtras parte, né? Agora, pensa que o Governo dá quinze reais de aumento no salário mínimo, enquanto o deles, né? O deles têm toda a regalia do mundo, né? Eles vai lá, sobe treis mil e quinhentos. Isso é uma afronta pro País, né? O salário, 'eles' diz que quebra a Previdência. Quebrá como? Se 'eles' tivesse vontade mesmo de dá um salário bom, a nível de... Um salário mínimo... Quem é que consegue vivê? Num pode nem pensá em ficá doente, né? Tem que cumê uma carne, sinão num tem como, né? O brasileiro tá vegetano. Tem meia dúzia viveno e o resto vegetano."²¹² (sic)

Ao ser indagado sobre se conversa com seus fregueses sobre questões políticas, ele apressa-se em responder, mas apenas tangenciando questões locais:

"Converso. Nós conversa muito. É um povo triste, quase sem esperança. Purquê é muito triste a gente pensá que cum voto a gente consegue. A gente acredita numa pessoa e passa dois, treis ano, ele vai decepcionano. Vai

²¹¹ Darcy G. Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

²¹² Darcy G. Silva. Depoimento concedido em 24/04/2000.

caino por terra aquela esperança, né? É muito duído, né? A gente dá credibilidade a uma pessoa e, de repente, né? Na nossa cidade aqui, vereador subornano o Município... Num sei se vão prová, né? E contra aqueles deputado que tão envolvido, num sei se vão prová, né?”²¹³ (sic)

Acerca do sistema de apadrinhamento político vigente no meio rural, especialmente quando ainda era jovem, Aristoclides confirma que tais métodos ainda persistem, em sua vivência na cidade, ainda que ajustados à realidade urbana:

“Meu pai tinha os amigo dele de ‘pusição’. Nas eleição, ele cumpanhava aqueles amigo dele mais graduado e ele obrigava os fíio a cumpanhá ele. Purquê o dia qui pricisava dum fazendêro, ou dum favô dum homi graduado, sabia onde é qui tava o padrinho dele. Os fazendêro de lá sabia onde é qui eles ia e meu pai sabia onde é qui eles apadrinhava. Ele pegava uma garupa cum eles... tanto que meu pai nunca teve crise. Nasceu pobre, morreu pobre, mas remediado. Nunca teve crise, não. Hoje, é o mesmo sistema da pulítica de antigamente: uns pelos ôtro. Pricisava dum home prá trabaiá, prá fazê um sirviço, o fazendêro sabia quem eles divia prcurá quem era ‘deles’. Aqui, se a gente ocupa um candidato e ele atende, nós ficô atendido. Então, resultado, ele pode contá com a gente. É tudo na cunfiança.”²¹⁴ (sic)

Sebastião – que, entre todos os entrevistados para este trabalho, foi o único a relatar sérios desentendimentos com os proprietários rurais com quem trabalhou – demonstra ter construído em sua vivência uma visão otimista acerca da possibilidade de melhoria de sua vida material e de transformação do País pela via partidária e pelo voto:

“Eu era do lado do Getúlio Vargas. Ele num aguentô a pressão da UDN e suicidô. Quando ele morrei, eu fiquei triste. Purquê ele criô aquele abono familiar e o salário mínimo. As leis trabalhista... Eu sempre fui de isquerda. Desde os tempo da ARENA eu era MDB. Hoje, eu sô PT. Aqui na cidade, eu só voto no PT. Você veja, nesses partido aí, num tem ninguém prá concorrê com o Fernando Henrique, só o Lula mesmo. Mais o povo inda tá muito bobo, ainda, fica acreditano que o Lula é isso, que o Lula é aquilo... Quando é época de eleição, eu falo muito sobre os candidato, nas fêra, no meu trabalho. Eu

²¹³ Idem.

²¹⁴ Aristoclides A. Ferreira. Depoimento concedido em 20/11/2000.

falo que é preconceito contra o PT. Que o PT é o único partido que é social... Que assim... pensa nos pobre.”²¹⁵

As dificuldades enfrentadas por nossos narradores, como o trabalho excessivo, as raras possibilidades de lazer, a luta diária – no passado e no presente – tem sido compensadas pela religiosidade. Em seu entender, os problemas causados pelo homem não são solucionáveis por mãos humanas e sim pela interferência divina.

Ainda que fosse desejável que nossos narradores tivessem percebido o contexto político-econômico que deu início as transformações em suas vidas, isso de fato não correu, ou não ocorreu em suas lembranças.

Contudo, é significativo reconhecer em sua trajetória de vida no campo e na cidade, a capacidade de criar alternativas e estratégias de manutenção de suas vidas, de seus valores e sentimentos como também de, nessa caminhada, deixar seus rastros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme é demonstrado pelos testemunhos de nossos entrevistados em seu recurso à própria memória, consideramos que suas vivências culturais – aqui entendidas como processos que constituem modos de vida – primam pela diversidade, sendo impossível falar-se em unicidade ao tratar de sua cultura.

É uma cultura que se constrói na própria dinâmica da vida e, neste aspecto, está sempre sujeita a modificações impostas pelas conjunturas históricas, pelos contextos socioeconômicos e políticos em que estão inseridos seus sujeitos. Em razão

²¹⁵ Sebastião Duarte. Depoimento concedido em 06/04/200.

do embate entre resistências e permanências, é sempre uma possibilidade a recriação do “novo”.

Transferir-se para a cidade revelou-se aos nossos narradores uma necessidade de buscar novas alternativas de vida para si mas, especialmente, para os próprios filhos. As condições de trabalho no campo, a partir das alterações provocadas pelo estabelecimento do capitalismo e, na visão de alguns deles, “a falta de chuvas”, apresentaram dificuldades que sinalizavam para a ausência de perspectivas de vida e trabalho para os pequenos produtores, para os meeiros e para os agregados.

O seu projeto de “vida nova” passou a ser escorado na cidade onde, nas palavras de Aristoclides, “*sempre tem alguma coisa prá fazê*”.

O futuro dos filhos estaria garantido nas escolas da cidade, onde era necessário que aprendessem um pouco mais “*ler, escrever e fazê conta*”. Intuitivamente, perceberam a racionalidade exigida pelo novo lugar naqueles novos tempos. Ainda que alguns, como Darcy e Maria de Lourdes, não tenham estudado por mais que três anos, seus filhos freqüentam regularmente a escola e têm ambições de cursar alguma faculdade, ainda que enfrentando as dificuldades com os custos de tal projeto. Dos três filhos de Geraldo, que não sabe ler nem escrever, a filha mais nova concluiu o curso de Serviço Social e passou dois anos na Inglaterra aprimorando-se na língua inglesa. Dos filhos de Aristoclides, três deles concluíram o Ensino Médio: o mais velho é hoje proprietário de um supermercado e o outro elegeu-se vereador, nas últimas eleições. Os filhos de Sebastião e Maria Ambrózio estudaram o suficiente para conseguir garantir um emprego seguro, com rendimentos a depender do nível de escolaridade atingido.

A aventura de viver na cidade descortinou uma realidade cheia de desafios enfrentados cotidianamente, no tocante à adoção de formas de sobrevivência material e na constituição e recriação de hábitos, costumes, valores e sentimentos. O espaço urbano ativou um processo pelo qual foram abandonados e/ou mantidos aspectos da cultura rural, mas seguramente uma nova identidade social foi recriada.

Sair do campo significou para esses homens e mulheres não, apenas, desistir de um meio social de vida em que nasceram e em que vivenciaram sua infância e sua mocidade. Sua transferência de um meio ao outro deve ser também encarada numa perspectiva em que seja possível glorificar sua força, sua resistência à adversidade e a sua esperança, elementos, inegavelmente, contidos na decisão de trilhar um caminho a ser aberto no próprio caminhar.

Nesse longo trajeto, eles deixaram seu registro cultural – nos modos de morar e se alimentar, nos usos da cidade e do bairro, nas relações de vizinhança, na forma de falar e nas estratégias de luta por direitos. “*O constante ir e vir das pessoas acontece sem que elas deixem rastros aparentes, apesar da advertência de Benjamim de que ‘habitar é deixar rastros’.*”²¹⁶

No esforço de análise empreendido acerca das motivações de nossos entrevistados ao decidir sair do campo e de suas estratégias culturais de manutenção da vida na cidade, foi possível observar que sua trajetória urbana mescla permanências, desistências e recriações que apontam para o entendimento de que, nessa experiência, deu-se a construção de uma nova identidade cultural. Tanto no que se refere ao grupo social em estudo – pessoas saídas do campo e instaladas na cidade no momento em que esta se via em processo de urbanização – quanto da própria cidade, ampliada espacialmente em seus limites urbanos e robustecida culturalmente de elementos da cultura rural.

Pelas narrativas, é incontestável que o “colchão de espuma” – referenciado por Luca, elemento simbólico do viver urbano moderno, substituiu o “colchão de palha” onde o caipira repousava à noite o seu corpo cansado, recuperando a energia para a luta cotidiana. Mas também é inegável que, se por um lado, “colchões de palha” foram sendo gradualmente substituídos por modelos macios e mais adequados aos tempos de progresso industrial, por outro, houve práticas artesanais e/ou tradicionais que permaneceram ou se recriaram: são os doces e os chás caseiros; a comida saborosa e apimentada – algumas delas ainda preparadas em panelas de ferro transmutadas em churrasqueiras, onde hoje as brasas são sopradas apenas em dias de festa e confraternização.

As pamonhas e pudins de milho, ainda que sua feitura não se cerque do alegre ritual das mulheres em mutirão na roça, ainda são produzidos, distribuídos e apreciados por amigos e vizinhos que com eles presenteiam ou são presenteados, ou mesmo por qualquer pessoa que se disponha a comprá-las em panificadoras, nas feiras e lojas do ramo ou a domicílio.

A guariroba, produzida na região, é hoje um complemento alimentar indispensável nos restaurantes e churrasarias. Servida crua como salada ou mesmo

²¹⁶ A. Fani A. CARLOS. A construção de uma nova urbanidade. In: J. BORZACCHIELLO da SILVA (org). op. cit. p. 199

cozida, são ambas temperadas sempre com muita pimenta. Atualmente, é comercializada também na forma de conservas, o que possibilita disseminar pelo território nacional aquelas embalagens atraentes de vidro, cujas tampas arrematadas por tecido e laço de fita, parecem ter pretensão de dissimular, para os iniciantes, o gosto amargo da iguaria, típica do Triângulo Mineiro.

Alimentos como frango e arroz, consumidos nas fazendas separados um do outro, nos novos costumes na cidade foram unificados em um só prato, denominado “galinhada”.

Degustá-lo era um tanto complicado, para os urbanos recém-chegados à cidade, porque o prato era preparado com as partes do frango cortadas nas articulações e acompanhadas dos ossos, o que dificultava o manuseio dos talheres, habitualmente, descartáveis nas festas mais populares. Com o transcurso do tempo, a racionalidade urbana veio alterando o prato, e as partes do frango passaram a ser cortadas em tamanhos menores, mas ainda sem se retirar os ossos. Atualmente, está definitivamente consagrada a galinhada sem ossos: é servida, quase sempre, na própria panela, acompanhada de guariroba, mandioca e vinagrete.

Em quaisquer comemorações em festas informais de fim de ano, nas escolas e no trabalho, ou como complemento ao final de um churrasco, este alimento é, inevitavelmente, servido, ainda mais porque há várias senhoras especializadas na confecção do prato, na cidade, o que viabiliza o consumo.

A forte relação do caipira com a terra manifesta-se na permanência do hábito de plantio: todos os narradores experimentaram ou ainda experimentam plantar uma horta, um mandiocal e um milharal, na cidade, em alguma época de sua vida. Alguns por mais tempo, outros por menos tempo, mas todos aqueles que têm terreiro em casa tem plantados ervas medicinais, salsas e cebolinhas, dois ou três pés de couve, mangueiras e bananeiras.. De nossos entrevistados, Geraldo é o mais persistente, pois ocupa dois lotes de um vizinho, à beira de um córrego, com suas plantações de “*um pouco de tudo*”.

Outro aspecto em que o elemento rural foi resistente ao tempo e ao ambiente urbano foi o linguajar inconfundível do caipira: a dicção e as expressões típicas do sertão mineiro, a precariedade da concordância verbal e a pronúncia gramaticalmente incorreta de muitas palavras são recorrentes em suas narrativas. Por outro lado, alguns

demonstraram ter assimilado regras do “bem falar” urbano, em razão da convivência, no trabalho, com pessoas de “*alta sabedoria*” e com os próprios filhos.

Para alguns historiadores, a memória deve ser investigada com alguma medida de criticidade, em razão de que não consideram sua confiabilidade como fonte histórica. O argumento principal desses críticos é que a idade avançada, a nostalgia dos entrevistados, a subjetividade contida nas entrevistas e a influência das versões coletivas e retrospectivas do passado distorcem os acontecimentos. Surgiram então os primeiros manuais sobre História Oral que, baseada na Psicologia Social, na Sociologia e na Antropologia, forneceram indicações de como lidar com as fantasias da memória e a influência do entrevistador e como interpretar as reminiscências, combinando-as com outras fontes históricas.

Sobre esta questão é necessário dizer que, neste trabalho, buscamos descobrir como as coisas aconteceram, mas não como as coisas aconteceram realmente. Buscando valorizar a memória individual e as versões diversas sobre o passado, deixamos de privilegiar uma história isolada das motivações de nossos narradores. “*Na tentativa de eliminar as tendências e fantasias, alguns profissionais se descuidavam das razões pelas quais as pessoas constroem suas memórias de modo específico e não conseguem enxergar como o processo de afloramento de lembranças poderia ser a chave para ajudá-los a explorar os significados subjetivos das experiências vividas e a natureza da memória individual e da memória coletiva*”.²¹⁷

Nessas perspectivas, buscamos extrair dos depoimentos o máximo de proveito, procurando explorar a memória e suas relações com a identidade, em benefício da pesquisa histórica. Em questões relacionadas à política, por exemplo, restou-nos a sensação de que a cautela e o laconismo da maioria dos narradores se explicava mais pelo cuidado em não se comprometer, do que por desinteresse, no passado ou no presente, o que com maior ou menor intensidade, é uma percepção que permite vislumbrar motivações e significados que podem merecer aprofundamento em outras pesquisas, posteriormente.

Para nossos narradores, a história que contribuiu na recriação de suas identidades é esta, contada por eles, a partir da recorrência às lembranças e ao lugar da memória. “*Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes,*

²¹⁷ Alistair THOMSON. op. cit p. 52

particulares ou simbólicas e sensível a todas as transferências, cenas, censuras e projeções.”²¹⁸

É forçoso dizer que o historiador trabalha numa zona indefinida em que a investigação da realidade é afetada pela sua própria subjetividade. É incontestável que o historiador explica, compreende ou narra a história segundo sua visão peculiar de mundo. O seu grau de (des)compromisso com a realidade social, o (des) engajamento em favor das lutas sociais sempre se manifestam no momento em que fizer suas escolhas e em que lide com a história: seja compondo uma narrativa verdadeira ou uma verdade romanceada, seja produzindo uma narrativa-ficcional-quase-verdade ou ainda optando pela história do imaginário, das representações ou da experiência social. Afinal, na busca da verdade só se tem acesso à metade dela, já que ela própria é constituída por duas metades diferentes. Ao optar pela “metade mais bela”, cada um o faz “*conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia*”.²¹⁹

ANEXOS

²¹⁸ Pierre NORA. Entre memória e história. *Projeto História*. PUC – SP, dez/93, nº 10. p. 9

²¹⁹ Carlos DRUMMON de ANDRADE. “A verdade dividida”(s/d).

FOTOGRAFIAS

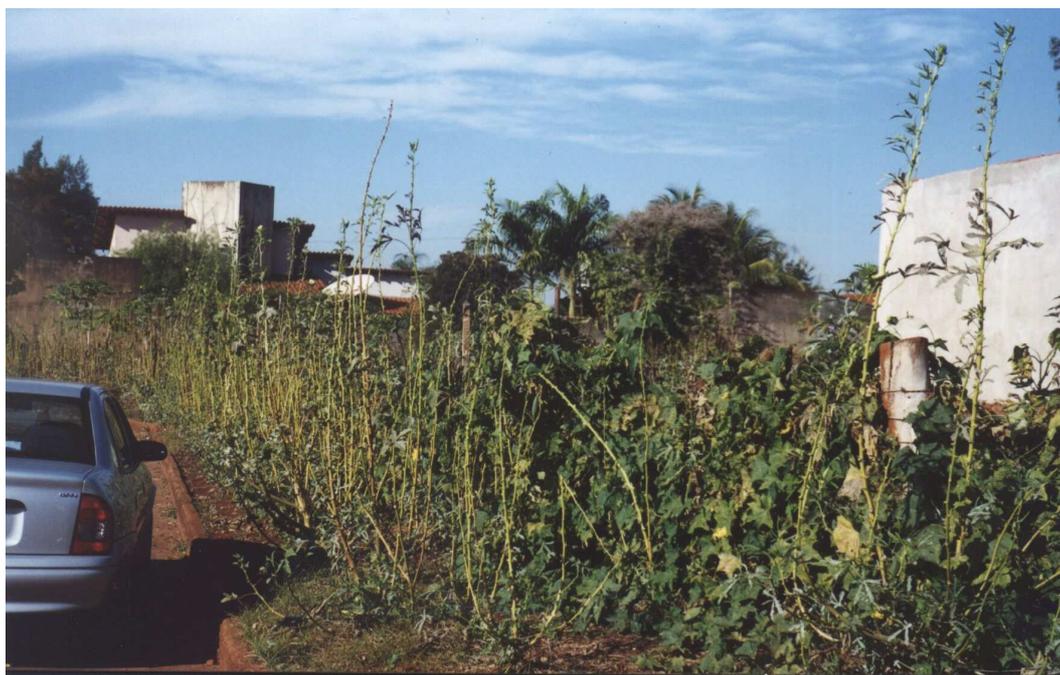


FIGURA 1:
Plantação de quiabos e abóboras em área de calçada no Bairro Carvalho, próximo ao Bairro Junqueira, em Ituiutaba – 2001.
Fotografia: Gustavo Adolpho S. Duarte



FIGURA 2:
Barraca de feira no Bairro Junqueira, em Ituiutaba, onde Eronides vende guariroba – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 3:
Eronides, na varanda de sua residência, descaixotando as peças de guariroba, ao final da feira – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte

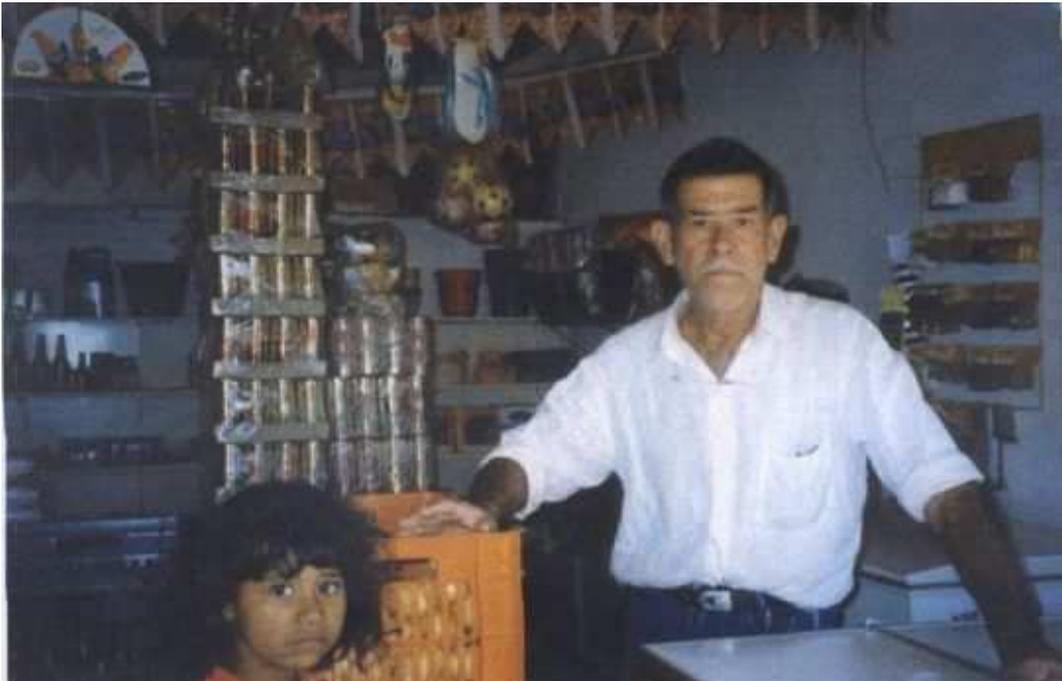


FIGURA 4:
Aristoclides atendendo uma freguesa em seu armazém, no Bairro Junqueira, em Ituiutaba
– 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 5:
Luca, em frente a sua casa, no Bairro Natal, em Ituiutaba – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 6:
Sebastião Duarte e Maria Ambrózio no quintal de sua casa,
ladeado por árvores frutíferas e vasos de plantas – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 7:
Maria Ambrózio ao lado do fogão de lenha, em sua casa no Bairro Junqueira – 2001.
Fotografia: Gustavo Adolpho S. Duarte



FIGURA 8:
Luca, em frente ao fogão de lenha, após o preparo do almoço de domingo – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 9:
Aristocledes, no portão de sua casa, no Bairro Junqueira, em Ituiutaba – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 10:
Darcy, tocando violão em frente ao seu bar, no Bairro Carvalho, próximo ao Bairro Junqueira, em Ituiutaba – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte

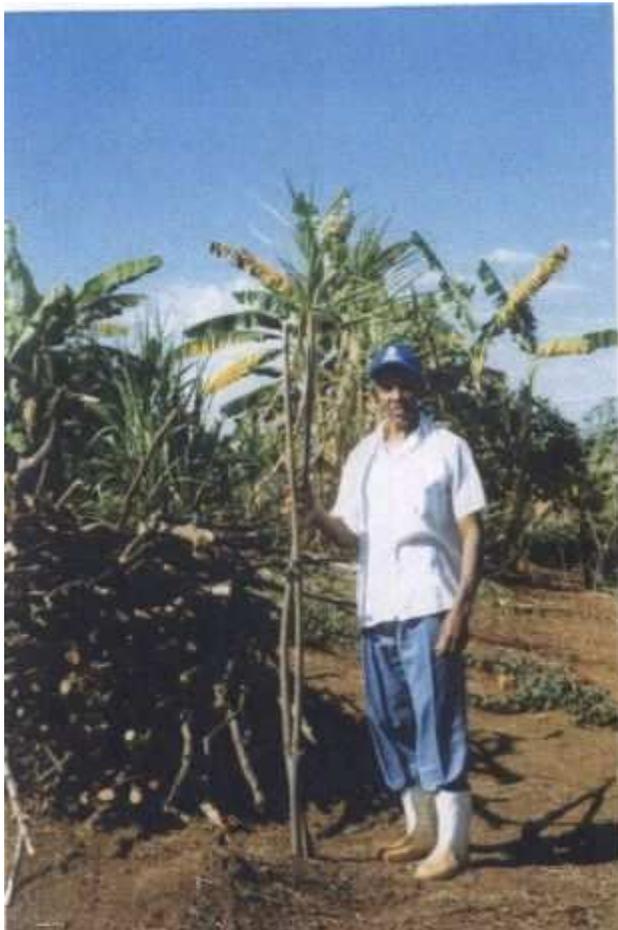


FIGURA 11:
Geraldo, empilhando lenha, no terreno onde cultiva
bananeiras e pimeiteiras, no Bairro Natal, em
Ituiutaba – 2001.
Fotografia: Márcia Q. S. Duarte



FIGURA 12:
Sebastião, no quintal de sua casa, no Bairro Junqueira
– 2001.
Fotografia: Gustavo Adolpho S. Duarte



FIGURA 13:
Geraldo, no dia em que foi batizado na Igreja Evangélica – 1998.
Fotografia: Cedida pelos familiares.



FIGURA 14:
Geraldo exibindo os peixes pescados por ele no Rio da Prata – 2001.
Fotografia: Cedida pelos familiares.

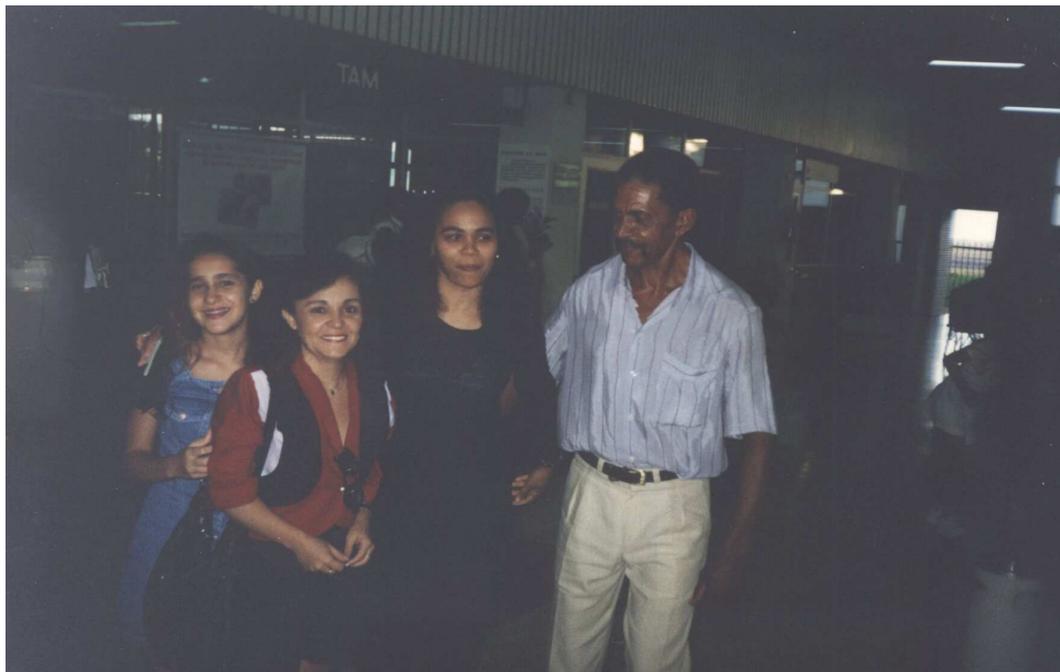


FIGURA 15:
Geraldo, no embarque da filha para a Inglaterra, no aeroporto de Uberlândia – 1995.
Fotografia: Cedida pelos familiares.



FIGURA 16:
Grupo de Folia de Reis capitaneada por Darcy que, na foto, aparece atrás do rapaz com a bandeira – 1997.
Fotografia: Cedida pelos familiares.

GLOSSÁRIO

- “**Água esperta**” – água com temperatura entre morna e quente.
- “**Aquelas hora**” – aqueles dias, naquela data
- “**Arrebatado**” – levado ao céu de corpo e alma
- “**Amigos de posição**” – amigo sde prestígio
- “**Apadrinhava**” – buscava favores, privilégios
- “**Carne de bicho**” – carne de caça
- “**Corgo**” – córrego
- “**Coisa-ruim**” – o demônio
- “**Coresma**” – quaresma
- “**De primêro**” – antigamente, antes
- “**Sisacussuô**” – desanimou
- “**Estarquia**” – autarquia
- “**Fii**” – filho
- “**Gerença**” – competência, capacidade administrativa
- “**Homi graduado**” – homem com prestígio político e econômico
- “**Iscorado**” – apoiado, baseado, garantido
- “**Maisi**” – mas
- “**Mii**” – milho
- “**Muié**” – mulher
- “**Pegava uma garupa**” – aproveitava a oportunidade, acompanhava
- “**Pegava criança**” – fazia parto
- “**Porcariada**” – bobagens, sem-vergonhice
- “**Prêles**” – para eles
- “**Quem era deles**” – correligionário, adeptos da mesma posição partidária ou ideológica
- “**Rádio cum pia**” – rádio à pilha
- “**Reisi**” – reis
- “**Sal de grave**” – sal de Glauber
- “**Se turbô**” – aborreceu-se, preocupou-se
- “**Surrano**” – maltratando
- “**Tive um quadro**” – tive uma visão, vi uma imagem

FONTES

I – Orais

- 1 - Antônia Maria da Conceição Barbosa, 51 anos, dona-de-casa, residente em Ituiutaba. Entrevista em 20/09/2000, 60 minutos.
- 2 - Aristoclides Antônio Ferreira, 75 anos, comerciante de “secos e molhados”, residente em Ituiutaba. Entrevista em 20/01/2000, 60 minutos.
- 3 - Darcy Gonçalves da Silva, 51 anos, comerciante de armazém/bar, residente em Ituiutaba. Entrevista em 24/04/2000, 60 minutos.
- 4 - Eronides Ferreira, 63 anos, pequeno produtor urbano e feirante, residente em Ituiutaba. Entrevista em 15/08/2000, 60 minutos.
- 5 - Geraldo Alves de Oliveira, 70 anos, churrasqueiro, residente em Ituiutaba. Entrevista em 26/11/2000, 60 minutos.
- 6 - José Pinheiro, 71 anos, aposentado, residente em Ituiutaba. Entrevista e, 23/11/2000.
- 7 - Manoel Barbosa, 59 anos, feirante, residente em Ituiutaba. Entrevista em 28/10/2000, 40 minutos.
- 8 - Maria Ambrósio Duarte, 68 anos, dona-de-casa, residente em Ituiutaba. Entrevista em 06/04/2000.

9 - Maria de Lourdes Vieira da Silva, 52 anos, doceira e dona-de-casa, residente em Ituiutaba. Entrevista em 15/08/2000.

10 - Sebastião Duarte, 74 anos, jardineiro, residente em Ituiutaba. Entrevista e, 06/04/2000.

11 - Wailde Pacífico Domingues, conhecida por “Luca”, 73 anos, doceira e dona-de-casa, residente em Ituiutaba. Entrevista em 09/08/2000.

Outros entrevistados:

1 - Roberto Lima, agrônomo e funcionário da EMATER.

2 - Manuel Jorge Beltrão de Castro, coordenador-gestor de programas da EMATER, aposentado.

3 - Antônio José Severino, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba.

II – Escritas

A – Jornais

- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 09-01-1977.
- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 27-01-1977.
- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 09-03-1977.
- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 10-12-1977.
- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 09-01-1982.
- Jornal “Cidade de Ituiutaba”. Ituiutaba. 06-04-1983.

B – Obras memorialistas

- CHAVES, Petrônio Rodrigues. O vale da fartura. edição de autor, 1985.
- _____. A loja do Osório. Edição do autor. 1984.

“O vale da fartura” foi importante neste trabalho no sentido de que retrata aspectos da cidade, antes de 1970, como o desenvolvimento da lavoura do arroz, e porque dedica um capítulo ao tratamento das crenças, dos ditos populares, das benzições e dos remédios caseiros.

C – Literatura temática

- J. Guimarães ROSA. Grande sertão: veredas. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

Esta obra foi significativa, no tocante ao aspecto do linguajar e à realidade de vida do sertanejo mineiro, que são retratadas pelo autor.

- MACHADO JR, Odilon e MARTINS, Cláudio I. Ituiutubo (s.d.).

Texto teatral, já encenado em Ituiutaba em duas temporadas. Trata-se de um trabalho de autores ituiutabanos que retrata tipos, situações e hábitos singulares fortemente presentes na cultura da cidade, até a década de 80.

D – IBGE

- Censos demográficos – 1950, 1960, 1970, 1980, 1991.
- Censos agropecuários – 1950, 1960, 1970, 1980, 1991.

E – Sindicatos

- Livro de homologação de Acordo Trabalhista do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ituiutaba.

F – Órgãos Públicos Municipais

- Código de Posturas do Município de Ituiutaba, MG. Secretaria Municipal de Planejamento – Lei nº 1.363 de 10/12/70.
- Código Sanitário Municipal de Ituiutaba, MG. Secretaria Municipal de Planejamento. Lei nº 3.237 de 11/06/97.

II – Escritas

- Acervo fotográfico de particulares.
- Fotografias da pesquisa de campo.

BIBLIOGRAFIA

- ALEM, João Marcos. *Caipira e country: a nova realidade brasileira*. São Paulo: USP, 1996 (doutorado em Sociologia).
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec (s/d).
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BORZACHIELLO da SILVA, J. et al (org). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____ (org) *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BRESCIANI, M. Stella. A cidade das multidões, a cidade aterrorizada. In: PECHMAN Robert Moses (org) *Olhares sobre a cidade I (s/d)*.
- CÂNDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus modos de vida. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.
- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (org) *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CARVALHO, M. Alice R. *Quatro vezes cidade*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____ *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- _____ *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1982.

- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos avançados* (11), v. 5, São Paulo, USP, 1991. pp. 173-191.
- _____ *A História cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertraud, 1990.
- CHAVES, Petrônio R. *O vale da fartura*. Ituiutaba: edição do autor, 1985.
- DAVIS, Natalie Z. *Culturas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEBERT, G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth (org). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- D’INCAO, M. Conceição. *O “bóia-fria”*: acumulação e miséria. Petrópolis: Vozes, 1983.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.
- ESPIG, Márcia Janete. Limites e possibilidades de uma nova história cultural. In: LOCUS – Revista de História. Juiz de Fora: EDUJF.
- FENELON, Déa. Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. In: *Projeto História*. PUC-SP (10) dez/93. pp. 73-90.
- FERREIRA, M. e AMADO, J. (orgs) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGU, 1996.
- FONTANA, Josep. *História: análise do passado e projeto social*. São Paulo: EDUSC, 1998.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- _____ *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____ Apontar e citar. A verdade da história [1989]. In: *Revista de História*, IFCH – UNICAMP, 1991. pp. 91-103.
- GAY, Peter. *O estilo na História*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

- GUIMARÃES Rosa, João. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Abril Cultura, 1983.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOBBSBAWM, Eric. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre a história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- _____ O ressurgimento da narrativa: alguns comentários. In: *Revista de História*, Campinas – UNICAMP, 1991.
- _____ *Sobre a História*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____ *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- _____ *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- HUNT, Lyn (org) *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LEAL, Vítor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.
- LOUREIRO, M. Rita. *Terra, família e capital*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MACHADO, M. Clara T. *Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo. (1950 – 1985)*. Tese de doutorado, USP, 1998.
- MARTINS, José de Souza. *A reforma agrária e os limites da democracia na “Nova República”*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____ *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo: Pioneira, 1975.
- _____ *Não há terra para plantar neste verão*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- _____ *A sociabilidade do homem simples*. São Paulo: Hucitec, 2000.

- MATOS, Maria Izilda Santos de. Entre o campo e a cidade: tensões e polêmicas em torno das indústrias de juta. In: *Projeto História*. PUC-SP (19), nov/99. pp. 59-78.
- _____ Para além das tensões campo e cidade: o ruralismo brasileiro. In: *Projeto História*. PUC-SP (19), nov/99. pp. 291-295.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História*. trad. Yara Aun Khoury. PUC-SP (10), dez/93. pp. 7-28.
- OLIVEIRA, Dalva Maria. *Memória: lembrança e esquecimento*. Trabalhador nordestino no Pontal do Triângulo Mineiro. 1950 – 60. PUC-SP. Dissertação de Mestrado, 1997.
- PIQUET, Rosélia. A avaliação de projetos como um novo campo de pesquisa. In: LAVINAS, Lena et al. *Reestruturação do espaço urbano e regional*. São Paulo: Hucitec, 1993.
- PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: *Projeto História*. PUC-SP (10), dez/93. pp. 41-70.
- _____ Forma e significado da História Oral. a pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*. PUC/SP, (14) 1997. pp. 7-24.
- _____ O que faz a história oral diferente. In: *Projeto História*. PUC-SP (14), 197. pp. 25-38.
- SANTANA, Charles D’Almeida. *Fatura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano emigrações – Bahia (1950 80)*. São Paulo: Annablume, 1998.
- SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec, 1994.
- STONE, Laurence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In: *Revista de História*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*. PUC-SP (15) 1997. pp. 51-83.

- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. I – Prefácio e v. II – A maldição de Adão.
- _____ O tempo, a disciplina no trabalho e o capitalismo industrial. In: SILVA T. Tadeu (org). *Trabalho, Educação e Prática Social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____ *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- _____ *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. cap. VI e VII.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- VAINFAS, Ronaldo. Da História das Mentalidades à História Cultural. In: *Revista-História*. São Paulo: UNESP, v. 15, 1996.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UnB, 1995.
- VOVELLE, Michel. *Ideologia e mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo de a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____ *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)